

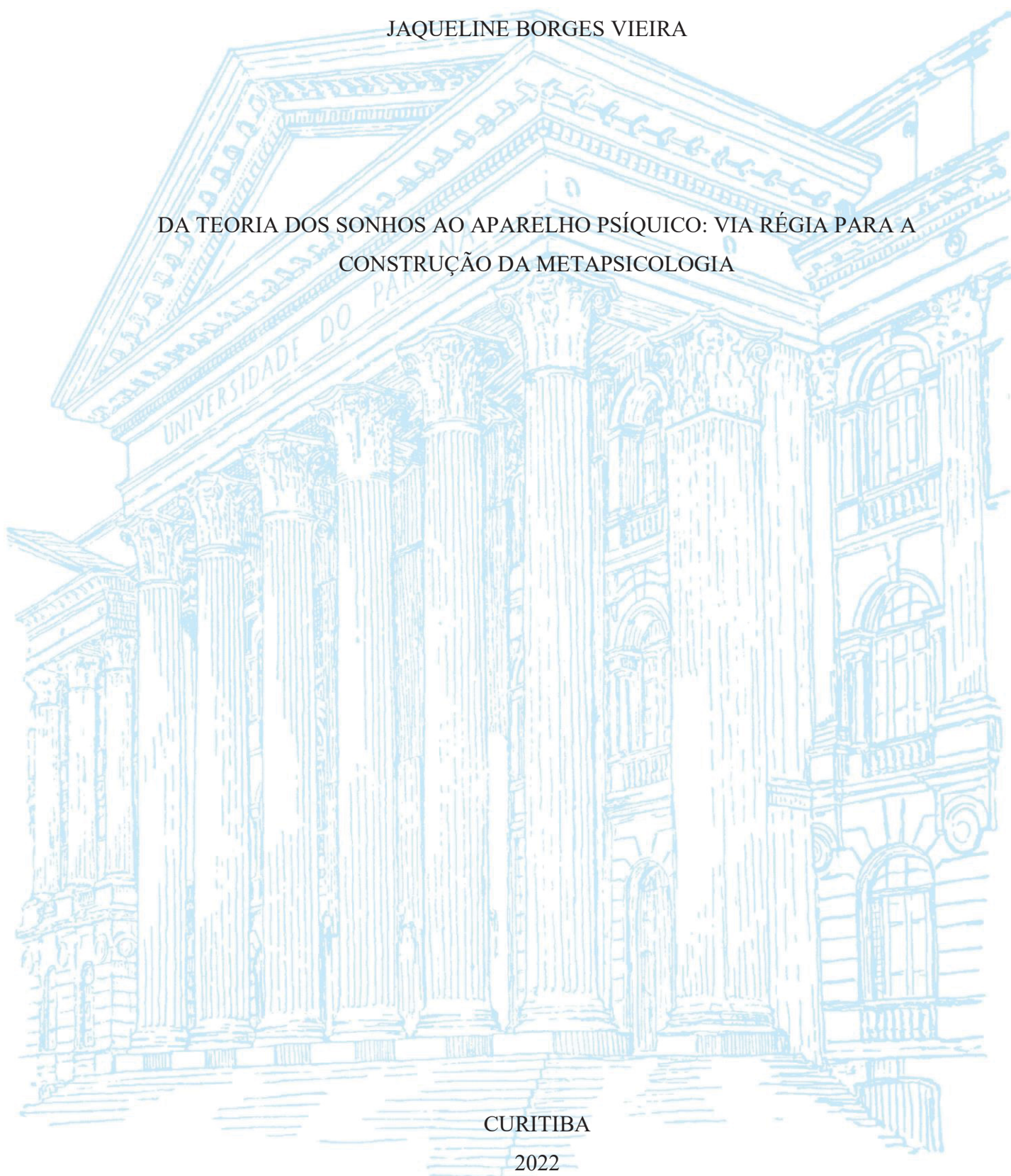
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAQUELINE BORGES VIEIRA

DA TEORIA DOS SONHOS AO APARELHO PSÍQUICO: VIA RÉGIA PARA A
CONSTRUÇÃO DA METAPSIKOLOGIA

CURITIBA

2022



JAQUELINE BORGES VIEIRA

DA TEORIA DOS SONHOS AO APARELHO PSÍQUICO: VIA RÉGIA PARA A
CONSTRUÇÃO DA METAPSIKOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia – Setor de Ciências
Humanas, Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SISTEMA DE
BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Vieira, Jaqueline Borges

Da teoria dos sonhos ao aparelho psíquico : via régia para a construção da metapsicologia. / Jaqueline Borges Vieira. – Curitiba,2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Psicologia) – Universidade Federal doParaná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

1. Sonhos. 2. Metapsicologia. 3. Psicanálise. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Pinheiro, Nadja Nara Barbosa. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JAQUELINE BORGES VIEIRA** intitulada: **Da teoria dos sonhos ao aparelho psíquico: via régia para a construção da metapsicologia.**, sob orientação da Profa. Dra. NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 18 de Maio de 2022.

Assinatura Eletrônica

18/05/2022 15:35:17.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

18/05/2022 14:59:28.0

MAURICIO JOSE D ESCRAGNOLLE CARDOSO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

19/05/2022 11:59:21.0

MONAH WINOGRAD

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 186887

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 186887

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à UFPR, Universidade em que realizei minha graduação e pós-graduação. Levo com carinho todos os ensinamentos e oportunidades que tive ao longo desses anos.

Agradeço, sobretudo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), visto que o presente trabalho foi realizado com o apoio da instituição.

Agradeço, em especial, a minha orientadora Dr^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro, por todos esses anos de trabalho conjunto, por toda a seriedade e rigor com a leitura de cada linha do meu trabalho. Suas contribuições foram essenciais para que eu pudesse realizar essa pesquisa. Não chegaria neste ponto sem seu apoio. Mais do que uma orientadora, você sempre será uma amiga e mestra. Suas contribuições terão sempre um valor inestimado para mim.

Agradeço, também, aos membros da banca examinadora, o Prof^o Maurício José d'Escragnolle Cardoso, por ter gentilmente aceitado participar de minha banca, por todas as aulas instigantes ao longo de minha graduação e por ter contribuído de maneira direta com minha pesquisa. Agradeço a Prof^a Monah Winograd, também por ter aceitado meu convite para participar da banca e por todos os apontamentos e contribuições desde meu exame de qualificação que muito contribuíram para o rumo dessa pesquisa. Obrigada, também Prof^a Débora Patrícia Nemer Pinheiro, por sua disponibilidade e por todos os apontamentos sobre minha pesquisa nos grupos clínicos.

Agradeço a todos os meus colegas do grupo de orientação, sobretudo a Ana Paula e Luís que contribuíram imensamente com minha pesquisa. Obrigada por me ajudarem a manter minha sanidade, nossas conversas diárias e nossos encontros foram fundamentais.

A meu marido, Hugo, por todo amor, compreensão e apoio em todos os momentos difíceis dessa caminhada. Agradeço por permanecer do meu lado.

Agradeço, por fim, a toda a minha família. Sem vocês eu não seria quem sou.

RESUMO

Partindo da indagação sobre o manejo dos sonhos na prática clínica, a presente pesquisa de dissertação teve como objetivo principal compreender a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho. A investigação inicial sobre o estado da arte do tema nas bases de dados eletrônicas SciELO e Google acadêmico, assim como no depositário de teses e dissertações de programas de Pós-graduação brasileiros, demonstrou o escasso número de publicações e trabalhos científicos a respeito dos sonhos. Inesperadamente, ao longo de nosso estudo, fomos surpreendidos pela pandemia do Covid-19 e com ela a retomada do interesse acadêmico pelos sonhos e a função do sonhar. Incluindo nossa pesquisa nesse contexto, adotando uma sequência cronológica dos textos freudianos, o primeiro capítulo da dissertação, foi configurado a partir dos escritos freudianos publicados entre 1893 e 1895, destacando três tópicos de análise: a hipnose, a divisão da consciência e a distribuição energética. Em nossa perspectiva, esses vetores encaminham Freud à uma perspectiva metapsicológica centrada em determinados aspectos: a hipótese sobre a existência de processos anímicos inconscientes; o reconhecimento da resistência e do recalque; e o valor da sexualidade infantil. No segundo capítulo, objetivou-se compreender de que modo Freud parte da teoria sobre o trabalho do sonho para a construção de um modelo de aparelho psíquico, nos limites de sua primeira tópica. Entendendo que o estudo dos sonhos evidenciou ao autor o modo de funcionamento do psiquismo, efetuou-se uma análise da maneira pela qual Freud passa do modelo teórico de aparelho psíquico construído em seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950[1895]/1996) para aquele apresentado no capítulo sete de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), destacando seus índices metapsicológicos, isto é, suas dimensões tópica, econômica e dinâmica. Na sequência, o terceiro capítulo, buscou estabelecer as relações entre o trabalho do sonho e as formulações sobre o aparelho psíquico, mediante a análise dos dois últimos capítulos de *A Interpretação dos Sonhos*, destacando a estreita relação e interdependência dos índices metapsicológicos. Esse percurso teórico permitiu concluir que seja possível propor que a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho constituiu a via régia que o encaminhou à construção da noção de metapsicologia a qual fundamenta os principais conceitos de sua primeira tópica: o inconsciente, a pulsão e o recalque.

Palavras-chave: Sonho. Metapsicologia. Aparelho psíquico. Psicanálise. Freud.

ABSTRACT

Starting from the question about the management of dreams in clinical practice, the main objective of this dissertation research was to understand the theory erected by Freud in relation to dream work. The initial investigation on the state of the art of the subject in the electronic databases SciELO and Google academic, as well as in the depository of theses and dissertations of Brazilian Postgraduate programs, demonstrated the scarce number of publications and scientific works on dreams. Unexpectedly, throughout our study, we were surprised by the Covid-19 pandemic and with it the resumption of academic interest in dreams and the function of dreaming. Including our research in this context, adopting a chronological sequence of Freudian texts, the first chapter of the dissertation was configured from Freudian writings published between 1893 and 1895, highlighting three topics of analysis: hypnosis, the division of consciousness and the energy distribution. In our perspective, these vectors led Freud to a metapsychological perspective centered on certain aspects: the hypothesis about the existence of unconscious psychic processes; the recognition of resistance and repression; and the value of childhood sexuality. In the second chapter, the objective was to understand how Freud starts from the theory of dream work to build a model of the psychic apparatus, within the limits of his first topic. Understanding that the study of dreams showed the author how the psyche works, an analysis was made of the way in which Freud passes from the theoretical model of the psychic apparatus constructed in his *Project For a Scientific Psychology* (1950[1895]/1996) to the one presented in chapter seven of *The interpretation of dreams* (1900/1996), highlighting its metapsychological indices, that is, its topical, economic and dynamic dimensions. Subsequently, the third chapter sought to establish the relationship between the dream work and the formulations about the psychic apparatus, through the analysis of the last two chapters of *The Interpretation of Dreams*, highlighting the close relationship and interdependence of the metapsychological indices. This theoretical path allowed us to conclude that it is possible to propose that the theory created by Freud in relation to the dream work constituted the royal road that led him to the construction of the notion of metapsychology which underlies the main concepts of his first topic: the unconscious, the drive and repression.

Keywords: Dream. Metapsychology. Psychic apparatus. Psychoanalysis. Freud.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 DOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA A TEORIA DOS SONHOS.....	14
1.1 CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A HIPNOSE PARA A TEORIA ONÍRICA: O SURGIMENTO DE UM NOVO MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO	16
1.2 A DIVISÃO DA CONSCIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM O SONHO	28
1.3 A DISTRIBUIÇÃO ENERGÉTICA DO APARELHO PSÍQUICO E O PROCESSO ONÍRICO.....	39
1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	52
2 O INÍCIO DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA: A TEORIA DOS SONHOS.....	57
2.1 O INCONSCIENTE.....	58
2.1.1 As fontes que geram o sonho	61
2.1.2 Desejos formadores do sonho	63
2.1.3 Os sonhos de angústia.....	66
2.2 O RECALQUE	68
2.2.1 A experiência de satisfação	69
2.3 O AFETO	74
2.3.1 A sexualidade infantil.....	77
2.3.2 O complexo de Édipo	81
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	84
3 A TESSITURA DO APARELHO PSÍQUICO	87
3.1 A COORDENADA TÓPICA.....	88
3.1.1 Regressão.....	89
3.2 A COORDENADA DINÂMICA	95
3.2.1 A dinâmica do psiquismo	98
3.3 A COORDENADA ECONÔMICA.....	103
3.3.1 Os processos primário de secundário	106
3.4 OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL.....	110
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	125

INTRODUÇÃO

Partindo de questões inseridas na prática clínica sobre o manejo de interpretação dos sonhos, esta pesquisa teve o objetivo de compreender qual a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho. Neste sentido, pretendemos resgatar o percurso do autor na construção da teoria onírica.

Ao nos propormos pesquisar um tema tão amplo não pretendemos efetuar uma contribuição inédita. Por essa razão, necessitamos de uma justificativa sólida. Compreendemos que o estudo dos processos oníricos auxiliou Freud a responder em termos teóricos, inúmeras questões. O autor construiu um edifício teórico excepcional que o permitiu formalizar, em termos conceituais, as leis que regem o Inconsciente e o Consciente, assim como os mecanismos que permitem que as relações entre um e outro sejam efetivadas. Assim, nos parece razoável efetuar uma pesquisa, no sentido forte do termo, sobre a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho, visto que o conhecimento obtido proporcionará um retorno à clínica munida de novos conhecimentos (Pinheiro et. al., 2020).

Certamente é uma difícil tarefa, após 100 anos da publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), abordar a teoria onírica sob qualquer uma de suas facetas sem repetir inúmeros comentadores de diversos campos do saber. Cientes dessa premissa, inicialmente, efetuamos uma pesquisa sobre o estado da arte de nosso tema no Google Acadêmico, no SciELO e repositórios de Universidades brasileiras, como a UFPR, UFRJ, UFSC e USP. Notamos que quase não há, nos últimos anos, dissertações e teses publicadas sobre a teoria dos sonhos proposta por Freud, além do fato de que são poucos os trabalhos que se propõem a tratar da base histórica precedente a uma das mais importantes teorias formuladas pelo autor.

Quando meu interesse de pesquisa sobre a teoria dos sonhos surgiu, em 2019/2020 observamos, então, este curioso cenário. Existia um importante declínio das publicações acerca do tema, especialmente nos programas de pós-graduação do país. Não haviam sido publicados nos últimos anos, dissertações e teses que analisavam conceitualmente a teoria onírica e o trabalho do sonho como preconizado por Freud. O psicanalista Ab' Saber (2005) também percebeu que com o passar dos anos a presença do sonho na psicanálise que se desenvolvia pós-Freud foi esmaecendo, dando lugar a outros fatores do fazer analítico que, então, foram se tornando proeminentes na prática clínica e na produção teórica da psicanálise. Nas principais escolas pós-freudianas percebeu-se uma ultrapassagem do sonho por outras prioridades técnicas, tais como a interpretação constante da transferência na tradição

kleiniana ou a atenção ao significante no sistema lacaniano. Existiam aqueles que tinham entrevisto o fim da era dos sonhos na psicanálise. Seria também o fim da própria capacidade da psicanálise de sonhar? Questiona Ab'Saber. O autor pontua que nos consultórios, muitas vezes, não ocorria mais interpretar os sonhos dos pacientes, mas de compreender o motivo pelo qual eles se tornaram “maus sonhadores”, já que as pessoas diziam sonhar cada vez menos.

O ano de 2020 foi duramente marcado pela pandemia do novo Coronavírus e juntamente com isso, percebemos que houve uma restauração do interesse na temática onírica e na intensidade do sonhar. Dunker et al. (2021) salientaram que desde o início da pandemia, começamos a sonhar mais e mais intensamente. Cientistas, psicólogos, neurocientistas, psicanalistas, antropólogos e diversos outros profissionais passaram a ficar intrigados com esse fenômeno. No mundo todo começaram a surgir pesquisas sobre o tema, de escopos diversos.

Percebeu-se um renovado interesse de jornais, revistas, rádios e TVs na temática dos sonhos. A questão acerca do adensamento do trabalho psíquico noturno passou a circular de forma muito mais ampla nos espaços sociais. Ribeiro e Carvalho (2021) efetuaram uma ressalva interessante ao nos apontar que o interesse pelos sonhos durante a pandemia não foi apenas de psicanalistas e pesquisadores do tema, mas se deu de forma generalizada, tornando-se objeto de questões de inúmeras pessoas em contextos diversos.

Neste cenário surgiram dois projetos que tratam do tema dos sonhos em articulação com a pandemia. O projeto *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia* (2021), organizado por C. Dunker, C. Perrone, G. Iannini, M. D. Rosa e R. Gurski, foi um dos trabalhos mais recentes que abordam o tema, assim como o livro *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (2021), coordenado por A. B. Pereira e N. E. Coelho Jr. Tais livros são resultado de um projeto que efetuou um compilado histórico dos sonhos de pandemia, demonstrando que esses sonhos evidenciaram a generalização de um sentimento de estranheza frente ao novo cenário. Os sonhos, neste viés, vem sendo tratados como um modo de se lidar com o trauma coletivo e social, um modo de elaboração de vivências que não foram capazes de serem simbolizadas por seu caráter de excepcionalidade. Assim, sonhar com situações que a pandemia nos impôs seria indispensável à manutenção da nossa própria sanidade e de certo equilíbrio emocional, sustentando nosso desejo.

Foi curioso perceber que o contexto de esquecimento da teoria onírica e do declínio das publicações sobre o tema, repetiam o contexto que Freud vivenciou com a ressaca da Primeira Guerra Mundial e com a pandemia de gripe espanhola. Nos prefácios de *A*

Interpretação dos Sonhos Freud ia nos atualizando acerca das pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Inicialmente o autor demonstrava que sua grande obra ainda não havia tido reconhecimento dos críticos e não era muito citada pelos pesquisadores. A comunidade científica da época, não recepcionou bem a nova ciência fundada por Freud. Por diversos anos ninguém prestou atenção aos trabalhos do autor. Ele demonstrava preocupação com o destino dos sonhos para a psicanálise, denunciando certo declínio das publicações sobre a teoria: “Os analistas fazem como se não tivessem nada mais a dizer acerca de sonhos, como se nada mais houvesse a ser acrescentado à teoria dos sonhos” (1933[1932]/1996, p. 18).

Nesse aspecto, a psicanálise, após um lapso de tempo, foi encontrando reconhecimento em geral. Aos poucos, sua obra foi ganhando a devida atenção e em torno de 1920, o próprio autor observa que o interesse pela teoria onírica havia aumentado no período em que ocorreu a Primeira Guerra Mundial e com o avanço da epidemia de gripe espanhola. Dunker et al. (2021) efetuaram uma importante ressalva ao lembrar que Freud escreveu alguns de seus textos fundamentais em períodos de transformação social e política. Em *Além do Princípio do Prazer* de 1920, o autor busca compreender os sonhos traumáticos que ocorriam em pessoas no contexto do pós-primeira Guerra.

Assim, o declínio das publicações sobre a teoria dos sonhos aqui observado, no início de nossa pesquisa ainda em 2019/2020, somado ao aumento do interesse dos sujeitos na temática onírica após o início da pandemia de Covid-19, não deixa de sugerir uma importante semelhança com aquele do qual a teoria também foi objeto no momento histórico em que Freud estava inserido. Podemos supor que estávamos diante de uma repetição, que talvez nos indicasse uma proximidade em seus motivos e uma identidade de contextos.

Nossa função, na elaboração da presente dissertação, foi efetuar uma pesquisa conceitual e pormenorizada da teoria dos sonhos, buscando compreender o modo como Freud a elaborou, quais os conceitos que a precederam e deram subsídios a formulação da teoria e, sobretudo, quais foram os impasses que o autor se deparou frente ao desenvolvimento de sua mais importante descoberta. Nosso objetivo foi retomar a teoria onírica em Freud, desde seus primórdios.

Estruturamos o primeiro capítulo de modo a demarcar as contribuições específicas de Freud que o levaram a elaborar a teoria onírica. Acreditamos, deste modo, ter sido pertinente iniciar o primeiro capítulo retomando algumas peculiaridades relativas ao interesse de Freud pelo trabalho clínico de Charcot, Bernheim e Breuer. Peculiaridades há muito conhecidas e discutidas, mas cuja sistematização aqui, nos encaminhou para a concepção da teoria onírica. Nosso objetivo foi traçar um percurso, a partir das primeiras observações de Freud sobre a

histeria, que nos parecia relevante para que pudéssemos, adiante, tratar da teoria dos sonhos propriamente dita.

Retomamos o trabalho de Freud com a hipnose, suas conclusões sobre a divisão da consciência e, as reflexões do autor em relação a distribuição energética do sistema nervoso, em uma perspectiva linear, objetivando respeitar certa cronologia. Abordamos esses três temas em articulação com as primeiras conceituações sobre a teoria dos sonhos. Trabalhamos com os textos pré-psicanalíticos, nos quais Freud se dedica à compreensão da origem e etiologia das neuroses.

Após este trajeto efetuado, percebemos que essas formulações freudianas destacavam, mesmo que de forma rudimentar, os aspectos fundamentais da metapsicologia: o dinâmico, o tópico e o energético. Razão pela qual, o segundo capítulo da dissertação tenha se dedicado a situar como esses aspectos metapsicológicos acompanham a tessitura da teoria onírica. Assim, ele foi dividido em “Inconsciente”, “Recalque” e “Afeto”. Retomamos os aspectos metapsicológicos, antes citados, sob uma ótica mais específica, promovendo um estudo sobre como a teoria dos sonhos permitiu a Freud a construção de um modelo teórico sobre o aparelho psíquico.

Enfim, no terceiro capítulo, retomamos alguns aspectos da teoria onírica levantados nos capítulos anteriores. Porém, o objetivo foi destacar os principais conceitos que deram subsídios para Freud formalizar, no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, a estrutura do aparelho psíquico em seus aspectos metapsicológicos. Nosso percurso visou demarcar a formalização da primeira tópica freudiana para, a partir desse ponto, ser possível sustentar que a teoria dos sonhos foi a via privilegiada para a construção da metapsicologia em seus aspectos tópico, dinâmico e econômico. Neste capítulo, prosseguimos com a análise de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), além de utilizarmos textos de comentadores da obra freudiana como apoio. Nestes mesmos moldes, finalizamos nossa pesquisa acompanhando as reflexões do autor em torno das construções efetuadas sobre os dois princípios do funcionamento mental onde Freud revisa, a partir de outro viés, os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade como aqueles que governam o funcionamento do aparelho psíquico.

A partir do percurso efetuado na presente dissertação, gostaríamos de indicar algumas conclusões que acreditamos ter alcançado. Ao longo de nossa pesquisa, retomamos a teoria sobre os sonhos proposta por Freud e a articulamos aos principais conceitos erigidos pelo autor sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, em sua primeira tópica,

destacando seus aspectos metapsicológicos. Com essa trajetória concluída, podemos perceber que estas propostas conceituais empreendidas pelo autor, há mais de um século, possuem um particular destaque na atualidade, tanto para a compreensão dos fenômenos sociais quanto para a interpretação e manejo dos processos clínicos. Eis que a teoria de Freud, a qual incomodou tanto, na aurora do século XX, ainda precisa ser revisitada e revalorizada para compreendermos o contexto atual contemporâneo assim como a função dos sonhos para cada sujeito em seus processos terapêuticos. Portanto, Freud e sua teoria centenária dos sonhos estão mais atuais do que nunca.

1. DOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA A TEORIA DOS SONHOS

Com objetivo de compreender a teoria que Freud erigiu em relação ao trabalho do sonho, iniciamos o presente capítulo buscando demarcar o percurso do autor na construção de sua teoria, desde o início de sua obra, a partir das primeiras observações sobre a histeria nos textos pré-psicanalíticos. Portanto, iniciamos nossa pesquisa bibliográfica nos *Estudos Sobre a Histeria*, a qual nos permitiu constatar que o termo “sonho” foi citado 26 vezes, enquanto o termo “sono” foi mencionado por Freud e Breuer 39 vezes. A pesquisa foi realizada, preliminarmente através de uma busca no site www.freudonline.com.br, onde constam as edições completas da Standard, feitas pela editora Imago, e posteriormente individualmente no próprio volume das obras completas, também da editora Imago, publicada em 1996. Salienta-se que não são em todas estas citações que os fenômenos do sono e do sonho são trabalhados em sua intenção ou origem, mas, em determinados momentos compreendemos que ela exerce fundamental influência para o posterior desenvolvimento da teoria dos sonhos proposta por Freud. Isto posto, buscamos elucidar de que modo tais menções, efetuadas nas primeiras teorizações acerca do tema, relacionam-se com a teoria dos sonhos.

Assim, nos apoiamos em textos de Freud como, os *Estudos sobre a Histeria* (1893/1996), *Psicoterapia da Histeria* (1895/1996), *Charcot* (1893/1996), *As Neuropsicoses de defesa* (1894/1996), *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar* (1893/1996), *Esboços para a Comunicação Preliminar* (1940-41[1892]/1996), *Prefácio à Tradução de De La Suggestion, de Berheim de 1888-9/1996*, *Resenha de Hipnotismo, de August Forel* (1889/1996), *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/1996), *Tratamento Psíquico (ou anímico)* de 1905/1996, *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1916[1915-16]/1996), *Um estudo autobiográfico* (1925[1924]/1996), dentre outros, para uma melhor compreensão dos fenômenos por ele descritos.

Percebemos que tais menções estavam relacionadas a temas que pretendemos elucidar no presente capítulo, justamente porque foi o estudo das psiconeuroses, especialmente da histeria, que deu a Freud os primeiros vislumbres da teoria dos sonhos, bem como do aparelho psíquico. Portanto, no primeiro subcapítulo buscamos retomar a influência e importância dos fenômenos hipnóticos para Freud e sua relação com o sonho e o sono. Compreendemos que as contribuições do uso da hipnose e de seu posterior abandono, foram fundamentais para a formulação da teoria onírica e da psicanálise propriamente dita. Buscamos enfatizar não apenas o contexto em que Freud, a partir de sua relação com Charcot, Bernheim e Breuer, foi elaborando suas primeiras noções sobre o processo onírico, mas

também, o quanto já era possível depreender de suas reflexões uma visão bastante própria em relação ao lugar da teoria dos sonhos para a psicanálise. Diferente de outros pesquisadores, Freud parece ter extraído algo de novo a partir da técnica hipnótica e buscamos demarcar as principais descobertas do autor neste campo.

O segundo subcapítulo retoma alguns aspectos referentes a teoria onírica na pré-história da psicanálise, objetivando destacar a relação existente de tal teoria com os fenômenos de divisão da consciência que puderam ser observados graças a hipnose. O modelo da *second conscience*, mesmo tendo sido abandonado por Freud face ao desenvolvimento do conceito de defesa, permitiu que o autor compreendesse a amnésia que caracterizava os transe hipnóticos. A dissociação da consciência ainda era considerada por Freud um fenômeno patológico e a predominância desta *second conscience* sobre a consciência normal explicava a causa dos ataques e sintomas histéricos. Mesmo antes da sistematização da teoria dos sonhos, nos autorizamos, a partir das observações de Freud, a dizer ser possível depreender a relação existente entre a divisão da consciência e o sonho, visto que o autor define a divisão da consciência como uma tendência ao surgimento de estados de consciência anormais, aos quais assemelha ao sonho, em vistas a sua abundância de produções imaginárias e alucinações, suas grandes lacunas de memória e a falta de inibições e controle em suas associações (Breuer e Freud, 1893a/1996).

A seguir, finalizando este capítulo, buscamos demonstrar quais foram as reflexões de Freud em relação a distribuição energética do sistema nervoso e sua relação com o sonho, visto que o autor foi percebendo que os modos de funcionamentos dos sintomas, dos traumas e dos sonhos são similares, justamente porque nos três casos o escoamento energético não pode ser efetuado adequadamente. Freud ainda nos demonstra que os mesmos processos psíquicos irracionais, como ocorrem nos sonhos, regem a produção dos sintomas histéricos. Compreendemos ser importante enfatizar a completa similaridade entre os aspectos característicos do trabalho do sonho e os da atividade psíquica que desemboca nos sintomas psiconeuróticos, transpondo para os sonhos, portanto, as conclusões de Freud a partir de seu estudo da histeria.

Deste modo, objetivamos manter nossas reflexões sobre a teoria onírica sempre recortados pelos três temas aqui sugeridos. Nosso propósito, neste momento, é traçar um caminho, em relação a teoria onírica, que nos parece ser fundamental para que possamos, adiante, trabalhar com a teoria propriamente dita.

1.1. CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A HIPNOSE PARA A TEORIA ONÍRICA: O SURGIMENTO DE UM NOVO MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO

A formalização da psicanálise propriamente dita pode ser considerada um conjunto de modificações que fora empreendido por Freud em relação ao método catártico e ao abandono da hipnose e, com este, o conseqüente abandono da sugestão como método de tratamento. Quanto a experiência clínica de Freud com a hipnose, podemos rastreá-la em seu *Estudo Autobiográfico* (1925[1924]/1996), onde o autor afirma que esta foi um dos elementos de seu arsenal terapêutico no início de seu trabalho com a neurose, juntamente com a eletroterapia. Neste texto, Freud demonstra de que forma o fenômeno de sugestão, contido na hipnose, o impressionou quando assistiu a uma apresentação pública de Hansen, o magnetista, além da importância conferida a seus estudos em Paris com Charcot, e o uso da sugestão por médicos da Escola de Nancy, Lièbeaut e Bernheim.

É relevante seguir as indicações de Freud para que possamos obter um vislumbre de como o autor partiu da proposta dos magnetizadores ao uso terapêutico da hipnose para casos de doenças nervosas. Buscaremos, portanto, elucidar as contribuições do uso da hipnose e de seu posterior abandono, para a formulação da psicanálise propriamente dita e para a teoria onírica, visto que a hipnose possui um papel de destaque para a posterior prática de Freud.

Freud (1925[1924]/1996) relata sua imensa curiosidade acerca do poder da hipnose a partir do momento em que assistiu a um dos espetáculos de Hansem, o magnetista. O estado psíquico alcançado pelo hipnotizador lhe impressionou grandemente e o convenceu acerca da autenticidade dos fenômenos da hipnose. Mas, apenas quando chegou à clínica de Charcot, em Paris, o autor teve conhecimento de que a hipnose era reconhecida e vinha sendo utilizada com fins terapêuticos. Inicia, então, suas investigações pelo trabalho de Charcot para, em seguida, se dirigir a Nancy.

Para que possamos ilustrar como Freud introduziu um tipo de uso específico da técnica hipnótica, retomaremos alguns dos procedimentos especulativos que utilizou para compreender e tratar a histeria. Enquanto Freud não havia ainda formulado suas próprias concepções sobre tal patologia, Charcot era um dos principais pesquisadores a utilizar a hipnose no tratamento da histeria. Para ele, a ocorrência da hipnose seria um fenômeno patológico, de modo que apenas doentes seriam hipnotizáveis. A explicação de Charcot para tal era a de que existia a ocorrência de deslocamentos da excitabilidade do sistema nervoso, fenômeno que se passaria à parte da consciência. Assim, Charcot utilizava a hipnose a fim de reproduzir artificialmente paralisias histéricas. Com esse propósito, anuncia Freud (1893c/1996), Charcot utilizou pacientes histéricos que colocava em hipnose para comprovar

que as paralisias histéricas eram resultado de ideias que haviam dominado o cérebro do paciente em determinados momentos. Segundo Charcot, essa patologia era o resultado de ideias inconscientes agindo na mente do doente e surgidas após uma situação traumática, que ocorria naqueles predispostos organicamente à doença.

Alguns anos após seu retorno de Paris, Freud (1925[1924]/1996) percebe limites na hipnose como método de tratamento, visto que não era capaz de hipnotizar todos os pacientes e não conseguia colocá-los em um estado profundo de hipnose. Buscando aperfeiçoar sua técnica hipnótica, viaja a Nancy, no verão de 1889. A maior colaboração de Bernheim, de acordo com Freud (1888-9/1996), consiste em despojar as manifestações do hipnotismo de seu mistério, correlacionando-as com fenômenos conhecidos da vida psicológica normal e do sono. Freud afirma que para os teóricos de Nancy, a sugestão era o elemento central da hipnose. Todo o processo de induzir o paciente a um estado alterado de consciência, seria resultado da sugestão.

A partir desse conjunto de dados acreditamos que Freud possuía um ponto de partida para a constituição da teoria onírica e da psicanálise propriamente dita. A histeria era considerada uma patologia que se origina em uma situação traumática que produzia ideias inconscientes no interior do psiquismo. Tais ideias, portanto, seriam as precursoras dos sintomas. Freud (1889/1996) então, foi capaz de elaborar um método de tratamento onde a hipnose possuía papel de destaque. O autor afirma que o tratamento pela hipnose consistia, em primeiro lugar, em induzir um estado hipnótico e, em segundo lugar, em veicular uma sugestão à pessoa hipnotizada. Compara, neste momento, a hipnose com o sono comum. Freud defendeu e demonstrou que a hipnose não trazia consequências negativas para os sujeitos. Ele negava que a hipnose poderia produzir o enfraquecimento do sistema nervoso, crença comum na época. Também, não deixava de salientar que hipnotizar não era uma especialidade médica, já que qualquer pessoa poderia praticar tal arte.

Freud (1889/1996) concordava, como neurologista, que a hipnose também era fisiológica, citando a ocorrência de casos de hipnose espontânea. Como discípulo de Bernheim e Charcot, buscou unir a visão de ambos, demonstrando, entretanto, estar mais inclinado as teses de Charcot, por aceitar a hipnose como fenômeno fisiológico que ocorre a partir de uma sensibilidade nervosa especial a estímulos sensoriais ditos “hipnogênicos”.

É notável que Freud passa a comparar o estado sonambúlico com os processos que ocorrem no sono e nos sonhos, inferindo importantes concepção que iremos nos deter neste momento. No sono, perde-se o equilíbrio psíquico, e a atitude do cérebro durante este estado é desordenada, lembrando, em muitos aspectos a loucura. Portanto, o fato mais notável de se

colocar uma pessoa em hipnose é induzi-la a um estado especial da mente que se assemelha ao sono. Freud (1889/1996), portanto, percebe que a chave para se compreender o hipnotismo é dada pela teoria do sono normal de Liébeault, segundo a qual a hipnose se distingue do sono somente pela inserção do relacionamento entre a pessoa hipnotizada e a pessoa que a fez adormecer.

Em seu texto *Tratamento Psíquico (ou anímico)* de 1905, Freud efetua, novamente, uma aproximação entre o estado anímico particular gerado pela hipnose, com o sono. O estado hipnótico possui muitas gradações diferentes, onde no grau mais leve, o hipnotizado sente apenas uma ligeira insensibilidade, enquanto o grau mais elevado é chamado de sonambulismo, por sua semelhança com o fenômeno natural observável de andar durante o sono. Mas, Freud também delimita diferenças entre os dois fenômenos, visto que na hipnose ocorrem mudanças e conservam-se funções anímicas que faltam ao sono normal.

Freud (1916[1915-16]/1996), enfatiza a existência de um parentesco entre o estado hipnótico e o estado de sono, que constitui para o autor uma condição necessária do sonho. A hipnose também é denominada aqui como sono artificial, visto que ao hipnotizar um sujeito pede-se que ele durma, e as sugestões efetuadas são comparáveis aos sonhos do sono natural. Portanto, as situações psíquicas nos dois casos são análogas, como descreve Freud: “No sono natural retiramos nosso interesse de todo o mundo externo; e no sono hipnótico também retiramos nosso interesse do mundo inteiro, porém com a exceção apenas da pessoa que nos hipnotizou e com a qual permanecemos em contato” (p.108-9)

Portanto, para Freud (1905/1996) a marca mais significativa da hipnose reside na atitude do hipnotizado frente a seu hipnotizador. O hipnotizado se comporta perante o mundo externo como se estivesse adormecido, com todos os seus sentidos desviados dele, entretanto, está desperto para a pessoa que o hipnotizou. Esse fenômeno é denominado de *rappor* na hipnose e, encontra um paralelo na maneira como algumas pessoas dormem, como por exemplo, uma mãe que está amamentando seu filho. O autor salienta que o hipnotizado se dá conta das percepções sensoriais, ele vê e ouve tal como vemos e ouvimos nos sonhos, ou, em outros termos, ele alucina.

Este não foi o único momento em que Freud relaciona o hipnotizador com as figuras paternas. Nas *Conferências Introdutórias* (1916[1915-16]/1996), obra em que Freud retoma alguns pontos de seu trabalho na pré-história da psicanálise, postula que o sono de uma mãe cuidando de seu filho, permanecendo em contato com o mesmo e podendo ser acordada apenas por ele, seria também um equivalente normal do sono hipnótico. Assim, transpõe a situação da hipnose para a do sono natural. Neste texto, Freud faz uma importante ressalva:

“Observe-se que, nesse ponto, se abre uma terceira fonte de abordagem ao estudo dos sonhos: vimos a dos estímulos que perturbam o sono, a dos devaneios e, agora, temos a dos sonhos sugeridos do estado hipnótico” (p.109).

A experiência clínica particular de Freud com a hipnose e com a sugestão, foi fundamental para o desenvolvimento da psicanálise e da teoria onírica formulada pelo autor. Quase na mesma época em que Charcot trabalhava a questão sobre as paralisias histerotraumáticas, Breuer, entre 1880 e 1882, empreendia o tratamento médico de uma jovem moça, denominada de Ana O., acometida de grave histeria com uma etiologia não traumática. Freud (1893b/1996) afirma que este caso possui um lugar importante na história da histeria, pois foi o primeiro caso no qual o médico obteve êxito em elucidar todos os sintomas histéricos, desvendando a origem de cada um deles e descobrindo, ao mesmo tempo, métodos para fazer cada sintoma desaparecer. Portanto, a partir da importância conferida por Freud a tal caso, torna-se relevante uma breve contextualização do mesmo para que possamos obter um vislumbre das questões que foram relevantes para que Freud pudesse estruturar seu próprio método.

Freud (1910[1909]/1996), salienta que os resultados dos estudos que vinham sendo realizados na Salpêtrière com Charcot não podiam, naquela ocasião, ser conhecidos em Viena. Cerca de 10 anos mais tarde, Freud e Breuer publicam a *Comunicação Preliminar* sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, relacionada com o tratamento catártico da primeira paciente de Breuer. Neste momento, já se encontravam influenciados com as pesquisas de Charcot. Freud ainda acreditava que os traumas psíquicos eram equivalentes dos traumas físicos cuja influência nas paralisias histéricas fora precisada por Charcot.

Breuer e Freud (1893a/1996) sustentavam que via de regra, era necessário utilizar-se da técnica da hipnose para que o paciente se recorde da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez, pois assim, tornava-se possível demonstrar a conexão causal de forma mais clara. Afirmam que tal método produziu, em um grande número de casos, resultados valiosos tanto do ponto de vista prático como do ponto de vista teórico. Tais resultados são valiosos pois, demonstraram que os fatos externos determinam a patologia da histeria.

Nossas experiências, porém, têm demonstrado que os mais variados sintomas, que são ostensivamente espontâneos e, como se poderia dizer, produtos idiopáticos da histeria, estão tão estritamente relacionados com o trauma desencadeador quanto os fenômenos a que acabamos de aludir e que exibem conexão causal de maneira bem clara. (Freud e Breuer, 1983a, p. 40)

Muitas vezes a ligação é tão evidente que fica claro como o fato desencadeante

produziu determinado fenômeno específico. Neste caso, o sintoma foi determinado pela causa desencadeadora. Já, em outros casos, a conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que poderia denominar uma relação simbólica entre a causa precipitante e o fenômeno patológico. Aqui, Freud já começa a perceber que esta seria “uma relação do tipo da que as pessoas saudáveis formam nos sonhos” (Freud e Breuer, 1893a/1996, p. 40). No sonho, o agente desencadeador não pode aparecer. Ele é então transformado pela censura à medida em que se desloca para outras imagens e sentidos, sendo alterada a maneira como ele é representado. Freud (1900/1996) nos demonstra como essa relação se forma nos sonhos. Em alguns casos, a censura dos sonhos volta-se apenas contra a ligação entre dois pensamentos que, separadamente, não suscitam objeção. Neste caso, os dois pensamentos penetram sucessivamente na consciência e a ligação entre eles permanece oculta. Em seu lugar, ocorre entre os dois pensamentos, uma ligação superficial em que de outro modo não seria evidente. Tal ligação costuma estar vinculada a uma parte do complexo de representações que difere muito daquela em que se baseia a ligação suprimida e essencial. Já em outros casos, os dois pensamentos podem ser submetidos a censura por conta de seu conteúdo. Assim, nenhum dos dois aparece em sua forma verdadeira, mas apenas em uma forma modificada que a substituí. Os dois pensamentos substitutos, por sua vez, são escolhidos de maneira a possuírem uma associação superficial que reproduza o vínculo essencial que relaciona os dois pensamentos substituídos. Em ambos os casos, a pressão da censura resultou em um deslocamento de uma associação normal e séria para uma associação superficial e aparentemente absurda.

Freud e Breuer (1893a/1996), percebem nos sintomas histéricos causas desencadeantes que são descritas como traumas psíquicos. Portanto, qualquer experiência que evoque afetos aflitivos pode atuar como um trauma dessa natureza. No caso da histeria, ocorrem vários traumas parciais que formam um grupo de causas desencadeadoras. Tais causas só exerceram um efeito traumático por adição e constituem um conjunto, visto serem, em parte, componentes de uma mesma história.

A relação causal entre o trauma psíquico determinante e o fenômeno histérico não é de natureza a implicar que o trauma atue como um agente provocador na liberação do sintoma, passando a ter uma existência independente. A partir deste ponto, Freud e Breuer (1893a/1996) presumem que a lembrança do trauma age como um corpo estranho que mesmo após sua entrada na consciência, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação. Encontram a prova disso no fato de que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata, quando traziam a luz a lembrança do fato que o havia provocado. Despertando, assim, o afeto que o acompanhara, além de fazer com que o

paciente descrevesse esse fato com o maior número de detalhes e traduzido o afeto em palavras. O processo psíquico originalmente ocorrido deveria ser repetido o mais nitidamente possível, devendo ser levado até sua origem e então receber expressão verbal.

Concluem dessas observações inferidas, a partir do caso de Ana O., que o processo determinante continua a atuar durante anos, não indiretamente, através de uma corrente de elos causais intermediários, mas como uma causa diretamente deliberadora. Este fato, faz com que Freud e Breuer postulem que “Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (1893a/1996, p. 43).

Quando não há nenhuma reação ao trauma psíquico, a lembrança dele preserva o afeto que lhe coube inicialmente. Assim, quando por algum motivo, não pode haver reação ao trauma psíquico, ele retém seu afeto original. Quando a pessoa não consegue se livrar do acréscimo de estímulos através de sua ab-reação, nos deparamos com a possibilidade de que o evento em questão se mantenha como um trauma psíquico, postula Freud (1893b/1996). Neste ponto, percebe-se que Freud passa a introduzir um fator dinâmico, supondo que um sintoma surge através do represamento de um afeto. O fator econômico também pode ser percebido, justamente por considerar aquele mesmo sintoma como o produto da transformação de uma quantidade de energia que de outra maneira teria sido empregada de outra forma, como ocorre na conversão.

Tal processo também ocorre nos sonhos, nos demonstra Freud (1900/1996), visto que o material de representações nos processos oníricos, passa por deslocamentos e substituições, ao passo que os afetos permanecem inalterados. É interessante observar como o material de representações que foi transformado pela distorção onírica, não é compatível com o afeto, que se mantém retido sem modificação. No caso de complexos psíquicos que tenham ficado sob a influência da censura imposta pela resistência, os afetos seriam os componentes menos influenciados e os únicos que podem dar um indício de como preencher os pensamentos que faltam. Aqui, Freud efetua uma relação com os sintomas neuróticos, visto que nestes casos, os afetos também são sempre apropriados, embora haja um aumento de intensidade em decorrência a deslocamentos da atenção neurótica. Para o autor, a interpretação dos sonhos pode reconhecer o afeto como sendo justificado, ao procurar a representação que corresponde a ele mas que foi trocada por um substituto. Uma premissa necessária a isso é que a descarga de afeto e o conteúdo de representações não constituem uma unidade orgânica inseparável, mas que essas duas entidades separadas podem estar meramente soldadas e, assim, podem ser desligadas uma da outra pela análise.

A ab-reação não era o único método capaz de lidar com a situação para um sujeito que

tenha experimentado um trauma psíquico. Uma lembrança desse trauma, mesmo que não tenha sido ab-reagida, adentra no complexo de associações entrando em confronto com outras experiências que possam contradizê-la, estando sujeita, assim, à retificação por outras representações. Por conseguinte, um sujeito normal provoca o desaparecimento do afeto concomitante por meio do processo de associação. A isso, Breuer e Freud (1893a/1996) acrescentam a obliteração geral das impressões, o evanescimento das lembranças chamadas de “esquecimento” que desgastam as representações não mais afetivamente atuantes.

Somando-se a isso, observações efetuadas por Breuer e Freud (1893a/1996), demonstraram que as lembranças que se tornaram as determinantes de fenômenos histéricos persistem por longo período com todo o seu vigor e colorido afetivo. Tais experiências estariam ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal, ou apenas se fazem presentes de forma bastante sumária. Assim, empregavam a hipnose para que as lembranças surgissem aos pacientes com a nitidez de um fato recente. Essas lembranças, postulam Freud e Breuer (1893a/1996), correspondem a traumas que não foram suficientemente ab reagidos. Dentre os motivos que impediram isso, os autores encontram dois grupos de condições sob as quais a reação ao trauma deixa de ocorrer.

No primeiro grupo estão os casos em que os pacientes não reagiram a um trauma psíquico porque a natureza do trauma não comportava reação, como no caso de uma perda irreparável de um ente querido, ou porque as circunstâncias sociais impossibilitaram uma reação, ou ainda, porque tratavam-se de coisas que o paciente deseja esquecer, recalando deliberadamente do pensamento consciente. São coisas aflitivas dessa natureza que, sob hipnose, Freud e Breuer (1893a/1996) constataram serem a base dos fenômenos histéricos.

O segundo grupo de condições é determinado pelos estados psíquicos que o paciente recebeu as experiências em questão, pois encontravam, sob hipnose, dentre as causas dos sintomas histéricos, representações que em si mesmas não são importantes. Mas, sua persistência se deve ao fato de que sua origem ocorreu durante a prevalência de afetos paralisantes, ou durante estados psíquicos positivamente anormais, como o estado crepuscular semi-hipnótico dos devaneios, a auto hipnose, etc. Em casos assim, é a natureza dos estados que torna impossível uma reação ao acontecimento (Freud e Breuer, 1893a/1996).

Ambas as espécies de condições podem estar presentes ao mesmo tempo, salientam Freud e Breuer (1893a/1996). É o que acontece quando um trauma que é atuante por si só ocorre enquanto predomina um afeto paralisante, ou ainda, durante um estado de alteração de consciência. Assim, os autores afirmam que as representações que se tornaram patológicas persistiram com tal nitidez e intensidade afetiva, pois lhes foram negados os processos

normais de desgaste por meio da ab reação e da reprodução em estados de associação não inibida. Freud (1900/1996) demonstra que nos sonhos ocorre algo similar. O trabalho do sonho reduz ao nível do indiferente não apenas o conteúdo, mas também, o tom afetivo dos pensamentos. O trabalho do sonho acarreta, portanto, uma supressão dos afetos. A inibição do afeto, por sua vez, é considerada por Freud como a segunda consequência da censura dos sonhos, tal como a distorção onírica é sua primeira consequência.

Freud percebeu que a hipnose induzia o sujeito a um estado especial da mente, ao qual passou a assemelhar ao sono, justamente porque tal estado produz diferentes distribuições energéticas mentais. Freud (1900/1996) descreve como deve ser a atitude necessária perante ideias que parecem surgir por livre e espontânea vontade em relação à análise dos sonhos:

O que está em questão, evidentemente, é o estabelecimento de um estado psíquico que, em sua distribuição da energia psíquica (isto é, da atenção móvel), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento – e, sem dúvida, também com a hipnose. Ao adormecermos, surgem ‘representações involuntárias’, graças ao relaxamento de certa atividade deliberada, (e, sem dúvida também crítica) a que permitimos influenciar o curso de nossas representações enquanto estamos acordados. (1900/1996, p.136)

Freud (1900/1996), entretanto, realiza uma ressalva ao demonstrar que no estado utilizado para a análise dos sonhos e das ideias patológicas, o paciente, de modo deliberado, abandona essa atividade e emprega a energia psíquica assim poupada para acompanhar os pensamentos involuntários que então emergem. Neste ponto a situação difere do adormecimento, pois retêm o caráter de representações. Dessa forma, as representações involuntárias são transformadas em voluntárias.

Nos *Esboços para a Comunicação Preliminar*, Freud (1940-41[1892]/1996) relaciona a origem dos sintomas histéricos crônicos com os sonhos, com a auto-hipnose, com os afetos e, também, como resultados de traumas absolutos. Os três primeiros fatores relacionam-se com a disposição, enquanto o último com a etiologia. Percebe que os sintomas crônicos correspondem a um mecanismo normal, ou seja, são deslocamentos, em parte, ao longo de uma via normal de somas de excitação que não foram dissipadas.

As recordações subjacentes aos fenômenos histéricos estão ausentes da memória acessível do paciente, ao passo que, sob hipnose, elas podiam ser despertadas com a clareza de alucinações, salienta Freud (1940-41[1892]/1996). Numerosas recordações dessa ordem se relacionam a fatos ocorridos em estados peculiares de consciência, como cataplexia devia ao susto, estados oniróides, auto hipnose, etc, onde o conteúdo não está em conexão associativa com a consciência normal. Na histeria, o conteúdo da consciência torna-se temporariamente

dissociado e determinados complexos de ideias, que não estão em conexão associativa, se desgarram.

Freud (1940-41[1892]/1996) descreve esses estados como hipnóides, enfatizando que uma característica essencial destes é o fato de seu conteúdo estar desconectado do conteúdo restante da consciência, e assim, fica privado da possibilidade de ser liberado pelas associações. Compara tais estados com o sonho e com o estado de vigília, “*um modelo de dois estados que diferem entre si, não estando inclinados a fazer associações de um estado para o outro, mas apenas associações dentro de cada um deles em particular*” (p.194). É importante salientarmos que a teoria dos estados hipnóides fora estruturada por Breuer, a partir de seu atendimento de Ana O. Freud (1910[1909]/1996) pontua que a hipótese dos estados hipnóides de Breuer nada mais seria que o reflexo da reprodução artificial daquelas paralisias traumáticas que Charcot obtinha durante a hipnose. Entretanto, Freud estava em consonância com tal teoria neste momento.

Foi a partir de uma paciente atendida por Freud (1893b/1996), a Sra. Emmy von N., que o autor começou a ter vislumbres dos limites do uso da hipnose, pois, em algumas ocasiões sem que houvessem perguntas sob hipnose a paciente passa a reproduzir suas lembranças e as novas impressões que a afetaram desde a última conversa que tiveram, levando Freud a inferir que:

de maneira bem inesperada, progride até as reminiscências patogênicas, que ela vai desabafando sem ser solicitada. É como se tivesse adotado meu método e se valesse de nossa conversa, aparentemente sem constrangimento e guiada pelo acaso, como um complemento de sua hipnose (p. 90-1).

Em uma das sessões de hipnose, Emmy reproduz para Freud sonhos de horror que havia tido na noite anterior, com animais medonhos. Tais sonhos eram acompanhados de dores gástricas e, Freud (1893b/1996) busca investigar essa questão lhe questionando acerca da origem de suas dores. Assim, percebe-se que Freud estaria sugerindo uma relação entre os sintomas e os sonhos, mesmo que isso não esteja evidente neste momento.

Foi com sua experiência clínica que Freud (1893b/1996) foi se dando conta dos limites impostos pelo método catártico quando, mesmo após apagar da memória de Emmy, via hipnose, fatos e lembranças dolorosas que se relacionavam com seus sintomas, estes persistiam. Percebe então, que tais sintomas passavam a se ligar não apenas aos traumas iniciais, como também a uma longa cadeia de lembranças a ele associado que Freud deixou de apagar.

Foi também com o caso da Sra. Emmy que Freud (1893b/1996) passou a perceber que

fatores sexuais poderiam estar em jogo nos sintomas. Percebe que determinados fatores eróticos nos relatos de Emmy, em certo momento, foram incompletos e, assim, Freud afirma que: “Acostumei-me a considerar incompleta qualquer história que não trouxesse nenhuma melhora, a aos poucos tornei-me capaz de ler nos rostos dos pacientes se eles não estariam ocultando uma parte essencial de suas confissões” (p.112). Podemos inferir, portanto, que este foi um dos primeiros vislumbres de Freud acerca da noção de resistência.

Freud (1893b/1996) passa a considerar como sintomas histéricos os efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Este processo ocorria como se uma soma de excitação, atuando sobre o sistema nervoso, se transformasse em sintomas crônicos, caso não fosse utilizada em ações externas na proporção de sua quantidade. Na histeria, uma parte considerável dessa soma de excitação do trauma é transformada em sintomas somáticos. Noção que parece estar em consonância com as ideias de Charcot, o qual acreditava que somente doentes poderiam ser hipnotizáveis, pois nestes ocorreriam deslocamentos da excitabilidade do sistema nervoso, fenômeno que se passaria a parte da consciência.

Freud (1892-94/1996) efetua certa aproximação dos ataques histéricos e suas alterações de consciência com os processos ocorridos no sono e nos sonhos. Salienta que o ponto central de um ataque histérico é uma lembrança, uma revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença. O conteúdo de tal lembrança, via de regra é, ou um trauma psíquico que por sua intensidade pode provocar a irrupção da histeria, ou é um evento que ocorreu em um momento particular, tornando-se um trauma. Assim, Freud definia o trauma como um acréscimo de excitação no sistema nervoso, sendo este incapaz de dissipar adequadamente pela reação motora. Passa a supor que um ataque histérico talvez possa ser considerado uma tentativa de completar a reação ao trauma.

Nos sonhos também ocorre um acréscimo de excitação, pontua Freud (1900/1996). Em vez de se propagar para a extremidade motora do aparelho psíquico, ela se movimenta no sentido da extremidade sensorial e, assim, atinge o sistema perceptivo. Ao descrever como progressiva a direção tomada pelos processos psíquicos que surgem do inconsciente durante a vida de vigília, pode-se dizer que os sonhos têm um caráter regressivo e investem em representações esquecidas. Deste modo, vai ficando evidente, a partir das observações de Freud, que o ambos os processos, trauma e sonho, possuem mecanismos de funcionamento similares. Tais representações esquecidas, por terem se tornado inconscientes, tiveram seu acesso à motilidade impedido pelas regulações fisiológicas que o estado de sono produz. As representações, então, são compelidas a tomar o caminho de retorno em direção a percepção e

satisfazer-se de modo alucinatório. Assim, seu escoamento energético também não pode ser efetuado, como ocorre no trauma e nos ataques histéricos (Freud, 1933[1932]/1996).

Os delírios histéricos também possuem um mecanismo similar aos sonhos como Freud (1892-94/1996) nos demonstra. Nestes casos, emerge um material sob a forma de ideias e impulsos à ação que a pessoa, em seu estado sadio, rechaçou e inibiu mediante um grande esforço psíquico. Algo parecido ocorre nos sonhos, pois nestes, desfiam associações adicionais que foram rejeitadas ou interrompidas durante o dia. Foi neste fato que Freud baseou a teoria da contravontade histérica, efetuando, novamente, uma aproximação entre os sintomas histéricos e os sonhos.

No fim de 1892 Freud iniciou o tratamento de Miss Lucy R., uma jovem de 30 anos que foi encaminhada por um colega médico que tratava de sua rinite supurativa cronicamente recorrente. A paciente em questão perdera todo o sentido olfativo e era perseguida por uma ou duas sensações olfativas que lhe eram muito incômodas. Sentia um cheiro de pudim queimado e não sabia explicar o motivo.

Freud (1893b/1996) não conseguia hipnotizar Miss Lucy e, assim, “abri mão do sonambulismo e conduzi toda a sua análise enquanto ela se encontrava num estado que, a rigor, talvez tenha diferido muito pouco de um estado normal” (p.139). Novamente percebemos que Freud se refere ao sonambulismo como um estado mental relativo ao sono.

Freud (1893b/1996), então, passa considerar abandonar o método catártico na maioria dos casos, ou ainda, empregar tal método sem o sonambulismo. Quando, falhava na primeira tentativa “eu abandonava de modo ostensivo a hipnose e pedia apenas ‘concentração’; e ordenava ao paciente que se deitasse e deliberadamente fechasse os olhos como meio de alcançar essa ‘concentração’” (p.140). Este pedido efetuado por Freud (1925[1924]/1996), parece ser uma herança do método hipnótico, visto que o autor afirma que ao abandonar a hipnose, conservou o hábito de exigir do paciente que ficasse deitado num sofá enquanto o próprio Freud se mantinha ao lado dele, vendo-o, mas sem que fosse visto.

Freud (1904[1903]/1996) salienta que a hipnotizabilidade, por mais habilidoso que seja o médico, reside no arbítrio do paciente, e como um grande número de neuróticos não pode ser colocado em estado de hipnose, assegurou-se através da renúncia à hipnose, a aplicabilidade do método a um número muito maior de pessoas. Por outro lado, ao abrir mão da hipnose, Freud (1893b/1996) chega a um impasse, justamente pelo fato de que “Não pareceu tarefa fácil encontrar um substituto para os mesmos” (Freud, 1925[1924]/1996, p. 34). Com o abandono de dessa técnica, parecia ter se privado de uma condição sem a qual o método catártico não era utilizável, justamente pelo fato deste método ser baseado na

hipótese, onde os pacientes, a partir de seu estado alterado de consciência, obtinham acesso às lembranças e podiam identificar ligações que não pareciam, à primeira vista, estar presentes em seu estado de consciência normal. Freud (1923[1922]/1996), então, percebe que com o abandono da técnica hipnótica, as impressões que dela derivaram forneceram-lhe os meios de substituí-la.

Está ficando evidente que Freud, posteriormente, encontrou um substituto dessa ordem, plenamente satisfatório, nos sonhos, visto que estes substituíram este estado distinto da consciência que permitia o alcance das lembranças traumáticas. Em seu *Estudo Autobiográfico* (1925[1924]/1996) Freud sugere que “os sonhos realizam uma parte do que era anteriormente tarefa do hipnotismo” (p.50). A análise dos sonhos parece ter surgido como um instrumento no arsenal terapêutico de Freud para se ter acesso a estratos psíquicos inconscientes que antes, só tinha acesso com o uso da hipnose. Deste modo, Freud pôde, prescindindo do hipnotismo, conseguir que os doentes revelassem tudo quanto fosse preciso para estabelecer os liames existentes entre as cenas patogênicas olvidadas e os seus resíduos – os sintomas.

Entretanto, foi percebendo questões acerca deste esquecimento de lembranças sendo capaz de inferir que em muitos casos ele é intencional e desejado, visto que seu êxito é apenas aparente. A conclusão tirada por Freud foi de que experiências que desempenham um papel patogênico, juntamente com seus concomitantes secundários, são retidas na memória do paciente, mesmo quando parecem ter sido esquecidas.

Posteriormente, Freud (1900/1996) compreende que o mesmo processo de investigação dos sintomas pode se dar em relação aos sonhos, visto que, a partir do advento da associação livre, os pacientes assumiam o compromisso de comunicar todas as ideias ou pensamentos que lhes ocorressem em relação a um assunto específico. Assim, passavam a lhe narrar os sonhos e disso Freud pode inferir que o sonho também poderia ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma ideia patológica, mas, “Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas” (p.131)

A partir do caso de Miss Lucy, Freud (1893b/1996) compreendeu que na aquisição da histeria ocorre o desenvolvimento de uma incompatibilidade entre o ego e alguma ideia a ele apresentada. O método de defesa histérico reside na conversão da excitação em uma inervação somática, e, assim, a ideia incompatível é forçada para fora do ego consciente. Mas, em troca, essa consciência guarda a reminiscência física que surgiu por meio da

conversão e sofre por conta do afeto que se encontra ligado precisamente aquela reminiscência. Portanto, o mecanismo que produz a histeria representa, por um lado, um ato de covardia moral e, por outro, uma medida defensiva que se encontra à disposição no ego, ou seja, uma formação de compromisso entre duas forças psíquicas.

Conclui sua discussão do caso, afirmando que o momento traumático real é aquele onde a incompatibilidade se impõe sobre o ego e em que este repudia a ideia incompatível. Essa ideia, entretanto, não é excluída, mas é recalçada para o inconsciente postula Freud (1893b/1996). Quando este processo acontece pela primeira vez, passa a existir um núcleo para a formação de um grupo psíquico divorciado do ego, grupo em torno do qual o que implicaria uma aceitação da ideia incompatível passa a se reunir. A divisão da consciência em casos de histeria, é, portanto, deliberada e intencional.

A partir deste ponto, percebemos que os jogos de força, aos quais Freud se refere, seriam expressões de tendências dirigidas para um fim, e que trabalham umas de acordo com as outras, ou umas contra outras. Assim, o autor passa a elaborar a concepção dinâmica das aparências psíquicas. Nesta concepção, salienta Freud (1917[1916-17]/1996), os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano, atrás das tendências apenas supostas. O ponto de vista dinâmico seria, portanto, uma espécie de guia metodológico que deu sustentação a descoberta da existência de um importante campo da vida mental, normalmente afastado do conhecimento da consciência, de modo que os processos que nele ocorrem devem ser considerados como inconscientes, em seu sentido dinâmico. A esse ponto de vista Freud, posteriormente, acrescentou o tópico, que será visto no próximo subcapítulo, e o econômico, aos quais também correspondem outros conceitos especulativos, cuja finalidade é a de completar as teorias empíricas, sendo possível melhor contextualizar os fatos clínicos, fornecendo, assim, um guia para a busca de certas explicações.

Agora, é mister nos atermos a questão de como Freud, a partir do abandono da hipnose, foi chegando a noção de defesa e de recalque, além de demonstrar quais elementos dessas primeiras teorizações acerca da divisão da consciência e dos estados hipnóides de Breuer foram relevantes para a formulação da teoria dos sonhos proposta por Freud.

1.2. A DIVISÃO DA CONSCIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM O SONHO

O estudo dos fenômenos hipnóticos fez com que se tornasse habitual a concepção de que em um mesmo sujeito existiam vários agrupamentos mentais que poderiam ficar independentes entre si, sem que nada soubessem um sobre o outro, e que poderiam alternar-se entre si em sua emersão à consciência. O inconsciente, que se estrutura a partir do conceito de

recalque, estava, a princípio, calcado no modelo da divisão da consciência que, por sua vez, permitiu a Freud explicar a amnésia pós-hipnótica.

Freud (1910[1909]/1996) nos aponta que Breuer partia do pressuposto que os sintomas histéricos apareciam em estados mentais particulares que denominava de 'hipnóides'. As excitações durante tais estados hipnóides tornam-se patogênicas pois não encontram neles as condições para a descarga normal do processo de excitação. Assim, origina-se, do processo de excitação, um produto anormal, o sintoma, que como um corpo estranho, se infiltra no estado normal de consciência, escapando a este, por isso, o conhecimento da situação patogênica hipnóide. Onde há um sintoma, também há uma amnésia, uma lacuna na memória, cujo preenchimento suprime as condições que conduzem a produção do sintoma.

A teoria de Breuer dos estados hipnóides foi abandonada por Freud mas, foi fundamental para que o autor pudesse perceber as influências e processos atrás das fronteiras dos estados hipnóides por Breuer fixadas, além de compreender que tal teoria esclarecia as relações dos sintomas com as experiências patogênicas ou traumas psíquicos, resultado que passou a ser visto sob o ponto de vista do recalque, visto que foi partindo da resistência que se pode chegar a formação dos sintomas. Tais noções podem ser as precursoras das primeiras conceituações do autor de sua teoria onírica. Posteriormente, Freud (1900/1996) compreende que tanto quanto os sintomas, os sonhos penetram na consciência normal e a ligação entre um estado e outro permanece oculta. Nos sonhos, as lembranças recalçadas que haviam permanecido inconscientes se infiltram na consciência por um caminho indireto, sob a forma de imagens aparentemente sem sentido.

A existência de memórias recalçadas como suposto fator patogênico foi compartilhado por Freud e Breuer por certo tempo. Teria sido esta a origem da teoria do trauma, a qual passou a gerar controvérsias entre os autores quanto a sua origem. Freud passou a defender que a lembrança traumática da histeria ocorria devido a experiências vivenciadas na infância sob um afeto que gerou desprazer, enquanto Breuer defendia que isso dependia de estados hipnóticos espontâneos e não de uma experiência traumática. Freud, ao contrário de Breuer, percebia o trauma como a consequência de um conflito psíquico e não decorrente de um estado hipnóide de origem hereditária que tornava impossível a ab-reação.

Freud foi então se emancipando das ideias de Breuer, buscando separar suas noções dos conceitos de Pierre Janet, cuja teoria estava ainda presente na colaboração conjunta com Breuer e no modelo de divisão da consciência. Freud (1894/1996) salienta que as opiniões em relação a origem dessa divisão da consciência e ao papel desempenhado por essa

característica na estrutura da histeria, não são precisas. Para Janet, a divisão da consciência seria um traço primário da alteração mental na histeria e se baseia em uma deficiência inata da capacidade de síntese psíquica, no estreitamento do campo de consciência, o qual evidenciaria a degeneração dos indivíduos histéricos.

Freud (1894/1996) contrapõe-se à teoria de Janet, apresentando a posição proposta por Breuer em sua colaboração conjunta. Breuer afirmava que a base da histeria seria a ocorrência de estados de consciência alterados, que se assemelham ao sonho, com uma capacidade de associações restrita, para os quais denominou de “estados hipnóides”. Nesse caso, a divisão da consciência seria secundária e adquirida, ou seja, ocorria em virtude das representações que emergiam nos estados hipnóides estarem excluídas da comunicação associativa com o resto do conteúdo da consciência. Um processo similar ocorre nos sonhos. Por motivos ligados ao mecanismo de associação, afirma Freud (1900/1996), o processo onírico acha mais fácil obter controle do material de representações recentes ou indiferentes, que ainda não foi requisitado pela atividade de pensamento da vigília, e, por motivos de censura, ele transfere a intensidade psíquica daquilo que é importante e mais objetável, para aquilo que é indiferente.

Na *Comunicação Preliminar* (1893a/1996), o recalque agia sobre a lembrança e o afeto a ela ligado, expulsando-os, assim, da consciência. Seu efeito patológico se dá no momento em que a *second conscience* desse processo passava a controlar o sujeito. Assim, a ação da defesa e suas consequências passam a ser múltiplas. Freud (1894/1996) demonstra duas formas de histeria, nas quais não seria possível considerar a divisão da consciência como Janet a concebia. Na primeira dessas, demonstra que a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente, ou seja, é promovida a partir de um grande esforço de vontade cujo motivo pode ser explicado. Na terceira forma de histeria, que foi previamente demonstrada por Freud e Breuer através de uma análise psíquica, a divisão da consciência não desempenha um papel significativo. Tratam-se de casos em que ocorre apenas uma falta de reação aos estímulos traumáticos e, que podem ser resolvidos perante “ab-reação”. Estas seriam, de acordo com Freud, as histerias de retenção puras. Freud (1894/1996) cita outro tipo de histeria, a hipnóide, e, atribui este tipo de histeria a Breuer, que propunha uma tendência nos histéricos a sofrerem estados de consciência peculiares de restrita capacidade associativa. Uma representação surgida nesse estado ficaria excluída da consciência, provocando assim, o surgimento da *second conscience*, a qual seria secundária e adquirida.

Freud (1910[1909]/1996) demonstra em que pontos ele divergia das concepções de

Janet. O autor não concebia a divisão psíquica à incapacidade inata para a síntese da parte do aparelho psíquico, mas a explicam a partir do dinamismo pelo conflito de forças mentais contrárias, reconhecendo nele o resultado de uma luta ativa da parte dos dois agrupamentos psíquicos entre si. De tal concepção surgem grandes questões e a emancipação de Freud em relação as concepções de Breuer torna-se mais proeminente. Os conflitos psíquicos são muito frequentes, como salienta Freud. Este então, observou que com muita frequência há o esforço do eu para se defender de recordações penosas, sem que isso produza a divisão psíquica. Assim, entende ser forçoso admitir que outras condições também são necessárias para que do conflito resulte a dissociação. “Concordo de boa-vontade que com a hipótese da repressão, estamos não no remate, mas antes no limiar de uma teoria psicológica; só passo a passo podemos avançar, esperando que um trabalho posterior mais aprofundado aperfeiçoe os conhecimentos (p.41).

Neste ponto, nos parece que Freud, posteriormente, encontra um paralelo com o trabalho do sonho. O autor (1900/1996) salienta que este se vale de diferentes métodos para dar forma sensorial a palavras ou expressões. Se, por exemplo, a expressão a ser representada é ambígua e representa um conflito, o trabalho do sonho pode explorar esse fato utilizando a ambiguidade como um ponto de desvio, de modo que, quando um dos sentidos da palavra está presente nos pensamentos oníricos, o outro pode ser introduzido no sonho manifesto. São sensações de natureza desprazerosas, provindas de fontes somáticas, que o trabalho do sonho utiliza para representar a solução do conflito dessas forças mentais contrárias que se submeteram ao recalque, ou seja, foram suprimidas. Entretanto, Freud sustenta que antes de haver ocorrido o recalque, tais sensações de natureza desprazerosa, foram originalmente de natureza prazerosa. Portanto, o propósito e o resultado de tal supressão, é impedir essa liberação de desprazer.

Percebemos que estes esquemas fundam as primeiras ideias teóricas de Freud e se relacionam com a teoria dos sonhos: funcionalmente uma força recalçada que se esforça em abrir caminho até a atividade, mas mantida sob controle por uma força recalçadora e, estruturalmente, um inconsciente que se opõe a consciência (1939[1934-38]/1996).

Freud (1894/1996) demonstra que mesmo que o sujeito procure expulsar e suprimir as representações que lhe são intoleráveis, tal “esquecimento” não funciona nos pacientes neuróticos. Entretanto, levou a diversas reações patológicas onde seu resultado foi ou a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória. A capacidade de promover um desses estados, que estão ligados a uma divisão da consciência, através de um esforço voluntário, era considerada por Freud como manifestação de uma disposição patológica, embora, saliente

que esta não é necessariamente como a “degeneração” individual ou hereditária.

Os atendimentos clínicos realizados por Freud, também lhe deram provas acerca deste segundo estado de consciência, mesmo que o autor tenha gradualmente abandonado tal noção, nos parece que, como ocorreu com a hipnose, ele retira algo de novo deste processo para estruturar sua teoria dos sonhos, bem como o modelo de aparelho psíquico. Seguindo com o mesmo método de Breuer, ao atender Emmy, Freud (1893b/1996) percebe que quando esta lhe relatava a história de suas dores inicia o relato com uma longa série de exemplos de experiências aflitivas e irritantes, que tivera ao mesmo tempo que as dores e cujo efeito foi o de torná-las cada vez pior. Assim, Freud passa a teorizar acerca das falsas ligações efetuadas por pacientes neuropatas, atribuindo duas condições para que seja considerada como uma destas. A primeira, refere-se a desconfiança que parece estar sempre presente, enquanto a outra, a divisão da consciência, é substituída pelo fato de que a maior parte dos neuropatas não possui conhecimento das verdadeiras causas de seu distúrbio, sendo que evitam deliberadamente esse conhecimento. Freud justifica tal fato, pois tais pessoas não estariam dispostas a aceitar a responsabilidade pela sua doença.

Isto posto, pode-se inferir que tais condições psíquicas formuladas para os neuropatas, diversamente dos histéricos, a saber, a ignorância deliberada, seria mais propícia a formação de uma falsa ligação do que a presença de uma divisão da consciência. Entretanto, para Freud (1893b/1996), a divisão raramente é nítida. Em geral, algumas partes do complexo subconsciente de representações, adentra na consciência normal do indivíduo e produzem, assim, esse tipo de perturbação. O que costuma ser percebido de forma consciente, é o sentimento geral ligado ao complexo, um estado de angústia, e, é esse sentimento que “por uma espécie de ‘compulsão à associação’, precisa que se encontre para ele uma ligação com algum complexo de representações que se ache presente na consciência” (p.102).

Foi a experiência pessoal de Freud (1893b/1996) que o convenceu da força de uma compulsão dessa espécie. Durante certo período, Freud precisou trocar sua cama habitual por uma mais dura, na qual teve numerosos e mais nítidos sonhos. Sempre após acordar, se recordava de todos os sonhos que teve durante a noite e passou a anotá-los a fim de tentar solucioná-los. A partir daí relaciona tais sonhos com dois fatores, a saber, sendo o primeiro deles com a necessidade de elaborar quaisquer representações de que apenas tivesse tratado de maneira superficial ao longo do dia e, segundo, com a compulsão de vincular quaisquer representações que pudessem estar presentes no mesmo estado de consciência. Postula, então, que o caráter absurdo e contraditório dos sonhos pode ser investigado até a ascendência não controlada deste segundo fator.

O caso de Emmy também foi importante para que Freud (1893b/1996) pudesse inferir questões relacionadas às alterações patológicas de consciência. Qualquer coisa que a fizesse recordar de seus traumas a deixava em estado de delírio. Nestes estados havia uma limitação da consciência e uma compulsão a associar, a qual Freud assemelha àquela que predomina no sonho. Freud salienta que nos estados patológicos a preponderância de novas representações e a falta de resistência a elas aumentam em proporção à escassez das imagens mnêmicas despertadas, isto é, proporcionalmente à pobreza e à debilidade de seus poderes associativos. Isso já é o que ocorre no sono, nos sonhos e na hipnose, ou seja, nestes casos sempre ocorre uma redução de energia mental, desde que essa não reduza também a nitidez das novas representações. Freud compara esses estados, a alienação alucinatória e, provavelmente representava um ataque histérico. A transição do estado normal para um delírio acontecia de forma imperceptível no caso de Emmy.

Cerca de três anos após atender Emmy, Freud passa a atender Elisabeth von R., uma jovem que vinha sofrendo há mais de dois anos dores nas pernas e dificuldade em andar. Também neste caso, dispensou o uso da hipnose sendo esta “a primeira análise integral de uma histeria empreendida por mim, cheguei a um processo que mais tarde transformei num método regular e empreguei deliberadamente. Esse processo consistia em, remover o material psíquico patogênico, camada por camada e gostávamos de compará-lo à técnica de escavar uma cidade soterrada” (1893b/1996, p.170). Neste momento, mesmo sem que houvesse a formalização de sua técnica de associação livre, Freud parece descrever a mesma, pois, pedia para a paciente lhe contar, sem o uso da hipnose, o que sabia sobre sua doença e assim, Freud fazia suas anotações dos pontos onde alguma sequência de pensamento permanecia obscura ou quando algum elo da cadeia causal parecia estar faltando. Somente após tal procedimento, penetrava em camadas mais fundas de suas lembranças nestes pontos. A Srta. Elisabeth lhe conta diversos fatos penosos de sua vida e, enquanto fazia o relato, ela não ficava sob hipnose, mas Freud a fazia deitar e conservar os olhos fechados.

Também neste caso o autor passa a perceber a existência de um conflito, uma situação de incompatibilidade. O fator erótico também entra em jogo neste momento. O resultado de tal conflito foi que a representação erótica fora recalcada para longe da associação e o afeto ligado a essa representação foi utilizado com o fim de intensificar ou reviver uma dor física que estava presente simultaneamente ao fato ou pouco antes. Tal caso representava o exemplo do mecanismo de conversão com finalidade de defesa. Precisamos também ter em nossa mira que posteriormente Freud (1900/1996) percebe que os sonhos demonstram ser também a solução de compromisso produzida por um conflito entre forças psíquicas.

Foi no caso Elisabeth que a noção de resistência foi ganhando seu contorno. Camada por camada, Freud foi esmiuçando os conteúdos psíquicos em direção ao trauma. Um trabalho elaborado no qual os traumas secundários apontam no sentido do trauma real. O até então objetivo terapêutico de ampliar o campo mnêmico em prol do acesso à recordação traumática, que possibilitava a descarga dos afetos estrangulados, começa a perder força, a partir do advento da resistência.

Em decorrência de sua nova descoberta Freud pode compreender os conceitos de rechaço de uma representação incompatível, da gênese dos sintomas histéricos através da excitação psíquica em algo físico e da formação de um grupo psíquico separado, através do ato de vontade que produziu o rechaço. A resistência apresentada pela paciente que ela havia oferecido repetidamente à reprodução das cenas que atuaram de forma dramática, correspondiam a energia com que a representação incompatível foi expulsa de suas associações.

Freud (1893b/1996) segue, ao afirmar que os deveres da paciente para com o pai enfermo entraram em conflito com o conteúdo do desejo erótico por um rapaz que ela havia conhecido na época. Sob a pressão de intensas autocensuras, ela decide em favor do pai, e ao fazê-lo provocou a dor histérica. Ela recalcou uma ideia erótica fora da consciência e transformou a carga de seu afeto em sensações físicas de dor. Também neste caso, Freud nota que um círculo de representações eróticas entrou em conflito com suas representações morais, justamente pelo fato de suas inclinações estarem centradas no cunhado, o qual Elisabeth demonstrava ter grande apresso. Estas inclinações também de ordem erótica foram efetuadas tanto durante a vida da irmã, como depois de sua morte, a representação de ser atraída pelo próprio cunhado lhe era totalmente inaceitável.

A análise do caso demonstrou que durante o mesmo período em que suas dores surgiram Elisabeth se encontrava em um estado psíquico especial e, a ligação desse estado com seus sentimentos eróticos e suas dores possibilitaram a compreensão do que ocorreu segundo a teoria da conversão. Freud (1893b/1996) supõe que na época, a paciente teve consciência dos sentimentos pelo cunhado, em poucas ocasiões e momentaneamente. Assim, seu amor por este estava presente em sua consciência como um corpo estranho, sem entrar em relação com o resto de sua vida representativa, foram isolados de qualquer livre conexão associativa de pensamento com o resto do conteúdo representativo de sua mente. A partir de tal ponto, Freud se questiona como poderia ocorrer que um grupo representativo com tanta força emocional pudesse se manter isolado.

O autor passa a levar em consideração dois fatores, a saber. O primeiro deles refere-se

a descoberta de que simultaneamente à formação desse grupo psíquico isolado, Elisabeth desenvolveu suas dores históricas. O segundo fator refere-se à resistência oferecida pela paciente à tentativa de promover uma associação entre o grupo psíquico isolado e o resto do conteúdo de sua consciência e, quando a ligação se realizou, ela sentiu uma grande dor física. A visão da histeria que Freud (1893b/1996) possuía na época, relaciona estes dois fatos com a divisão da consciência, onde o segundo fator indica o motivo para a divisão da consciência, ao passo que o primeiro indica seu mecanismo. O motivo foi a defesa, onde a recusa, por parte de todo ego da paciente, chegou a um acordo com esse grupo representativo. O mecanismo foi o de conversão, ou seja, no lugar das dores mentais que ela evitou, surgiram as dores físicas. Assim, efetuou-se uma solução de tal conflito pela via do sintoma que teve a vantagem de poupar a paciente de uma condição mental intolerável, embora às custas de uma anormalidade psíquica, a divisão da consciência que se efetuou, de uma doença física, de suas dores.

Freud (1893b/1996) se questiona sobre o que se transformaria em dor física. Atribui, assim, uma carga de afeto ao complexo representativo dos sentimentos eróticos que pertenciam ao inconsciente e sustenta que essa carga afetiva é o que foi convertido. O “amor inconsciente” perdeu tanto de sua intensidade através de uma conversão como esta que, teria sido reduzido para uma representação fraca. E, é justamente essa redução da força, que seria a única coisa que tornou possível a existência desses sentimentos inconscientes como um grupo psíquico isolado.

A consciência não sabe, de antemão, quando uma representação incompatível irá aflorar. Tal representação, que juntamente com as que lhe estão associadas e é depois excluída e forma um grupo psíquico separado, deve ter estado em comunicação com a corrente principal de pensamento. Estes momentos, portanto, são classificados como traumáticos, segundo Freud (1893b/1996), visto que ocorre a conversão ocorre. Os resultados desse processo são a divisão da consciência e o sintoma histórico.

Neste modelo da divisão da consciência, a lembrança patogênica era considerada o “corpo estranho”, tal como um vírus. A partir do advento dos conceitos de defesa e de resistência, tal concepção não mais se sustenta e passa a ser alvo de críticas de Freud nos capítulos finais dos *Estudos*.

Freud (1893-1895/1996) demonstra, como foi levado a noção de que a histeria se origina a partir do recalçamento de uma ideia incompatível, de uma motivação de defesa. A partir desse ponto, a ideia recalçada persiste como um traço mnêmico fraco, enquanto o afeto dela retirado seria utilizado para uma inervação somática. É, portanto, justamente por meio de

seu recalçamento que a ideia se transforma na causa dos sintomas. Denomina de “histeria de defesa” à histeria que possuía este mecanismo psíquico.

Para Freud (1894/1996), a divisão da consciência passou a ser resultado de um conflito em que houve uma vontade do sujeito de se livrar da representação ou lembrança aflitiva. O papel da *second conscience* acaba por se modificar com o advento do conceito de defesa. Anteriormente ela provocava os ataques e sintomas histéricos ao adentrar na consciência normal. A partir do novo modelo estruturado por Freud ela não terá mais esse papel de possessão. Após a cisão que daria origem ao núcleo dessa outra consciência, o momento traumático, sempre que uma nova situação da mesma espécie da que fora recalcada consegue ultrapassar a barreira da vontade, a representação enfraquecida é novamente investida com o afeto e assim se reestabelece o elo associativo entre a consciência e a *second conscience*, até que uma nova conversão ocorra e estabeleça uma defesa. Neste exemplo cabe ao indivíduo elaborar a representação de forma associativa, dando origem a um sintoma, ou livrar-se dela mais uma vez por meio de um ataque histérico. Em outras patologias provocadas pela defesa, a *second conscience* não controlaria as ações dos sujeitos. Assim, é nítido que Freud manteve o modelo da divisão da consciência ainda neste momento, entretanto, promoveu importantes alterações e acréscimos.

Com a descoberta das resistências e com o trabalho que dali se deriva, sem o uso da hipnose, percebe-se que as análises se transformavam. Passaram a ser ab reativas e conferiam maior ênfase na busca dos acontecimentos. Assim, as lembranças passam a ter mais relevância que os sintomas, trazendo a memória as representações perdidas. Freud (1893-1895/1996) percebe que não há um sintoma histérico único, mais muitos deles, independentes uns dos outros e em parte ligados. Não encontra apenas uma lembrança traumática e uma lembrança patogênica única como sendo seu núcleo, mas sim uma sucessão de traumas parciais e concatenação de cadeias patogênicas de ideias. No processo onírico algo similar ocorre, e Freud se deu conta de que os afetos que surgem nos sonhos, são alimentados por uma confluência de diversas fontes, e, sobredeterminados em sua referência ao material dos pensamentos oníricos. Durante o trabalho do sonho, as fontes de afeto passíveis de produzir o mesmo afeto unem-se para gerá-lo (Freud, 1900/1996).

Freud (1893-1895/1996), descreve esses agrupamentos de lembranças semelhantes, em coleções dispostas em sequências lineares como constituindo temas. Esses temas exibem um segundo tipo de arranjo, onde cada um deles está estratificado em torno do núcleo patogênico. O conteúdo de cada camada é caracterizado por um semelhante grau de resistência e, esse grau aumenta na proporção em que as camadas se acham mais próximas ao

núcleo. As camadas mais periféricas contêm as lembranças, as quais, são recordadas facilmente e estão disponíveis na consciência.

Entretanto, Freud (1893-1895/1996), percebe que quanto mais se aprofundava, mais difícil era o reconhecimento das lembranças emergentes, até que, perto do núcleo, esbarrava em lembranças que o paciente rejeita veemente. Freud, passa a analisar outro importante arranjo de acordo com o conteúdo do pensamento, a ligação feita por um fio lógico que chega até o núcleo e tenta seguir um caminho irregular, diferente em cada caso. A cadeia lógica corresponde a um sistema de linhas em ramificações e a um sistema convergente, contendo pontos nodais em que dois fios se juntam, continuando como um só. É digno de nota a frequência com que um sintoma, tal como acontece nos sonhos é determinado de vários modos, sendo assim, sobredeterminado. Freud (1900/1996) nos demonstra que cada elemento do sonho, também é sobredeterminado pelo material dos pensamentos oníricos. Não provêm de um único elemento dos pensamentos oníricos, podendo sua origem referir-se a toda uma série deles. Tais elementos não precisam ter uma relação direta e mútua nos próprios pensamentos oníricos, mas, podem pertencer as mais distantes e diversas regiões da trama desses pensamentos. Freud, então, considera o elemento onírico como um representante de todo esse material diverso no conteúdo do sonho. Assim como as ligações levam de cada elemento do sonho a diversos pensamentos oníricos, também cada pensamento onírico isolado, é representado por mais de um elemento do sonho. Os fios de associação não convergem simplesmente dos pensamentos oníricos para o conteúdo do sonho, mas se cruzam e se entrelaçam diversas vezes no curso de seu caminho.

Freud (1893-1895/1996) passa a supor, então, a existência de mais de um núcleo no material patogênico. Percebe que a organização patogênica não se comporta como um corpo estranho, como postulava anteriormente, mas, como um infiltrado. Assim, a resistência é considerada como aquilo que se infiltra. Assim, o tratamento não consiste mais em extirpar algo, mas em fazer com que a resistência se dissolva, permitindo que a circulação prossiga para uma região que esteve isolada.

A princípio, Freud (1893-1895/1996), mantinha-se na periferia da estrutura psíquica. Começava fazendo com que o paciente lhe dissesse aquilo que sabia e lembrava, enquanto direcionava sua atenção a superação das resistências mais leves a partir do uso da técnica da pressão. Muitas reminiscências passavam a ocorrer, sem que precisasse efetuar perguntas ou fixar-lhes tarefas. As coisas que os pacientes traziam à tona dessa maneira pareciam desconexas, mas forneceram material que ganhava sentido quando era descoberta uma ligação. Encontramos aqui um paralelo com a futura técnica de interpretação dos sonhos

proposta por Freud (1900/1996), visto que o autor afirma que interpretar um sonho implica atribuir a ele um sentido, ou seja, substituí-lo por algo que se ajuste a cadeia dos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante.

Os progressos do tratamento são conseguidos, de acordo com Freud (1893-1895/1996), pela superação da resistência, como já assinalado. Mas, percebe que outra tarefa deve ser executada. Ele necessitava se apoderar de um pedaço do fio lógico, visto ser através de sua orientação que se pode penetrar no interior. Examinando o relato que o paciente efetuava sem esforço ou resistência, Freud descobria lacunas e imperfeições. Assim, compreende que o analista é aquele que deve procurar atrás desses pontos fracos uma abordagem para o material das camadas mais profundas e esperar descobrir os fios de ligação que estava buscando por meio da técnica da pressão.

Passa a formular que se nos pacientes histéricos as cadeias de ideias produzem uma impressão diferente, nestes casos a relativa intensidade das diferentes ideias aparentam ser inexplicáveis apenas por determinantes psicológicos. Em relação a isso Freud (1893-1895/1996) afirma: “já descobrimos a razão disso e podemos atribuí-la à *existência de motivos inconscientes ocultos*” (p. 317).

Neste momento, a teoria das neuroses passa a se basear em novas premissas. A primeira equivale ao fato de que as neuropsicoses teriam origem no recalque de uma representação desagradável. A segunda diz respeito a origem de tal representação que, para Freud (1894/1996), provém da esfera sexual. O inconsciente freudiano desta época é compreendido como fruto do recalque de uma ideia ou lembrança ligada à esfera sexual que formaria o núcleo do que fora denominado de *second conscience*. Esse inconsciente passa a ter um conteúdo diferente do proposto na *Comunicação Preliminar*, onde qualquer representação que não fosse ab reagida adequadamente poderia ser dissociada da consciência e formaria o núcleo desse inconsciente.

O inconsciente freudiano perde seu status de “corpo estranho” passando a ser encarado como um “infiltrado”. Ao invés de ser encarado como algo dissociado da consciência, uma organização a parte, o núcleo das representações patológicas se tornou constituinte de um todo. Neste ponto, podemos perceber que Freud começa a esboçar uma concepção do psiquismo em que, após sua noção de inconsciente por meio do recalque, este se manteria em comunicação com o ego, produzindo os efeitos cujos motivos inconscientes são ignorados pelo sujeito. Nos parece ser um passo relevante em direção ao aparelho psíquico que será estruturado em *A Interpretação dos Sonhos*.

Freud passa a questionar o modelo da *second conscience*, postulando: “Assim, temos

motivos para modificar nossa inferência a respeito de nós mesmos e dizer que o que está provado não é a existência de uma segunda consciência em nós, mas na existência de atos psíquicos que carecem de consciência” (1915/1996, p. 175-6). Portanto, os casos de *double conscience* podem ser descritos como casos de uma divisão das atividades mentais em dois grupos e esta mesma consciência se volta, de modo alternado, para um ou outro desses grupos. Esta seria a hipótese topográfica de Freud para representar a mente incluindo duas partes, uma recalcada e outra que recalca. A divisão topográfica da mente, portanto, baseia-se em algo mais que a função, a saber, uma divisão em partes as quais era possível atribuir certo número de características e métodos de operação diferenciantes. O conceito de sistema, tornou-se explícito, posteriormente em *A Interpretação dos Sonhos*.

Agora, nosso próximo passo é analisar a relação existente entre a teoria dos sonhos e os processos de distribuição energética do sistema nervoso, visto que Freud percebeu que o modo como isto ocorre nos sintomas e nos traumas possui similaridades com os processos oníricos.

1.3. A DISTRIBUIÇÃO ENERGÉTICA DO APARELHO PSÍQUICO E O PROCESSO ONÍRICO

Foi o estudo das psiconeuroses, especialmente da histeria, que deu a Freud os primeiros vislumbres da teoria dos sonhos, bem como de sua proposta de constituição do aparelho psíquico. O autor foi se dando conta que os mesmos processos psíquicos irracionais, como ocorrem nos sonhos, regem a produção dos sintomas histéricos, percebendo que a distribuição da excitação em tais casos demonstra ser uma distribuição instável. O autor postula que a excitação, forçada a escoar pelo canal da inervação somática, vez ou outra reencontra o caminho de volta para a representação da qual se destacou, fazendo com que o indivíduo elabore a representação associativamente ou a elimine através de ataques histéricos. Assim, Freud foi inferindo que o fator característico da histeria, por exemplo, não seria a divisão da consciência, mas sim a capacidade de conversão, e disso deduz como parte da predisposição para a histeria, uma aptidão psicofísica para transpor grandes somas de excitação para a inervação somática (Freud, 1894/1996)

Nas funções mentais, algo deve distinguir, a saber, uma soma de afeto ou soma de excitação, que possui todas as características de uma quantidade passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, se espalhando sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (Freud, 1894/1996). Esta hipótese, que já estava subjacente a teoria da ab-reação na *Comunicação*

Preliminar, pode ser aplicada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica. Ela é justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos (Freud, 1894/1996).

Percebe-se, a partir dessas passagens, que a noção de “quantidade deslocável” já estava implícita em tais discussões. Como o próprio Freud indica, ela estava subjacente à teoria da ab-reação, sendo a base necessária do princípio de constância que será discutido mais adiante. Pode-se perceber que a questão referente à distribuição energética se dava quando Freud utilizava-se de expressões, como: “carregado com uma soma de excitação” (Freud, 1894/1996, p. 56) além de inúmeras menções efetuadas tanto pelo autor, quanto por Breuer nos *Estudos Sobre a Histeria* ao se referirem a descarga de afetos e aos estados de excitação. Neste momento, Freud descrevia a quantidade deslocável como uma carga de afeto. Portanto, a partir da indicação de Freud e a possível relação efetuada entre a teoria onírica e tais noções, o próximo passo será analisar os estados de excitação e a distribuição energética do sistema nervoso, buscando relacionar tais concepções à teoria onírica.

Percebemos que além de uma concepção descritiva do inconsciente, Freud irá formular a concepção de um inconsciente habitado por elementos que não seriam diretamente observáveis, tais como as forças e energias de natureza psíquica. Para o autor, essas forças caracterizam o ponto de vista dinâmico e são comparáveis às forças que os físicos inferem agir sobre a matéria (Freud, 1940[1938]/1996). De tal concepção dinâmica, Freud nos aponta outra descrição dos processos psíquicos segundo sua relação econômica. Esse ponto de vista econômico, supõe a existência de uma energia psíquica de natureza sexual, a qual funciona e pode ser avaliada segundo um fator quantitativo.

Será em seu *Projeto para uma Psicologia Científica* que Freud (1950[1895]/1996) aborda de modo detalhado a questão da distribuição energética do sistema nervoso. Aquilo que mais chama atenção no *Projeto* é sua tentativa de apresentar o funcionamento do aparelho psíquico governado por princípios quantitativos, além de demonstrar que estes processos são inconscientes. O autor inicia o presente artigo salientando que sua intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural, ou seja, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradições. Apresenta duas ideias principais: 1) A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita a leis gerais do movimento e, 2) os neurônios devem ser encarados como partículas materiais.

A partir desse ponto, Freud (1950[1895]/1996) descreve seu primeiro teorema principal, da concepção quantitativa. Segundo o autor, ela deriva diretamente das observações

clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito a ideias excessivamente intensas. Os processos, como estímulos, substituição, conversão e descarga, sugeriam a Freud a concepção da excitação neural como uma quantidade em estado de fluxo. Foi partindo dessa consideração que o autor estabeleceu um princípio básico da atividade neural em relação a Q. Este é o princípio de inércia neural: onde os neurônios tentem a se livrar de Q. A estrutura e desenvolvimento, bem como as funções, devem ser compreendidos com base nisso.

O princípio da inércia, postula Freud (1950[1895]/1996), explica a dicotomia estrutural dos neurônios em motores e sensoriais, como um dispositivo destinado a neutralizar a recepção de Q, através de sua descarga. O movimento reflexo torna-se compreensível como uma forma de efetuar essa descarga, a origem da ação fornece o motivo para o movimento reflexo. Um sistema nervoso primário se vale dessa Q para descarregá-la nos mecanismos musculares através das vias correspondentes, e, assim, se mantém livre do estímulo. Tal descarga, segundo Freud, representa a função primária do sistema nervoso. Já na função secundária, entre as vias de descarga, são conservadas aquelas que envolvem a cessação do estímulo, ou seja, a fuga do estímulo.

Entretanto, desde o início, o princípio da inércia é rompido pelo fato de que a proporção aumenta a complexidade interior do organismo. Assim, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático, os estímulos endógenos, os quais também necessitam ser descarregados. Tais estímulos são originados nas células do corpo e criam as grandes necessidades, como a respiração e a sexualidade, por exemplo. Deles, ao contrário do que se faz com os estímulos externos, o organismo não pode se esquivar, não pode empregar a Q deles para fuga do estímulo. Eles apenas cessam quando certas condições forem realizadas no mundo externo. Para efetuar esta ação, necessita-se um esforço que seja independente da Q endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se encontra sujeito a condições que podem ser descritas como as exigências da vida. Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia. Precisa tolerar a manutenção de um acúmulo de Q suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo assim, a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo esforço de ao menos manter a Q no mais baixo nível possível e de se preservar contra qualquer aumento da mesma, ou seja, mantê-la constante. Todas as funções do sistema nervoso podem ser compreendidas sob o aspecto das funções primária ou secundária impostas pelas exigências da vida (Freud, 1950[1895]/1996). Em 1900, Freud salienta que as exigências da vida interferem nessa função simples, sendo também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior. Essas exigências da vida se

confrontam sob a forma das grandes necessidades somáticas. As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento e Freud as descreve como uma modificação interna ou uma expressão emocional. Compreendemos que para Freud, o psiquismo é uma organização neural que possui a função de manter um baixo nível de excitação em seu interior. Tal organização se desenvolve com as experiências da vida.

Freud (1950[1895]/1996) passa a combinar sua teoria da QI com o conhecimento dos neurônios que fora estabelecido pela histologia. Esta combinação constitui o segundo pilar da tese de Freud. O sistema nervoso se constitui de neurônios distintos e construídos de forma similar permanecendo em contato recíproco por meio de uma substância estranha. Eles terminam uns sobre os outros como fazem sobre porções de tecido estranho, nos quais se acham estabelecidas determinadas vias de condução, no sentido de que os neurônios recebem excitações através dos processos celulares e deles se descarregam através de um axônio.

Freud (1950[1895]/1996) combina essa descrição dos neurônios com a concepção da teoria QI e, assim, chega à conclusão de um neurônio investido, cheio de determinada QI, ao passo que em outras circunstâncias, ele pode estar vazio. O princípio da inércia, por sua vez, seria válido a partir da hipótese de uma corrente que parte das vias de condução ou processos celulares em direção ao cilindro axial. Já a função secundária do sistema nervoso, que requer acumulação da QI, torna-se possível ao se admitir que existam resistências opostas à descarga. A estrutura dos neurônios torna provável a localização de todas as resistências nos contatos entre os neurônios que, deste modo, funcionariam como barreiras de contacto.

A teoria das barreiras de contacto pode resultar em algumas vantagens, salienta Freud. Uma das principais características do tecido nervoso é a memória, ou seja, a capacidade de ser permanentemente alterado por simples ocorrências. Uma teoria psicológica necessita, segundo Freud (1950[1895]/1996), fornecer uma explicação para memória. Assim, o autor passa a atribuir a uma classe de neurônios a características de ser permanentemente influenciada pela excitação, ao passo que a imutabilidade, a característica de estar livre para excitações inéditas, corresponderia a outra classe. Tal incompatibilidade entre funções de percepção e de memória já havia sido observada por Breuer em nota de rodapé a sua contribuição teórica dos *Estudos*. Já Freud, irá abordar novamente a presente questão em *A Interpretação dos Sonhos*.

Existem duas classes de neurônios, de acordo com Freud (1950[1895]/1996). Na primeira estão presentes os neurônios que deixam passar a QI como se não tivessem barreiras de contacto e que, da mesma forma, depois de cada passagem de excitação

permanecem no mesmo estado anterior. Na segunda classe, há aqueles cujas barreiras de contacto se fazem sentir, de modo que só permitem a passagem da QI com dificuldade ou de modo parcial. Os neurônios dessa última classe podem, após cada excitação, ficar num estado diferente do anterior, fornecendo assim uma possibilidade de representar a memória. Freud, então, passa a inferir a existência de neurônios destinados à percepção, e impermeáveis que são portadores de memória e, com isso, provavelmente também os processos psíquicos em geral. Ao primeiro grupo Freud denominou de neurônios de Φ e, ao segundo, de neurônios Ψ .

Os neurônios Ψ ficam permanentemente alterados pela passagem de uma excitação, suas barreiras de contacto ficariam de modo permanente alterado. Tal estado de barreira de contacto é descrito por Freud (1950[1895]/1996) como grau de facilitação, ou seja, “a memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios Ψ ” (p. 360). Freud ainda argumenta que a memória de uma experiência depende de um fator que se pode chamar de magnitude da impressão e da frequência com que a mesma impressão se repete. É notável que no *Projeto*, as excitações vindas do mundo externo e que atravessam os neurônios perceptivos, não ficam em contato direto com os neurônios da consciência, pois passam antes pelo sistema Ψ . Disso depreendemos que a memória possui um papel relevante na percepção.

A tendência do sistema nervoso, mantida durante cada modificação, é a de evitar que ele fique carregado ou a de reduzir a carga ao mínimo possível. Sob a pressão das exigências da vida, salienta Freud (1950[1895]/1996), o sistema nervoso necessitou guardar uma reserva. Para este fim, teve que aumentar o número de seus neurônios que precisam ser impermeáveis. Assim, evita, pelo menos em parte, ficar cheio de catexia, recorrendo a facilitações. Verifica-se, portanto, que as facilitações servem à função primária do sistema nervoso.

Para Freud o sistema nervoso possui a tendência de fugir da dor. Neste processo ocorre a manifestação da tendência primária contra o aumento da tensão QI e, assim, a dor consistiria na irrupção de grandes Qs em Ψ . As duas tendências ficam reduzidas a uma só, neste caso. A dor aciona ambos os sistemas e não há nenhum obstáculo a sua condução, sendo ela o mais imperativo de todos os processos. Os neurônios Ψ seriam permeáveis a ela. A dor, portanto, consiste na ação de Qs de ordem muito elevada.

A causa desencadeadora da dor é o aumento de quantidade: toda excitação sensorial, mesmo a dos órgãos superiores do sentido, tende se transformar em dor a medida em que o estímulo aumenta, sendo isso interpretado por Freud (1950[1895]/1996), como uma falha do dispositivo. Por outro lado, a dor se faz presente quando a quantidade externa é pequena e, nesses casos, aparece vinculada a uma interrupção da continuidade, ou seja, uma Q externa

que atua de modo direto sobre as terminações dos neurônios Φ e não através dos aparelhos de terminações nervosas que produz a dor. Esta vivência de dor pode ser considerada uma experiência organizadora do sistema de memória, visto que procura evitar a ocupação geradora de desprazer.

Freud (1950[1895]/1996) considera que os sistemas Φ e Ψ atuam em conjunto na percepção, mas há um processo que só pode ser efetuado em Ψ , a saber, a reprodução ou recordação, sendo este desprovido de qualidade. Normalmente a recordação não produz nada que possua o caráter peculiar da qualidade perceptual. Assim, Freud passa a supor a existência de um terceiro sistema de neurônios, o ω , que é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades, sendo estas as sensações conscientes. Freud também salienta que a consciência seria o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos ω . A omissão da consciência não deixa os eventos psíquicos inalterados, mas acarreta a falta de contribuição de ω . A descarga se efetua na direção da motilidade.

Além da consciência possuir a série de qualidades sensoriais, ela também apresenta outra bem diferente daquela, a série de prazer e desprazer. Sabe-se que há uma tendência da vida psíquica a evitar o desprazer e Freud (1950[1895]/1996) a identifica com a tendência primária a inércia. Neste caso, o desprazer teria de ser encarado como coincidente com um aumento do nível de QI ou com uma pressão quantitativa, a qual equivale a sensação de descarga.

Segundo o princípio da inércia, formulado por Freud (1950[1895]/1996) no *Projeto*, os neurônios buscam se desfazer de Q . O autor parece aproximar tal princípio ao funcionamento do arco reflexo, onde a quantidade de excitação recebida pelo neurônio sensitivo é descarregada na extremidade motora. Essa descarga seria regulada pelo princípio da inércia representando a função principal do sistema nervoso. Soma-se a esta função uma função secundária, onde o sistema neurônico busca se ver livre, não apenas de Q , mas também manter conservadas as vias de escoamento que tornam possível afastar-se das fontes de excitação. Assim, em soma a função de descarga, existe também a fuga do estímulo desprazeroso.

O princípio da inércia atua em conjunto com outro modo de funcionamento do aparelho psíquico, onde sua característica primordial é evitar o livre escoamento da energia. Isso ocorre justamente porque o sistema nervoso recebe estímulos exteriores e também do interior, provenientes do próprio organismo. Estes são os estímulos que criam as necessidades maiores, como a fome e o sexo. Tais estímulos não se comportam como os demais, pois não

nos oferecem possibilidades de fuga, apenas desaparecem depois que haja a realização da ação que possibilita sua eliminação. O que mais nos salta aos olhos no *Projeto* é o fato deste modelo da vivência de fome e de sua satisfação, como um protótipo do funcionamento psíquico.

Em função do princípio de inércia, o sistema nervoso descarrega toda a quantidade de energia que foi investido e, assim, não dispõe de energia para realizar as ações destinadas a satisfazer as exigências provindas dos estímulos internos. Assim, ele tolera certo acúmulo de Q para esta finalidade.

Tal tendência parece se opor a tendência original a inércia, nos demonstra Freud (1950[1895]/1996), pois o sistema neuronal procura manter essa Q em um nível baixo, ao mesmo tempo em que busca se proteger contra qualquer aumento da mesma, buscando mantê-la constante. Esta é a lei da constância. Tanto o princípio da inércia quanto o de constância parecem ter relação com a distinção entre os processos primários e os processos secundários.

A partir da constatação da existência de uma tendência da vida psíquica no sentido de evitar o desprazer, Freud (1950[1895]/1996) a identifica com a tendência primária à inércia. O enchimento dos neurônios nucleares em Ψ terá como resultado uma propensão a descarga, sendo liberado pela via motora. O organismo humano, salienta Freud, seria incapaz de promover uma ação específica para descarga que trará alívio. Tal ação seria efetuada por ajuda alheia, quando a atenção da pessoa é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga acaba por adquirir a função secundária de comunicação. Disso se depreende que o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais.

O desprazer, portanto, coincidiria com um aumento de Q. O prazer, por sua vez, coincide com a sensação de descarga. São, portanto, os resíduos das experiências de dor e de satisfação que constituem os afetos e os estados de desejo, porque ambos são caracterizados por um aumento de tensão no sistema Ψ produzido, no caso de um afeto, pela liberação de Q, e na situação de desejo, por somação. Os desejos e os afetos são responsáveis por produzir dois mecanismos básicos do funcionamento do aparelho psíquico, a saber, a atração de desejo primária e a defesa primária.

Freud (1950[1895]/1996), ainda demonstra que como resultado da experiência da satisfação, ocorre uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que ficam investidos em estado de urgência ou de desejo. Em conjunto com a descarga de satisfação, a QI se esvai também das imagens mnêmicas. Com o reaparecimento do estado

de desejo, o investimento passa para as duas lembranças e as reativa. É por este motivo que Freud infere: “Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento” (p.381).

Neste ponto, percebemos que Freud passa a caracterizar determinados processos psíquicos de acordo com suas relações econômicas ou quantitativas. A concepção econômica do aparelho psíquico, postula Freud (1923/1996), supõe que os representantes mentais das pulsões têm uma carga (catexia) de quantidades definidas de energia, sendo finalidade do aparelho mental impedir qualquer represamento dessas energias e manter o mais baixo possível o volume total das excitações com que ele se acha carregado.

Neste ponto, nos cabe uma interessante observação feita por Garcia Roza (2008/1993) de que, a proposta de quantificação em psicologia remonta a Herbart e se liga a exigência de cientificidade dos saberes do século XIX. Freud, portanto, seguiu esta exigência e sua experiência clínica foi fundamental neste ponto pois, lhe sugeriu um caminho a ser seguido inicialmente. Freud partiu dos casos de histeria e neurose obsessiva, levantando a hipótese de uma proporcionalidade entre a intensidade dos traumas e a intensidade dos sintomas produzidos por ele. Neste momento histórico, Weber e em seguida Fechner buscavam, a partir da psicofísica, relacionar a magnitude do estímulo e da resposta. A novidade de Freud foi justamente transportar essa possibilidade para o campo da psicopatologia. É por este motivo que Freud afirma que a concepção quantitativa deriva de suas observações clínicas. Curioso observar que em 1937, em *Análise terminável e interminável* Freud ainda apontava o fator quantitativo como decisivo para a psicanálise.

Prosseguindo com sua descrição no *Projeto*, Freud (1950[1895]/1996), passa a abordar e definir o ego como a totalidade de investimentos Ψ existentes em um determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável. Com o intuito de impedir o desprazer que decorre desta alucinação, do objeto alucinado, uma formação do sistema Ψ diferencia-se e passa a desempenhar a função de inibidor do desejo quando se trata de um objeto que fora alucinado. Tal formação é denominada por Freud de Ego, sendo sua tarefa evitar as passagens de Q que estavam acompanhadas de satisfação ou dor.. Este ego, denominado por Freud no *Projeto*, possui uma função inibidora, buscando evitar a alucinação e a conseqüente decepção. Tal função inibitória faz com que Freud formule sua importante distinção entre o processo primário e o processo secundário.

A distinção entre o processo primário e secundário corresponde a dois modos de circulação da energia psíquica, a energia livre e a energia ligada, a qual também corresponde

a oposição entre princípio do prazer e o princípio da realidade. A catexia de desejo, levada ao ponto de alucinação e a produção do desprazer e que envolve o dispêndio total da defesa, é designado por Freud (1950[1895]/1996) de processo primário. Em contrapartida, os processos que apenas tornam-se possível mediante uma boa catexia do ego e que representam versões atenuadas dos processos primários, são descritos como os processos secundários.

É nos sonhos e nos sintomas que os processos primários se apresentam de modo privilegiado a Freud (1950[1895]/1996), enquanto o pensamento da vigília, a atenção, o raciocínio e a linguagem são exemplos de processos secundários. Neste momento do *Projeto*, parece que Freud efetua as primeiras noções de sua teoria dos sonhos, visto que passa a caracterizar tal processo.

O sonho é para Freud o maior exemplo do processo primário, por estar acompanhado de uma diminuição das necessidades orgânicas e também por um desligamento dos estímulos externos que tornam supérflua a função secundária do ego. É interessante notar que no momento em que Freud utilizava a hipnose, pôde compreender os métodos indiretos de hipnotizar, iguais a muitos procedimentos técnicos utilizados para produzir os chistes, os quais, têm o efeito de controlar certas distribuições de energia mental que interferem com o curso dos acontecimentos no inconsciente. O estudo da hipnose pode ter sido fundamental para que Freud percebesse a ocorrência de diferentes distribuições energéticas mentais.

Freud (1950[1895]/1996) nos demonstra que os processos Ψ se apresentam diariamente aos indivíduos durante o sono. Também salienta que os mecanismos patológicos revelados nas psiconeuroses a partir de uma análise, possuem semelhança com os processos oníricos, como os sintomas.

No sono, postula Freud (1950[1895]/1996), nos encontramos em um estado de inércia, livre do acúmulo Q . A reserva de Q que fora acumulada no ego, ao ser descarregada, torna possível o sono, sendo esta a condição prévia dos processos primários, ou seja, a descarga do ego. É durante tal processo que ocorre o sonho.

É no final da primeira parte do *Projeto* que Freud (1950[1895]/1996) parece elaborar um primeiro esboço da teoria dos sonhos. Neste momento o autor já enuncia certas características do sonho que serão melhor desenvolvidas em *A Interpretação dos Sonhos*. A primeira delas é a de que os sonhos são desprovidos de descarga motora e de elementos motores, nos sonhos ficamos paralisados. A segunda característica a saber, é de que nos sonhos, as conexões são absurdas, contraditórias e desprovidas de sentido. Este fato ocorre em decorrência de dois fatores: sendo um deles a compulsão associativa, ou seja, o fato de que duas catexias coexistentes colocarem-se em mutua conexão. Já o segundo fator equivale

ao esquecimento que atinge uma parte das experiências psíquicas daquele que sonha. Desde modo, aquilo que é lembrado torna-se fragmentário e desconexo. A terceira característica dos processos oníricos diz respeito a noção de que tais ideias são de caráter alucinatório. A explicação de Freud para este caráter alucinatório parece esboçar o conceito de regressão da libido. A quarta característica é a de que os sonhos são realizações de desejos, isto é, são processos primários que acompanham as experiências de satisfação, sendo reconhecidas como tal porque a liberação de prazer neles é escassa. Em geral, eles seguem seu curso sem afeto. É justamente por esse motivo que Freud infere que a catexia de desejo primária também foi de caráter alucinatório. A quinta característica dos sonhos equivale a ideia de que a lembrança do sonho é fraca, causando pouco dano em comparação com outros processos primários, como os sintomas. Já a sexta e última característica enunciada pelo autor diz respeito ao fato de que nos sonhos a consciência fornece qualidade tal como na vida desperta. Isto comprova que a consciência não está presa no ego, podendo se agregar a qualquer processo Ψ . “Isso nos adverte, também, contra uma possível identificação dos processos primários com os processos inconscientes. *Eis aqui dois conselhos para futuro!*” (p.403)

Freud (1950[1895]/1996) prossegue com sua caracterização do processo onírico postulando que a consciência das ideias oníricas é descontínua. Tudo o que se torna consciente não seria uma sucessão integral de associações, mas apenas alguns de seus pontos de parada isolados. Entre estes, existem vínculos intermediários inconscientes, que podem ser descobertos quando estamos acordados. No final desta primeira parte do *Projeto*, parece que Freud (1950[1895]/1996) começa a delinear sua futura proposta de interpretação dos sonhos, justamente pelo fato de abordar seu famoso sonho de injeção de Irma para exemplificar os processos de deslocamento. Freud delimita que a característica que persiste nos sonhos é a facilidade com que a QI se desloca neles e, com isso, a substituição de algo por outro que lhe seria quantitativamente superior. Por esse motivo Freud postula: “Quem sonha, portanto, reconhece tão mal o sentido de seus sonhos, como o histérico as correlações e a significação de seus sintomas” (1910[1909]/1996)

Freud (1950[1895]/1996) nos adverte que a segunda parte do *Projeto* busca inferir na análise dos processos patológicos, certos determinantes adicionais do sistema fundamentado nas hipóteses básicas. Já a terceira parte foi uma tentativa do autor de estruturar, a partir das duas anteriores, as características do transcurso normal dos eventos psíquicos.

Os pacientes histéricos estão sujeitos a uma compulsão exercida por ideias excessivamente intensas, postula Freud (1950[1895]/1996). A emergência de tais ideias acarreta consequências que, por um lado, não podem ser suprimidas e, por outro, não podem

ser compreendidas, como a descarga de afetos, as inervações motoras e os impedimentos. A pessoa não fica alheia ao caráter surpreendente da situação. As ideias históricas excessivamente intensas parecem ser intrusas e sem sentido. A compulsão histórica é, portanto, (1) ininteligível, (2) incapaz de resolver-se pela atividade do pensamento, (3) inconsciente em sua estrutura.

O histórico que chora pelo motivo A não percebe que a real causa de seu sofrimento é B e que isso se deve a associação A-B, sendo que B não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso, a coisa foi completamente substituída pelo símbolo. Assim, Freud (1950[1895]/1996) passa a supor que para cada compulsão existe um recalque correspondente e, para cada intrusão excessiva na consciência, há uma amnésia correspondente. O processo patológico se torna, a partir desse viés, um processo de deslocamento, tal como vemos acontecer nos sonhos, ou seja, um processo primário.

A experiência clínica de Freud (1950[1895]/1996) lhe deu provas de que o recalque é invariavelmente aplicado a ideias que despertam no ego um afeto penoso, de desprazer e, segundo, a ideias provenientes da vida sexual. Seria este o afeto desprazeroso que aciona o recalque. O autor já presumiu anteriormente (págs 375 e 381) a existência de uma defesa primária que seria a inversão da corrente de pensamento assim que ele se depara com um neurônio cuja catexização libera desprazer. É por isso que o autor afirma que, “Assim, em vez de excluída da consciência, pode-se dizer *excluída do processo de pensamento*” (p.415).

A compulsão histórica, portanto, se origina de um tipo peculiar de movimento da formação simbólica que é provavelmente um *processo primário*, uma vez que pode ser facilmente demonstrado nos sonhos. A força ativadora desse processo é a *defesa* por parte do ego, a qual, no entanto, desempenha aqui mais do que sua função normal (Freud, 1950[1895]/1996).

É relevante citarmos que na época em que escreveu o *Projeto*, Freud (1950[1895]/1996), ainda acreditava em sua teoria da sedução. Afirmava, que os históricos seriam pessoas que, em parte, tornaram-se prematuramente excitáveis em sua sexualidade em decorrência da estimulação mecânica e emocional e das quais, em parte, pode-se supor que uma liberação prematura está presente em sua disposição inata. Mas, o início prematuro da liberação sexual ou a insatisfação prematura da liberação sexual se equivalem, de modo que tal condição fica reduzida a um fator quantitativo.

Freud (1950[1895]/1996) também efetua um exame do processo de afeto, visto que sua geração inibe de várias formas o curso normal do pensamento. Isso ocorre no sentido de

serem esquecidas muitas vias de pensamento que seriam normalmente levadas em conta – ou seja, à semelhança do que ocorre nos sonhos. Tal esquecimento envolve o desaparecimento da capacidade de seleção, da eficiência e da lógica no decurso do pensamento, tal como acontece nos sonhos. O processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido.

Cabe ao ego não permitir nenhuma liberação de afeto, pois este, ao mesmo tempo, permite o processo primário. Seu melhor instrumento para esse fim é o mecanismo da atenção, a qual, está concentrada nas percepções, onde geralmente se originam as liberações de desprazer. Aqui, porém, salienta Freud (1950[1895]/1996), o que aparece não é a percepção, mas uma lembrança que de modo inesperado libera desprazer. O ego, por sua vez, descobre isso tarde demais. Ele permitiu que houvesse um processo primário porque não esperava que tal acontecesse.

A origem do ego, salienta Freud (1950[1895]/1996), equivaleria a um complexo de neurônios que se mantêm presos a suas catexias, um complexo, por conseguinte, que permanece por breves períodos em nível constante. O ego consiste, originalmente, de neurônios nucleares que recebem Q Π endógena pelas vias de condução e a descarregam ao longo do curso da alteração interna. A experiência da satisfação produz uma associação entre esse núcleo e uma imagem perceptiva, a saber, a imagem do desejo; e, a informação de um movimento. A educação e o desenvolvimento desse ego primitivo se efetuam em um estado repetitivo de desejo, ou seja, em estados de expectativa. O ego primeiro aprende que não deve catexizar as imagens motoras, de modo que resulte a descarga, enquanto não se cumprirem determinadas condições provindas da percepção. Aprende que não deve catexizar a ideia desejante acima de certa medida, caso contrário estaria enganando a si mesmo de maneira alucinatória. Entretanto, se respeita essas duas restrições e orienta sua atenção para as novas percepções, apresentando uma perspectiva de obter a satisfação que procura. Assim, as barreiras que impedem o ego de catexizar a imagem desejante e a imagem motora acima de certa medida são a causa da acumulação de Q Π no ego e o impelem a transferir sua Q Π , dentro de certos limites, para os neurônios que se encontram em seu alcance.

Tudo o que Freud (1950[1895]/1996) denomina de aquisição biológica do sistema nervoso seria representado por uma ameaça de desprazer, cujo efeito consiste no fato de não serem catexizados os neurônios que levam a liberação de desprazer. Isso seria a defesa primária, consequência da tendência básica do sistema nervoso. “Para o ego, portanto, *a regra biológica da atenção é a seguinte: Quando aparece uma indicação da realidade, aí então a catexia perceptiva que existe simultaneamente deve ser hipercatexizada*” (p. 437). Esta seria a segunda regra biológica.

Freud (1950[1895]/1996) postula que as indicações de descarga por meio da fala são, de certo modo, indicações da realidade, da realidade do pensamento e não da realidade externa, visto que não se pode impor para essas duas indicações da realidade do pensamento uma regra biológica como a que o autor considerou, já que sua violação não acarreta ameaça constante de desprazer. Assim, existe também um processo de pensamento observador em que as indicações de qualidade nunca são evocadas, ou o são apenas de modo esporádico, e que se torna possível pelo fato de que o ego segue a passagem da associação automaticamente com suas catexias. Esse processo de pensamento é, segundo o autor, o mais frequente, sem ser anormal. É o nosso pensamento do tipo comum, inconsciente, com intrusões ocasionais na consciência. O que é conhecido pelo nome de pensamento consciente com vínculos intermediários inconscientes, que podem, porém, ser conscientizados.

Freud (1900/1996) afirma que ao olharmos para os desejos inconscientes que foram reduzidos a sua expressão mais fundamental, percebe-se que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material. Os sonhos, portanto, nada mais são do que uma forma particular de pensamento, possibilitada pelas condições do sono. O trabalho do sonho é o responsável por criar essa forma, e só ele pode explicar sua natureza peculiar.

Isto posto, passamos a questionar de que modo e por quais motivos Freud passa do modelo teórico que foi estruturado no *Projeto*, para aquele que surge em *A Interpretação dos Sonhos*. Em uma carta a Fliss, que merece ser descrita na íntegra, Freud parece estar chegando mais perto de sua teoria onírica.

Na semana passada, ao longo de uma noite de trabalho, nesse mal-estar no qual meu cérebro trabalha melhor, de repente as barreiras se levantaram, os véus tombaram e eu pude ver além, dos detalhes das neuroses às condições determinantes da consciência. Tudo parecia se articular, engrenagens se ajustavam, a coisa dava a impressão de que era verdadeiramente uma máquina que não tardaria a funcionar completamente sozinha. Os três sistemas de neurônios, o estado livre e ligado da quantidade, os processos primários e secundários, a tendência principal e a tendência ao comprometimento do sistema nervoso, as duas regras biológicas da atenção e da defesa, os índices de qualidade, de realidade e de pensamento, o estado dos grupos psicosexuais, a determinação sexual do recalçamento e finalmente as condições determinantes da consciência como função perceptiva – tudo isso se articulava e continua a se articular! Naturalmente estou fora de mim de tanta alegria! (1950[1892-1899]/1996, p. 285)

Portanto, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), Freud irá realizar o que foi apenas esboçado no *Projeto*, a saber, a articulação entre a experiência clínica com as neuroses e a teoria do aparelho psíquico. Assim, a questão da sexualidade ganha maior destaque.

Justamente porque o sonho se mostrou a Freud como um retorno das experiências infantis, abrindo assim, o caminho para a posterior descoberta da sexualidade infantil. O fator econômico, para Freud, seria caracterizado por experiências aflitivas sexuais que ocorreram na infância e que conseguem ter êxito em forçar sua passagem a algum tipo de reprodução, ou seja, uma força capaz de superar o recalque como a que vimos nos sintomas e posteriormente nos sonhos.

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Nosso objetivo no primeiro capítulo da dissertação, foi o de refazer o percurso de Freud nos textos pré-psicanalíticos demonstrando quais foram as noções que antecederam e influenciaram o autor a concepção de sua teoria dos sonhos, oficialmente estruturada em 1900 com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*. Inicialmente evidenciamos a importância do trabalho de Freud com Charcot, Bernheim e Breuer, buscando enfatizar o contexto em que o autor, na relação com estes, foi elaborando suas primeiras teorias acerca do trabalho onírico.

Compreendemos que foi o estudo das psiconeuroses, especialmente da histeria, que deu a Freud os primeiros vislumbres da teoria dos sonhos, bem como do seu modelo de aparelho psíquico. Enfatizamos neste primeiro momento os fenômenos que formaram o cenário para que Freud construísse sua teoria onírica, sendo seu trabalho com a hipnose fundamental neste sentido. Portanto, no primeiro subcapítulo retomamos a influência e importância dos fenômenos hipnóticos para Freud e sua relação com o sono e com o sonho. Percebemos que as contribuições do uso da hipnose e do seu abandono como método de tratamento, foram extremamente relevantes para a formulação da teoria onírica e da própria psicanálise. Enfatizamos o contexto em que Freud foi elaborando suas primeiras noções acerca do processo onírico a partir da relação com Charcot, Bernheim e Breuer, sempre tendo em nossa mira que o autor foi aquele que extraiu algo de novo a partir de seu trabalho com a hipnose. Freud (1916[1915-16]/1996) salienta a semelhança entre o estado hipnótico e o sono, denominando a hipnose como um sono artificial, justamente porque ao hipnotizar um sujeito, pedimos para que ele durma e as sugestões efetuadas seriam comparáveis aos sonhos do sono comum. Portanto, é evidente que as situações psíquicas em ambos os casos são análogas.

A partir do momento em que Freud decide abandonar a hipnose como método de acessar os conteúdos inconscientes, passou a se questionar de que modo poderia ter acesso a

tais conteúdos que estavam por trás dos sintomas. Assim, percebemos que Freud encontrou um substituto dessa ordem nos sonhos, visto que eles substituíram esse estado distinto da consciência que permitia o alcance das lembranças traumáticas, sugerindo que os sonhos realizam uma parte do que foi, anteriormente, tarefa do hipnotismo (Freud, 1925[1924]/1996). Observamos então, esta fonte de abordagem ao estudo dos sonhos sugeridos pelo estado hipnótico.

Compreendemos que mesmo após o abandono da técnica hipnótica, as impressões que dela derivaram forneceram a Freud os meios de substituí-la. Foi possível perceber, por trás dos fenômenos hipnóticos, a existência de atos psíquicos inconscientes e que a consciência não constitui uma condição indispensável da atividade psíquica. Os estados hipnóides foram essenciais para que o autor percebesse os limites e comunicações entre as instâncias psíquicas que o levaram, posteriormente, a formular sua concepção do aparelho psíquico. O interesse de Freud no transe sonambúlico se devia também aos fenômenos psíquicos e neurológicos que se assemelham ao sono e ao sonho e que eram úteis para a investigação do segundo estado de consciência, observado nos estados histéricos ou produzidos artificialmente na hipnose. Tais conceitos especulativos formulados por Freud, como o inconsciente, davam início a sua metapsicologia, visto que começa a descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas.

No segundo subcapítulo buscamos destacar o quanto a observação dos fenômenos de divisão da consciência que puderam ser observados graças a hipnose, formaram uma das bases de Freud para a construção de sua teoria dos sonhos. As observações do autor nos apontavam para a necessidade de compreender a relação existente entre a divisão da consciência e o sonho, justamente porque Freud descrevia a primeira como possuidora de uma tendência ao surgimento de estados de consciência anormais, aos quais assemelha ao sonho, em vistas de sua abundância de produções imaginárias e alucinações, suas lacunas de memória e a falta de inibição e controle em suas associações.

Inicialmente, Freud e Breuer definiam a divisão da consciência a partir do dinamismo pelo conflito de forças mentais contrárias, sendo ela o resultado de uma luta ativa da parte dos dois agrupamentos psíquicos entre si. Tal processo, posteriormente tratado por Freud (1900/1996) como uma formação de compromisso, também ocorre nos processos oníricos, visto que estes também seriam um modo dos pacientes lidarem com um conflito. Pudemos, então, depreender o quanto os fenômenos de divisão da consciência foram fundamentais para as futuras conceituações de Freud acerca da teoria dos sonhos. O autor percebeu similaridades nestes processos com os sonhos e assim, formulou sua teoria onírica

propriamente dita. Freud (1950[1895]/1996), postula que até então estivera tratando os processos psíquicos como algo que prescinde a percepção da consciência, como algo que existe independente dela. Afirma ter constatado que alguns de seus pressupostos não são confirmados pela consciência, visto que esta não forneceria conhecimentos completos nem fidedignos acerca dos processos neuronais. Estes devem ser considerados como inconscientes e devem ser inferidos como os demais fenômenos naturais. Tal afirmação é feita acerca das entidades fisiológicas em seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica*. Ainda faltava um certo tempo para que Freud afirmasse a mesma coisa a propósito dos eventos psíquicos em *A Interpretação dos Sonhos*, onde o trabalho onírico passa a ser equivalente ao processo de funcionamento psíquico.

Finalizando o presente capítulo, buscamos demonstrar quais foram as reflexões de Freud em relação a distribuição energética do sistema nervoso e sua relação com a teoria dos sonhos. A partir do exame das neuroses, Freud (1894/1996) foi percebendo que os mesmos processos psíquicos, aparentemente sem sentido que ocorrem nos sonhos, são os responsáveis pela produção dos sintomas histéricos, inferindo, deste modo, que a distribuição da excitação em tais casos é instável. A partir desse ponto, Freud passa a deduzir como parte da predisposição da histeria, uma aptidão psicofísica para transpor grandes somas de excitação para a inervação somática.

Foi em seu *Projeto para uma Psicologia Científica* que Freud (1950[1895]/1996) nos apresenta a questão da distribuição energética do sistema nervoso. O autor então, descreve seu primeiro teorema principal, a concepção quantitativa, derivada das observações clínicas patológicas, em especial no que diz respeito a ideias excessivamente intensas. Os processos, como estímulos, substituição, conversão e descarga, sugeriam a Freud a concepção da excitação neural como uma quantidade em estado de fluxo. Ao abordar e definir o processo primário e o processo secundário, Freud salienta que o sonho é um dos exemplos principais do processo primário e, assim, passa a defini-lo.

Nos foi possível depreender que o *Projeto* esboçava aquilo que Freud trataria de modo detalhado em *A Interpretação dos Sonhos*, ou seja, a articulação entre sua experiência clínica com as neuroses e a teoria do aparelho psíquico. Neste contexto, a sexualidade passou a ganhar maior destaque, visto que, assim como os sintomas, o sonho demonstrou ser para Freud, um retorno das experiências infantis, dando os subsídios para sua posterior descoberta da sexualidade infantil.

Percebemos que Freud começa a estruturar sua metapsicologia centrado em determinadas hipóteses que trabalhamos no presente capítulo, a saber, a hipótese dos

processos anímicos inconscientes, o reconhecimento da resistência e do recalque, além do valor dado a sexualidade. Tais conteúdos equivalem aos fundamentos da teoria psicanalítica e da teoria dos sonhos. Portanto, o cenário estava pronto para que Freud pudesse estruturar um de seus principais conceitos em *A Interpretação dos Sonhos*: o aparelho psíquico.

A experiência clínica de Freud com a hipnose lhe deu subsídios para sua concepção dinâmica do aparelho psíquico. Já divorciado das ideias de Breuer, Freud passa a supor a existência de forças psíquicas que se comunicam de algum modo por meio das defesas e resistências. Na medida em que a resistência se apresenta como resultado da ação da defesa, seu modo de atuar não é mais encarado apenas em relação ao evento traumático, mas sim em um contexto dinâmico. É notável que o fenômeno da sugestão pós-hipnótica evidenciou a Freud o fato de que as representações inconscientes preservavam sua capacidade de agir na vida psíquica, influenciando, assim, a atividade consciente. Com esse passo, Freud parece avançar de uma concepção descritiva do inconsciente para uma concepção dinâmica. No sentido dinâmico, o Inconsciente aponta pensamentos e representações que, apesar de sua intensidade, permaneceriam afastados da consciência não tendo, deste modo, possibilidade de tornarem-se conscientes.

Percebemos que o autor, a partir de questões acerca da divisão da consciência passa a inserir o ponto de vista tópico, ou seja, a proposição de tomar o psiquismo como um aparelho, passível de ser visualizado e figurado espacialmente, tornando possível a diferenciação das instâncias psíquicas que compõe as partes desse aparelho. Tal aparelho, agora marcado pelo conflito entre sistemas, torna a concepção tópica inseparável da concepção dinâmica.

À época dos *Estudos Sobre a Histeria*, o fator que dava sustentação a teoria e clínica psicanalítica era o trauma e seu conteúdo sexual. Ao nos evidenciar que nas funções mentais devemos distinguir uma carga de afeto ou soma de excitação que possui todas as características de uma quantidade, Freud efetua uma descrição econômica do afeto que acaba por priorizar o seu aspecto quantitativo. Essa descrição econômica veio em soma a concepção dinâmica e tópica do aparelho psíquico. Freud (1926/1996) salienta que: “A psicanálise, no seu caráter de psicologia profunda, considera a vida mental de três pontos de vista: o dinâmico, o econômico e o topográfico” (p. 261)

Neste sentido, percebe-se que o funcionamento psíquico estava sendo estruturado e fundamentado em uma relação dinâmica, entre o consciente e o inconsciente, evidenciando a comunicação entre tais lugares psíquicos distintos que interagem por meio das defesas e resistências. Os estudos e experiência clínica de Freud com a hipnose foram fundamentais

para que esta concepção fosse estruturada. Cada um desses lugares psíquicos refere-se, metaforicamente, a tipos de processos psíquicos, ou seja, a uma concepção tópica do aparelho psíquico. Topograficamente, aponta Freud (1926/1996), a psicanálise considera o aparelho mental como um instrumento composto, esforçando-se por determinar em quais pontos de deste aparelho, ocorrem os diversos processos mentais. Os fenômenos de divisão da consciência parecem ter evidenciado a Freud tal concepção.

Do ponto de vista econômico, Freud supõe que os processos ocorridos no aparelho psíquico possuem quantidades definidas de energia, de ordem sexual, sendo o objetivo deste aparelho impedir o represamento dessas energias e manter o mais baixo possível o volume das excitações com que ele se encontra carregado. Foi o estudo das psiconeuroses, especialmente da histeria, que deu a Freud os primeiros vislumbres desta concepção. Um passo fundamental neste sentido, efetuado por Freud, foi perceber que os mesmos processos psíquicos aparentemente sem sentido, como os que ocorrem nos sonhos, estão por trás dos sintomas histéricos. Em ambos os casos, Freud vislumbra que a distribuição da excitação em tais casos demonstra ser instável.

Percebe-se assim, que Freud já possuía todos os subsídios necessários para a construção da sua metapsicologia e, conseqüentemente, da teoria dos sonhos. Nosso próximo passo, portanto, será estruturar um segundo capítulo centrado na obra primordial acerca dos sonhos, para que possamos obter um vislumbre de como ocorrem seus principais processos e como Freud foi capaz de estruturar seu novo modelo do aparelho psíquico. No terceiro capítulo buscaremos destacar a ampliação efetuada por Freud acerca da dinâmica das instâncias psíquicas que o leva a sua clássica concepção do aparelho psíquico, conhecido como sendo um modelo dinâmico.

A partir do percurso efetuado neste primeiro capítulo da presente dissertação, compreendemos que a composição da teoria dos sonhos forneceu as bases teóricas para a formalização da própria psicanálise em seus aspectos metapsicológicos.

2. O INÍCIO DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA: A TEORIA DOS SONHOS

O objetivo do presente capítulo será resgatar o percurso de Freud na construção de sua teoria onírica apontando os aspectos mais relevantes do trabalho do sonho. Buscaremos demonstrar de que modo Freud parte do trabalho do sonho para a construção do aparelho psíquico nos limites de sua primeira tópica, visto que o estudo dos sonhos evidenciou ao autor o modo de funcionamento do psiquismo. Para isso, iremos anunciar a maneira pela qual Freud passa do modelo teórico construído em seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/1996) para aquele apresentado em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), considerado o momento fundante da psicanálise propriamente dita. Neste sentido, decidimos destacar, no texto em questão, os índices metapsicológicos da teoria psicanalítica.

Percebemos que neste momento de sua obra, Freud despoja os sonhos de seu mistério sustentando que estes possuem um sentido e um método científico de interpretá-los é possível. A interpretação, neste sentido, foi fundamental para que Freud compreende-se o modo de funcionamento do aparelho psíquico.

Como buscamos evidenciar no primeiro capítulo da presente dissertação, o objetivo de Freud ainda no *Projeto* era elaborar uma teoria do funcionamento psíquico seguindo uma abordagem quantitativa, transpondo, assim, conclusões da psicopatologia para a psicologia normal dos sujeitos. Freud, diferente de outros autores contemporâneos a ele, retirou algo de novo do estudo dos sonhos e das neuroses, visto que o autor vai além da concepção da psicologia da época. Isso fica evidente quando Freud passa a abordar o “seu” Inconsciente. A nova descoberta a partir da análise das formações psicopatológicas e do sonho, segundo Garcia-Roza (2008/1993), reside no fato de que o psíquico, é uma função de dois sistemas separados e de que tudo isso ocorre tanto na vida normal quanto na patológica.

Muitas das ideias expostas por Freud no *Projeto*, referentes aos processos oníricos, são retomadas pelo autor em *A Interpretação dos Sonhos*. No entanto, como bem evidencia Garcia-Roza (2015/1985), apesar da semelhança entre os temas, a problemática freudiana sofre uma espécie de giro, o qual instaura o discurso psicanalítico. Neste sentido, a explicação neurológica dá lugar a uma decifração do sentido, retomando a ênfase sobre os problemas clínicos.

As ideias que formam o tema central de *A Interpretação dos Sonhos* foram se insinuando lentamente a Freud, como pontua Garcia-Roza (2008/1993). Tais ideias tomaram corpo em 1895 com a análise do sonho de injeção de Irma, sonhado por Freud na noite de 23/24 de julho de 1895. Mas, foi apenas em maio de 1897 que Freud anuncia, em uma carta

para Fliess, sua intenção de escrever o livro que seria publicado no inverno de 1899 com o título de *A Interpretação dos sonhos*.

Em uma carta enviada para Fliess, datada de 6 de agosto de 1899, após ter escrito o primeiro capítulo de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud afirma:

A coisa está planejada segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor – meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto – e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora? (Masson, J. M., 1986, p.366).

Segundo Garcia-Roza (2008/1993), a direção tomada por Freud o conduziria a uma resposta sobre a natureza do sonho e sobre a estrutura do aparelho psíquico. Em *A Interpretação dos sonhos* percebemos que Freud responde a ambas as questões. O autor ainda salienta que a presente obra revela toda a potência do pensamento de Freud, visto que, além de seu caráter fundante da psicanálise, não trata apenas sobre os sonhos, mas sobre o próprio psiquismo. Para Garcia-Roza, ele é um livro sobre o sonho de Freud de elaborar um modelo de aparelho psíquico. Percebemos que Freud já estava empreendendo esse sonho, visto que no *Projeto* de 1895, o autor começa a delinear esse aparelho que, aos poucos, ia assumindo as proporções de um autêntico aparelho anímico. Assim, o solo já foi preparado por Freud para conceber sua tese do aparelho psíquico dividido em instâncias. Nosso intuito, agora, é demonstrar quais foram as sementes plantadas pelo autor para a estruturação de seu aparelho anímico, formalizado no capítulo VII da presente obra, o qual nos deteremos no próximo capítulo da presente dissertação.

Para isso, destacamos três tópicos de análise: o Inconsciente, o Recalque e o Afeto. No primeiro tópico, buscaremos evidenciar as principais modificações efetuadas por Freud em relação ao sistema Inconsciente, destacando o desejo inconsciente como sendo o único capaz de colocar em funcionamento o aparelho psíquico. Nosso intuito no segundo tópico será demonstrar o modo de funcionamento dinâmico do psiquismo ao lançarmos luz sobre o mecanismo do recalque. Por fim, nos deteremos na questão do afeto e sua articulação com o conceito de sexualidade, destacando o aspecto econômico do psiquismo a partir da circulação e distribuição da energia de origem pulsional.

2.1. O INCONSCIENTE

A passagem efetuada por Freud entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos* é relevante, na medida em que o autor efetua importantes modificações em sua formulação do

aparelho psíquico. Em 1895 percebemos que Freud ainda não adotava a noção de inconsciente sistemático, tal como nos apresenta em sua obra sobre os sonhos. Naquele momento, tratava tudo aquilo que considerava inconsciente como algo que não poderia se tornar consciente, mas ainda não constituía um grupo psíquico à parte, uma instância psíquica estruturada, pois ele não se distinguia dos fenômenos psíquicos passíveis de consciência. Percebemos ser essa a principal diferença que Freud começava a delimitar em *A Interpretação dos Sonhos*.

No *Projeto* a noção de psíquico inconsciente se refere a um estado da representação e não a inserção deste a uma instância psíquica com leis e características próprias. De acordo com Garcia-Roza (1993/2008), uma primeira aproximação da natureza do sonho é feita a partir de uma afirmação de Freud na carta 52 destinada a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, onde o aparelho psíquico é retratado como um aparelho de memória. Ainda nesta carta, Freud sustenta a ideia de um Inconsciente em seu sentido mais sistemático, ou seja, como um sistema regido por princípios específicos. Percebe-se que neste momento Freud não identificava o sistema Inconsciente como a instância psíquica Inconsciente, visto que as representações que constituem esse sistema, compunham apenas uma parte deste, pois as representações não poderiam se tornar conscientes pela via normal de pensamento. A representação era ainda concebida como um fato de memória que independe da consciência, sendo esta definida como algo que pode ou não ser acrescentada a uma parte das representações (Garcia-Roza, 1993/2008).

Os desdobramentos do sistema de memória, os quais iremos nos deter mais adiante, fazem com que a diferenciação entre inconsciente suscetível e insuscetível de consciência passem a ter uma representação tópica. Portanto, se no *Projeto* Freud já intuía a existência de um Inconsciente dinâmico, não havia ainda neste texto a noção de Inconsciente como um sistema (Garcia-Roza, 1993/2008). Percebe-se que, o Inconsciente como sistema passa a ser delineado a partir da carta 52 e na obra primordial de Freud sobre os sonhos.

Em seu texto *Sobre a Conceção das Afasias* (1891/2013), Freud nos oferece um modelo de aparelho de linguagem, mas, como pontua Garcia-Roza (1993/2008), este aparato já poderia ser considerado um aparelho psíquico, visto ser este um aparelho de linguagem e um aparelho de memória. Assim, o sonho, por possuir um sentido e por ocupar um lugar na trama da atividade psíquica da vigília, deve ser entendido em função desta dupla referência, memória e linguagem.

É notável que desde o início de seu trabalho com as neuropsicoses, Freud efetuava várias referências, ainda dispersas, sobre o tema dos sonhos. Isso pode ser visto em suas

correspondências para Fliess que remontam a pelo menos 1881. As primeiras publicações sobre o processo onírico podem ser encontradas ainda nos *Estudos Sobre a Histeria* como demonstrado no primeiro capítulo da presente pesquisa. Em uma longa nota de rodapé no caso clínico da Sra. Emmy, Freud examina o fato dos pacientes neuróticos possuírem uma necessidade de associar umas com as outras quaisquer ideias que estejam simultaneamente presentes em suas mentes.

Após os *Estudos Sobre a Histeria* Freud passa a elaborar seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica* onde pudemos encontrar uma primeira abordagem da teoria onírica. No *Projeto*, Freud já havia incluído muitos dos elementos importantes acerca do trabalho do sonho, além de nos indicar uma importantíssima questão que será abordada minuciosamente mais adiante em sua obra: a distinção entre os dois processos de funcionamento psíquico, os processos primário e secundário. Distinção esta basilar no que se refere a teoria onírica, visto que é nos sonhos e nos sintomas que os processos primários se apresentaram de forma privilegiada a Freud, enquanto o pensamento da vigília, a atenção, o raciocínio e a linguagem são exemplos de processos secundários.

Com o passar do tempo, o interesse de Freud nos problemas neurológicos foi se deslocando para os problemas psicológicos, fazendo com que o autor modificasse parte do esquema gestado no *Projeto*. É notável que o capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* retoma alguns dos problemas teóricos abordados no *Projeto*, entretanto, percebemos mudanças significativas em seu modelo do aparelho anímico, principalmente em relação ao sistema Inconsciente. Por esse motivo a leitura do *Projeto* foi fundamental para que agora possamos analisar a obra primordial acerca dos sonhos, visto que uma grande parte do modelo geral do esquema anterior foi transposto para o novo esquema.

Apesar do fato de Freud abordar em sua obra dos sonhos diversas questões que já havia tocado no *Projeto*, é evidente o contraste entre tais obras. Não há mais neurónios a serem investidos, mas sentidos a serem interpretados (Garcia-Roza, 1993/2008). A carta 39 de 1 de janeiro de 1896 demonstra que Freud estava empreendendo uma importantíssima retificação. Nela, o autor afirma que os processos psíquicos são inconscientes por natureza. A consciência seria, neste viés, um estado contingente desses processos. Segundo Green (2010), o *Projeto* está definitivamente morto e enterrado para Freud com essa carta. Essa morte, entretanto, foi muito necessária para o nascimento de *A Interpretação dos Sonhos*, onde o autor sustenta sua tese da existência de um aparelho psíquico, dividido em instâncias ou sistemas: o Inconsciente e o Pré-consciente/Consciente, sendo que esse aparelho se orienta no sentido progressivo-regressivo e é marcado pelo conflito entre os sistemas, tornando agora, a

concepção tópica inseparável da concepção dinâmica.

Percebemos que no *Projeto*, Freud concebia o aparelho psíquico, em sua forma mais primitiva, regido pelo princípio da inercia neurônica, ou seja, qualquer excitação sensorial que o atingisse seria imediatamente descarregada pela via motora. Garcia-Roza (1985/2015) pontua que posteriormente esse princípio é substituído pelo princípio de constância que, ao invés de postular uma descarga total da excitação, propõe uma regulação por um nível ótimo de energia acumulada, sendo este o mais baixo possível.

Ainda segundo Garcia-Roza, o *Projeto* não seria uma tentativa de explicação do funcionamento do aparelho psíquico em bases anatômicas, mas, ao contrário, implica uma renúncia à anatomia e a formulação de uma metapsicologia. Freud ainda emprega a palavra “aparelho” e o modelo que ele apresenta é construído em linhas muito semelhantes às do modelo fisiológico. Porém, em termos de processos psíquicos, o modelo alcança vida, como salienta Jones (1970/1989).

Não parece à toa o fato de Jones ter efetuado essa afirmação, pois como cita, Freud perto de seus 70 anos de idade afirmava que: “Minha vida visou a um único objetivo: inferir ou adivinhar como o aparelho mental é construído e que forças nele interagem e se contrapõem” (1970/1989, p.57). Foi em *A Interpretação dos Sonhos* que o autor deu prosseguimento a seu principal objetivo. No prefácio à primeira edição do livro, Freud afirma que irá fornecer uma explicação da interpretação dos sonhos e, ao fazê-lo, acredita não ter ultrapassado a esfera de interesse abrangida pela neuropatologia. Neste prefácio Freud nos indica que a maior parte dos sonhos que analisa são os dele próprio. Já em outro prefácio Freud faz uma importante ressalva: “Este livro [...] Contém, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida” (1900/1996, p. 38).

2.1.1. As Fontes que Geram o Sonho

Desde o *Projeto*, Freud já vinha afirmando que todo sonho é uma realização de desejo, entretanto, de onde se originam os desejos que se realizam no sonho? Para Freud (1900/1996), não é qualquer desejo que produz um sonho. Para que um desejo tenha força suficiente para gerá-lo, ele deve receber reforço proveniente do sistema *Ics*. Os desejos provenientes desse sistema estariam sempre à disposição para expressão consciente e tal feito ocorre quando existe a oportunidade de reunir um impulso do *Cs*. e transferir para ele sua intensidade. Esses desejos, ditos recalçados, são os únicos capazes de produzir um sonho.

Freud (1900/1996) nos demonstra a ocorrência de três origens possíveis para os

desejos realizados nos sonhos. A primeira destas diz respeito a desejos que podem ter sido despertados durante o dia e que, por motivos externos, não puderam ser totalmente satisfeitos. Seriam estes os restos diurnos. Neste caso, um desejo ocorrido do qual o sujeito não se ocupou ficaria pendente para a noite. Outra causa apresentada por Freud é a possibilidade de que este desejo tenha surgido durante o dia, mas que tenha sido repudiado. Em casos assim, o que fica pendente é um desejo que a pessoa não se ocupou, mas que foi suprimido. A terceira possibilidade é a de que ele não pode ter nenhuma ligação com a vida diurna e ser um desejo que apenas emerge a noite da parte suprimida da psique e se torna ativo nos sujeitos.

Assim, Freud (1900/1996) efetua esse trajeto para descrever o aparelho psíquico, visto que passa a localizar os desejos do primeiro tipo no *Pcs.* Assim, supõe que os desejos do segundo tipo foram forçados a recuar do sistema *Pcs.* para o *Ics.*, sendo este o único lugar onde continuam a existir. Já os desejos do terceiro tipo são incapazes de transpor o sistema *Ics.* Agora, resta que Freud nos explique se os desejos oriundos dessas três fontes possuem igual importância para os sonhos.

Para isso, Freud (1900/1996) acrescenta uma quarta fonte dos desejos oníricos, as moções de desejo atuais que surgem a noite, como as estimuladas pela sede ou pelas necessidades sexuais. Assim, formula a tese de que o lugar de origem de um desejo onírico não tem influência alguma em sua capacidade de provocar um sonho. A partir de suas análises, conclui que sempre que um sonho sofre distorção, o desejo surgiu do Inconsciente e foi um desejo não percebido durante o dia. Todos os desejos, portanto, possuem igual importância e poder nos sonhos.

Um desejo consciente apenas consegue produzir um sonho quando desperta um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obtém reforço. A partir da experiência de Freud (1900/1996) com as neuroses, esses desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos para se expressarem quando surge a oportunidade de se ligarem a uma moção consciente e transferir sua grande intensidade para a intensidade menor dessa última. Esses desejos inconsciente seriam indestrutíveis e pertencem apenas ao sistema *Ics.* Já os processos que dependem do sistema *Pcs.* são destrutíveis em um sentido muito diferente. Percebe-se que Freud baseia nessa distinção a psicoterapia das neuroses. Tais asserções evidenciam a coordenada tópica da metapsicologia freudiana, visto que passa a dividir o aparelho psíquico em instâncias ou sistemas.

Esses desejos indestrutíveis, por sua vez, são mantidos sob recalque e tem origem na infância dos sujeitos. Freud (1900/1996) passa sustentar a noção de que o desejo representado em um sonho é um desejo infantil. No caso dos adultos, se origina do *Ics.*, no caso das

crianças, onde ainda não há divisão ou censura entre o *Pcs.* e o *Ics.*, trata-se de um desejo não realizado e não recalado na vida de vigília. As moções de desejo que restam da vida consciente de vigília devem ter uma posição secundária com respeito à formação dos sonhos.

Entretanto, os restos diurnos possuem uma importância para a formação do sonho, especificamente em sua intensidade psíquica. O estado do sono impossibilita ao processo excitatório avançar de maneira habitual no Pré-consciente e ser levado a termo pelo tornar-se consciente. Não há, afirma Freud (1900/1996), nenhum caminho aberto para as excitações que ocorrem a noite no *Pcs.*, senão o que é seguido pelas excitações de desejo que provêm do *Ics.* As excitações *Pcs.* buscam, assim, reforço no *Ics.* e acompanham as excitações inconscientes ao longo de seus tortuosos caminhos. Os restos Pré-conscientes do dia anterior penetram nos sonhos em grande quantidade e utilizam esse conteúdo para ganhar acesso a consciência mesmo durante a noite. Ocasionalmente, dominam o conteúdo do sonho e os forçam a dar continuidade à atividade diurna. O pensamento diurno, que em si não era um desejo, mas sim uma preocupação, se vê obrigado a encontrar de algum modo uma ligação com o desejo infantil inconsciente e suprimido, para que assim possa emergir na consciência.

Ao considerar essas quatro fontes possíveis dos sonhos, percebe-se que um elemento psíquico que seja significativo, embora não seja recente, pode ser substituído para fins de formação de um sonho. Para que isso ocorra, Freud (1900/1996), nos demonstra duas condições, sendo a primeira o fato do conteúdo do sonho estar ligado a uma experiência recente e a segunda condição seria de que o instigador do sonho deve permanecer como um processo psiquicamente significativo.

Após o exposto, compreendemos que para Freud (1900/1996) o desejo pode ter sido despertado durante o dia e não ter sido satisfeito. A satisfação desse desejo seria, então, adiada para a hora do sono, tratando-se de um desejo surgido no *Pcs.* O desejo também pode se originar durante o dia, mas em decorrência de um repúdio moral ter sido suprimido, sendo este um mecanismo do *Pcs./Cs.*, acaba por excluir da consciência determinado conteúdo. Existem ainda, aqueles desejos que são ativados apenas durante o sono, sendo, neste caso, provenientes do sistema *Ics.* Freud ainda acrescenta as moções de desejo que são originadas por necessidades básicas, como a fome, por exemplo.

Agora, é de extrema importância buscarmos compreender a natureza desses desejos que se mostram na formação dos sonhos, visto que tais desejos evidenciaram a Freud o modo metapsicológico de funcionamento psíquico.

2.1.2. Desejos Formadores do Sonho

Como percebemos, para Freud (1900/1996) não é qualquer desejo que produz um sonho. Para que um desejo tenha força suficiente para gerar um sonho, ele deve receber reforço proveniente do sistema *Ics*. Os desejos provenientes desse sistema estariam sempre à disposição para expressão consciente e tal feito ocorre quando existe a oportunidade de reunir um impulso do *Cs*. e transferir para ele sua intensidade. Esses desejos, ditos recalçados, são os únicos capazes de produzir um sonho.

A partir da interpretação do sonho de injeção de Irma, a questão de todo sonho se revelar como uma realização de desejo ganha destaque para Freud (1900/1996). Entretanto, tal constatação apenas lhe confere um valor decisivo com o complemento de que esse desejo é um desejo inconsciente.

Todas as tentativas de solucionar o problema dos sonhos necessitam lidar com seu conteúdo manifesto, tal como se apresenta em sua memória. Freud parece ter sido o primeiro pesquisador da época a levar algo a mais em conta, visto que introduziu uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de sua investigação, a saber, seu conteúdo latente.

É destes pensamentos latentes do sonho e não do conteúdo manifesto, que se depreende seu sentido, como bem pontua Garcia-Roza (1985/2015). Os pensamentos do sonho e o conteúdo dos sonhos demonstram ser duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou seja, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujas leis e caracteres é tarefa do analista descobrir, comparando o original e a tradução. O conteúdo do sonho é expresso em uma escrita pictográfica onde os caracteres têm de ser um a um transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho (Freud, 1900/1996).

A tese que Freud (1900/1996) nos apresenta equivale a noção de que o registro consciente é um substituto de um outro registro inconsciente, do qual o sonhador possui um conhecimento pela via da interpretação. Neste sentido, o processo pelo qual os pensamentos latentes (inconsciente) são transformados em conteúdo manifesto (consciência) é denominado pelo autor de trabalho do sonho. Já o trabalho oposto, onde se chega aos pensamentos latentes partindo do conteúdo manifesto, é denominado de trabalho de interpretação.

Garcia-Roza (1993/2008) nos adverte que o termo trabalho deve ser tomado em seu sentido forte, ou seja, como designando o processo pelo qual uma matéria prima é transformada em seu produto. Se trata, portanto, de um trabalho psíquico. O autor ainda salienta que o caráter distorcido, deformado e desconexo percebido no conteúdo manifesto, não decorre de uma degradação de um material original. Na deformação do sonho manifesto

é que reside sua eficiência, a qual se faz por caminhos diferentes. Portanto, a verdade fundamental da psicanálise é a verdade do desejo. Os fatos cotidianos não remetem diretamente a ela, não oferecem essa verdade pronta, mas sim de um modo distorcido. A verdade, como um enigma a ser decifrado, faz da psicanálise uma teoria e prática do deciframento.

O sonho de injeção de Irma, considerado por muitos como pragmático para a psicanálise nos permite obter um vislumbre dos principais mecanismos do trabalho do sonho que foram primordiais para a formalização de sua concepção tópica do aparelho psíquico. Ao definir o desejo, Freud (1900/1996) afirma que nenhuma outra corrente seria capaz de colocar em movimento o aparelho mental. Seu sonho modelo representou um estado de coisas, tal como Freud desejaria que fosse. *“Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo”* (p.153).

Assim, a análise dos sonhos deu subsídios à Freud para formular que as sequências de ideias que remontam à mais remota infância partem até mesmo de sonhos que parecem ter sido inteiramente interpretados, visto que suas fontes e seu desejo instigador é descoberto. Em termos gerais, isso implica que todo sonho estaria ligado, em seu conteúdo manifesto, a experiências recentes e, em seu conteúdo latente, às experiências mais remotas. E de fato, Freud (1900/1996) nos demonstra, a partir de sua análise da histeria, que tais experiências antigas permanecem recentes no sentido próprio do termo, até o presente imediato. É neste sentido que Freud afirma que: *“A interpretação dos sonhos é como uma janela pela qual podemos vislumbrar o interior desse aparelho”* (p. 250).

A descoberta do inconsciente a partir da análise das formações psicopatológicas e do sonho, reside no fato de que o psíquico, é uma função de dois sistemas separados e de que tudo isso ocorre tanto na vida normal quanto na patológica. Neste sentido, existem dois tipos de Inconsciente. Para a concepção freudiana um deles, que é denominado de *Ics.*, é inadmissível à consciência, enquanto o outro é denominado de *Pcs.*, pois suas excitações conseguem alcançar a consciência. Para chegarem a consciência, as excitações necessitam atravessar uma sequência fixa ou hierárquica de instâncias, sendo assim necessário a construção de uma analogia espacial.

As relações dos dois sistemas entre si com a consciência, foi descrito de modo que o sistema *Pcs.* se situa como uma tela entre o sistema *Ics.* e a consciência. O sistema *Pcs.* além de barrar o acesso a consciência, também controla o acesso ao poder da motilidade voluntária e possui, a seu dispor, uma energia de investimento móvel, parte da qual é percebido sob a forma de atenção.

Até este momento, Freud (1900/1996) desenvolveu o esquema do aparelho psíquico em seu aspecto tópico, ou seja, aquele no qual está em jogo uma localidade psíquica. Entretanto, foi necessário que o autor tematizasse acerca do aspecto dinâmico do aparelho, isto é, seu jogo de forças. Neste sentido, afirma que o impulso para a formação do sonho se encontra no sistema Inconsciente. Entretanto, o processo de formação do sonho é obrigado a se ligar a pensamentos oníricos que pertencem ao pré-consciente. Mesmo assim, o sistema Inconsciente é o ponto de partida para a formação dos sonhos. Como as outras estruturas de pensamento, este instigador do sonho avança para o *Pcs.* e, a partir daí, ganha acesso a consciência. A experiência de Freud lhe demonstra que esta via que passa pelo Pré-consciente para chegar a Consciência é barrada aos pensamentos oníricos durante o dia através da censura imposta pela resistência. Apenas durante a noite eles obtêm acesso à consciência, graças a modificação que efetuam.

2.1.3. Os Sonhos de Angústia

Acompanhamos Freud desde o *Projeto* de 1895, onde afirma que os sonhos são realizações de desejos. Entretanto, como explicar os sonhos que provocam angústia e chegam até nos despertar do sono? Que tipos de desejos se realizam em tais sonhos?

Compreendemos que a análise dos sonhos de angústia também foi uma das bases de sustentação da metapsicologia freudiana. Para o aparelho psíquico, a realização de desejo nos sonhos de angústia possui um modo similar de funcionamento dos sintomas, por funcionarem como uma formação de compromisso. Se por um lado, esses sonhos despertam o sonhador e acarretam um afeto de angústia ao Consciente, de outro ocorre um ganho econômico ao poupar uma quantidade de energia no processo de recalque. Neste sentido, buscaremos compreender o modo como Freud considerou tais sonhos realizações de desejos.

Essa classe de sonhos parece contradizer a teoria proposta inicialmente pelo autor. Entretanto, Freud (1900/1996) passa a examinar a questão da distorção onírica, afirmando que sua teoria não se baseia em uma consideração do conteúdo manifesto dos sonhos, mas se refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás dos sonhos. Assim, passa a estabelecer um contraste entre os conteúdos manifesto e latente dos sonhos, evidenciando a questão tópica e dinâmica do aparelho anímico. Em casos assim onde que a realização de desejo é irreconhecível e disfarçada, deve ter havido algum motivo para que a defesa contra o desejo se estabeleça. É graças a essa defesa que o desejo é incapaz de se expressar, a não ser de forma distorcida. Quanto mais rigorosa a censura, mais amplo será o disfarce e mais trabalhoso será chegar a uma interpretação.

Freud (1900/1996) passa a postular que os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas ou sistemas. Uma dessas forças é a responsável pela construção do desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e pelo emprego dessa censura, acarreta uma distorção na expressão do desejo.

Agora, compreendemos que os sonhos com um conteúdo aflitivo podem se decompor em realizações de desejo. Isso é possível caso a distorção do sonho tenha ocorrido e caso o conteúdo desagradável sirva apenas para disfarçar algo que se deseja. Assim, tendo em vista o pressuposto de Freud (1900/1996) da existência de duas instâncias psíquicas, pode-se dizer que os sonhos aflitivos de fato escondem algo que é penoso para a segunda instância, mas, ao mesmo tempo, realiza um desejo por parte da primeira instância. São sonhos de desejos, na medida em que todo sonho decorre da primeira instância, ou seja do *Ics*. A relação da segunda instância com os sonhos é de natureza defensiva e não criativa. Os sonhos, como todas as demais estruturas psicopatológicas, possuem mais de um sentido. Aqui, Freud estabelece uma similaridade com o sintoma, visto que, este também é sobredeterminado.

Ao fornecer alguns exemplos de sonhos aflitivos que poderiam contradizer sua hipótese de que os sonhos são realizações de desejos, Freud (1900/1996) começa a perceber a existência de um componente masoquista na constituição sexual de muitos indivíduos, decorrente da inversão de um componente agressivo e sádico em seu oposto. Tais sonhos aflitivos ainda podem ser considerados realizações de desejos, pois satisfazem inclinações masoquistas. Os sentimentos aflitivos provocados por esses sonhos são idênticos a repugnância que nos impede de discutir tais tópicos e deve-se superá-los quando, apesar disso, sente-se compelido a penetrar neles. Portanto, o sentimento de desprazer nos sonhos, não nega a existência de um desejo.

Assim, fica mais evidente a Freud a noção de que os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual cuja respectiva libido se transformou em angústia. O sonho é um dos caminhos pelos quais pode emergir na consciência o material psíquico que foi recaiado, e assim se tornou patogênico. Neste sentido, afirma Freud (1905[1901]/1996) o sonho é um dos desvios por onde se pode fugir ao recalçamento, um dos principais recursos do que se conhece como modo indireto de representação no psiquismo.

2.2. O RECALQUE

Para compreendermos o modo dinâmico de funcionamento psíquico necessitamos lançar luz sobre o mecanismo do recalque. Freud (1900/1996) afirma que um determinado processo mental pertencente ao Inconsciente procura acesso à consciência em busca de satisfação. No entanto, salienta Garcia-Roza (1985/2015), a censura que opera na passagem do *Ics.* para o *Pcs./Cs.* se opõe a esse propósito, visto que a satisfação do desejo inconsciente, que em si mesma geraria prazer, acaba por proporcionar desprazer devido às exigências do *Pcs./Cs.* É por essa razão, que o autor afirma que o desejo tem de permanecer inconsciente, retornando sob a forma de sonhos, sintomas, atos falhos e chistes.

Neste sentido, os sonhos estão entre as manifestações do material suprimido. Para Freud (1900/1996) isso ocorre em todos os casos, podendo ser empiricamente observáveis em um grande número deles. Na vida de vigília o material suprimido do psiquismo é impedido de se expressar, sendo isolado da percepção interna por eliminar as contradições nele presentes. Um dos lados é abandonado em favor do outro. Durante a noite, sob influência de um impulso a formação de compromisso, tal material suprimido encontra um modo de se expressar na consciência.

Assim, Freud (1900/1996) estende a teoria do recalque à vida psíquica normal, visto que o sonho é uma manifestação do Inconsciente e todas as pessoas sonham, o suprimido torna-se ativo em todos, não apenas nos neuróticos. A divisão entre os dois sistemas, observada inicialmente graças ao trabalho com a hipnose somado ao fato da ação do suprimido estar presente na constituição do aparelho psíquico de todos os sujeitos, demonstra que a explicação dos sintomas neuróticos não estaria em uma alteração tópica do aparelho psíquico, mas em uma alteração de sua dinâmica. Freud nos evidencia este fato ao afirmar que a doença não pressupõe a desintegração do aparelho ou a produção de novas divisões em seu interior. Elas são explicadas, agora, em termos dinâmicos, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos diversos componentes da interação de forças, da qual diversos efeitos permanecem ocultos enquanto as funções se mantêm preservadas. Deste modo, percebemos que a explicação dinâmica das neuroses é uma consequência da tese onde, a partir dos sonhos, afirma-se que a divisão do aparelho faz parte da psicologia normal. O sonho é abordado, neste viés, como a primeira formação psíquica em que a investigação serve de base para elucidar questões sobre o aparelho psíquico, já que não é uma formação patológica, permite justificar conclusões sobre a psicologia normal. Isso tudo, parece estar de acordo com o plano epistêmico ao qual Freud se propôs a tratar desde o início da presente obra.

É importante destacarmos que Freud (1900/1996) efetua uma importante

diferenciação entre os processos que observou na formação dos sintomas histéricos e os processos observados no sonho. Os últimos não são um fenômeno patológico, neles não há nenhuma perturbação do equilíbrio psíquico e nem ocorre uma perda da eficiência. Os sonhos são comuns a todos. Aqui demonstra sua analogia com a psicologia normal, visto que se pode retirar dos fenômenos sua força impulsora, reconhecendo que o mecanismo psíquico utilizado pela neurose, já está presente na estrutura dita normal do aparelho psíquico. Tanto os dois sistemas psíquicos, quanto a censura que fica na passagem entre um e outro, como também a inibição e a superposição de uma atividade pela outra e a relações de ambas com a consciência, fazem parte da estrutura normal do aparelho psíquico. Percebe-se que os sonhos, agora, forneceram as condições para a compreensão da estrutura deste aparelho. Freud faz o que havia prometido nos *Estudos Sobre Histeria*, quando afirmou que transporia conclusões retiradas do estudo do sonho para a neurose. Os sonhos demonstraram que o suprimido existe em todos os sujeitos e permanece capaz de funcionamento psíquico. Assim, a evitação de lembranças que um dia foram aflitivas, feita sem esforço pelo processo psíquico, nos fornece o protótipo e o primeiro exemplo do *recalcamento psíquico*.

2.2.1. A Experiência de Satisfação

Para compreendermos o processo de recalque é de extrema importância nos determos na questão da experiência de satisfação. Em *A Interpretação dos Sonhos* Freud (1900/1996) se aprofunda na questão fictícia de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho é regulado pelo esforço em evitar o acúmulo de excitação e se conservar o mais livre destas. Para isso, efetua uma exposição deste aparelho em seu desenvolvimento, descrevendo a experiência de satisfação, o desejo, a realização alucinatória do desejo e a regulação pelas sensações de prazer e desprazer. Passa a explorar a questão dos pensamentos que são inibidos e rejeitados pela consciência, a partir do julgamento de que seriam errados. O resultado pode vir a ser que essa cadeia de pensamentos prossiga até o início do sono, passando despercebida pela consciência.

Freud (1900/1996) denomina uma cadeia de pensamentos como essa de Pré-consciente, sendo possível que ela seja interrompida e suprimida. Partindo de uma representação-meta, uma quantidade de excitação se desloca pelas vias associativas selecionadas por aquela representação-meta. A cadeia de pensamentos desprezada seria aquela que não recebeu tal investimento, ou seja, a cadeia de pensamentos suprimida é aquela da qual o investimento foi retirado.

Uma cadeia de pensamento como essa, iniciada no *Pcs.*, pode cessar ou persistir. No

primeiro caso, há certa implicação de que a energia ligada à cadeia de pensamentos se difunde por todas as vias associativas que partem dela. Essa energia coloca a rede de pensamentos em um estado de excitação que decai após certo período à medida que a excitação busca descarga. Dentro do *Pcs.*, entretanto, existem outras representações-meta provindas de fontes Inconscientes e de desejos que estão sempre em estado de alerta. Estes podem assumir o controle da excitação ligada ao grupo de pensamentos, estabelecendo uma ligação entre ele e um desejo inconsciente, transferindo a energia que pertence a esse último. A partir deste ponto, a cadeia de pensamentos suprimida até então Pré-consciente, foi arrastada para o Inconsciente. Como consequência, passa a existir no Pré-consciente uma cadeia de pensamentos desprovida de investimento, mas que recebeu um investimento do desejo inconsciente. Agora, a cadeia de pensamentos passa por diversas transformações e não se pode reconhecer como processos psíquicos normais, pois são levados a uma formação psicopatológica (Freud, 1900/1996).

O primeiro desses processos exposto por Freud (1900/1996), se refere as intensidades das representações individuais que se tornam passíveis de descarga, passando de uma representação para a outra, formando novas representações dotadas de grande intensidade. Esse processo se repete diversas vezes e a intensidade de toda a cadeia de pensamentos se concentra em um único elemento de representação. Freud está se referindo ao processo de condensação que se tornou reconhecível a partir do desvelamento do trabalho do sonho. O efeito deste trabalho é a obtenção das intensidades necessárias para forçar a irrupção nos sistemas perceptivos.

O segundo processo descrito por Freud (1900/1996), explora a liberdade com que as intensidades são transferidas formando representações intermediárias semelhantes a compromissos, sob influência da condensação.

O terceiro processo se refere ao fato de que, as representações que transferem umas às outras suas intensidades são relações frouxas, vinculadas por uma associação que é desdenhada pelo pensamento normal (Freud, 1900/1996).

Finalmente, o quarto processo apresentado por Freud (1900/1996), diz respeito aos pensamentos mutuamente contraditórios que não buscam anular uns aos outros, mas subsistem lado a lado. Se combinam para formar condensações ou realizam uma formação de compromisso que o pensamento consciente nunca toleraria, mas que são admitidos em nossas ações.

A observação de tais processos leva Freud (1900/1996) a presumir que a condensação e a formação de compromisso ocorrem para facilitar a regressão da energia psíquica, ou seja,

a transformação de pensamentos em imagens. Portanto, percebemos que os dois tipos de processos psíquicos participam da formação do sonho. Um deles produz pensamentos oníricos racionais e o outro, trata esses pensamentos como irracionais. A esse segundo processo, Freud equivale o trabalho do sonho propriamente dito, buscando estabelecer sua origem.

Para isso, retorna a sua explicação a partir das neuroses, em especial da histeria. Dela, Freud (1900/1996) pôde depreender que os pensamentos normais foram transformados em sintoma por meio da condensação e da formação de compromisso, através de associações superficiais e do desprezo pelas contradições pela via da regressão. Isso leva Freud a postular que: “Em vistas da completa identidade entre os aspectos característicos do trabalho do sonho e os da atividade psíquica que desemboca nos sintomas psiconeuróticos, sentimo-nos autorizados a transpor para os sonhos as conclusões a que fomos levados pela histeria” (p. 621).

Assim, toma da histeria a tese de que uma cadeia de pensamento normal apenas se submete a esse tratamento psíquico anormal quando um desejo inconsciente, derivado da infância e em estado de recalçamento, se transfere para ela. Foi segundo essa tese que Freud (1900/1996) construiu a teoria dos sonhos, embasada no pressuposto de que o desejo onírico que fornece a força impulsora, provém do Inconsciente. Para explicar a questão do recalçamento, o autor passa a delinear o modo de construção do aparelho psíquico.

Segundo Freud (1900/1996), o aparelho psíquico primitivo foi construído segundo o esquema de um aparelho reflexo. A motilidade, que seria um meio de efetuar alterações internas no corpo, fica à sua disposição como via de descarga. Retoma a questão da vivência de satisfação, ao afirmar que o acúmulo de excitação é vivido como desprazer, colocando o aparelho em ação para repetir a vivência de satisfação, a qual envolve uma diminuição da excitação que é sentida como prazerosa. Este tipo de corrente no interior do aparelho, que parte do desprazer e visa o prazer, é denominado de desejo, visto que apenas o desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento. O curso da excitação dentro deste aparelho é regulado automaticamente pelas sensações de prazer e desprazer. O primeiro desejar, pontua Freud, pode ter se constituído em um investimento alucinatório da lembrança da satisfação. Essas alucinações não podem ser mantidas, pois se mostram insuficientes em cessar as necessidades ou o prazer ligado à satisfação.

Deste modo, Freud (1900/1996) salienta que existe a necessidade de uma segunda atividade, de um segundo sistema que fosse capaz de desviar a excitação surgida da necessidade por uma via indireta, a qual, através do movimento voluntário, alterasse o mundo

externo a ponto que fosse possível chegar a uma percepção real do objeto de satisfação. Os dois sistemas aos quais Freud se refere, são o *Ics.* e o *Pcs.* A atividade do segundo sistema, que alterna o envio de investimentos com a retirada deles, necessita, por um lado, dispor da totalidade do material mnêmico, mas, por outro, isso seria um gasto desnecessário de energia se ele enviasse grandes quantidades de investimento pelas diversas vias de pensamento e, assim, escoasse sem nenhuma finalidade útil diminuindo a quantidade disponível para alterar o mundo externo.

Por tais razões, Freud (1900/1996), postula que em vistas da eficiência, o segundo sistema conserva a maior parte de seus investimentos de energia em estado de quiescência e emprega uma pequena parte do deslocamento. O que Freud procura afirmar é a ideia de que a atividade do primeiro sistema - Ψ - orienta-se para garantir o livre escoamento das quantidades de excitação. Já o segundo sistema, por meio dos investimentos que dele emanam, inibe essa descarga, transformando o investimento quiescente, com a elevação simultânea de seu nível. Neste ponto, percebemos a relação entre o *Projeto*, visto que na parte III Freud esclarece a questão de “nível” de investimento. Assim, sob o domínio do segundo sistema a descarga de excitação seria regida por condições mecânicas diferentes das que vigoram sob o domínio do primeiro sistema. Após o segundo sistema concluir essa atividade exploratória de pensamento, ele suspende a inibição e o represamento das excitações, permitindo então, a descarga no movimento.

Ao considerar as relações existentes entre a inibição da descarga exercida pelo segundo sistema e a regulação efetuada pelo princípio do desprazer, Freud (1900/1996) passa a examinar a antítese da vivência primária de satisfação, ou seja, a vivência de pavor frente a algo externo. A evitação de lembranças que foram um dia aflitivas, feita sem esforço pelo processo psíquico, nos fornece o protótipo e o primeiro exemplo do *recalcamento psíquico*.

Portanto, o primeiro sistema- Ψ , em consequência do princípio do desprazer, torna-se incapaz de introduzir algo desagradável no contexto de seus pensamentos. Ele não pode fazer nada a não ser desejar. Assim, a atividade do segundo sistema encontra um método de investir as lembranças desprazerosas que lhe permita evitar a liberação do desprazer. Consequentemente, o segundo sistema investe as lembranças com vistas a uma inibição da descarga a partir delas, incluindo, assim, uma inibição da descarga em direção ao desenvolvimento do desprazer. Este fato leva Freud (1900/1996) a afirmar que o investimento pelo segundo sistema implica uma inibição simultânea da descarga de excitação.

Freud (1900/1996) define a chave da teoria do recalcamento ao afirmar que “o

segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que provenha dela” (p.624). Qualquer coisa que fuja dessa inibição seria inacessível ao primeiro e ao segundo sistema, visto que seria prontamente abandonada em obediência ao princípio do desprazer. A inibição do desprazer, por sua vez, não precisa ser completa. O início dele deve ser permitido, já que isso informa ao segundo sistema a natureza da lembrança em questão e sua possível inadequação ao fim visado pelo processo de pensamento.

Entre os desejos que não se encontram em nossa consciência e que não sofreram inibição ou destruição, há alguns desejos cuja realização acarretaria uma contradição das representações-meta do pensamento secundário. A realização desses desejos, de acordo com Freud (1900/1996), não geraria o afeto de prazer, mas sim de desprazer. É essa transformação do afeto que constitui a essência daquilo a que Freud denominou de recalçamento. As lembranças com base nas quais o desejo inconsciente gera a liberação do afeto, em nenhum momento foram acessíveis ao *Pcs.* e, por isso, a liberação do afeto vinculado a essas lembranças não pode ser inibida. É por conta desse fato que essas representações se tornam inacessíveis até por intermédio dos pensamentos pré-conscientes para os quais transferiram sua força de desejo. O princípio do desprazer, pelo contrário, assume o controle e faz com que o *Pcs.* se afaste dos pensamentos de transferência. Eles ficam recalçados e é assim que a presença de um reservatório de lembranças infantis subtraídas desde o princípio ao *Pcs.* se torna *sine qua non* do recalçamento.

O desejo inconsciente recalçado recebe um reforço orgânico que ele passa para seus pensamentos de transferência. Deste modo, pode colocá-los em condições de tentar irromper com sua excitação, mesmo que tenham perdido o investimento por parte do *Pcs.* Segue-se, então, uma luta defensiva, porque o *Pcs.* reforça sua oposição aos pensamentos recalçados e, a partir desse ponto, os pensamentos de transferência, os quais são veículos do desejo inconsciente, irrompem em algum compromisso obtido pela formação de um sintoma. A partir do momento que os pensamentos recalçados são intensamente investidos pela moção de desejo inconsciente e, por outro lado, abandonados pelo investimento do pré-consciente, eles ficam submetidos ao processo psíquico primário, onde seu único objetivo é a descarga motora, ou, a revivificação alucinatória da identidade perceptiva desejada (Freud, 1900/1996).

A explicação metapsicológica efetuada por Freud (1900/1996) do recalçamento se articula, neste momento, aos sintomas psiconeuróticos. Esta articulação epistêmica transpõe das neuroses para o sonho sua tese acerca do recalçamento. As moções de desejo sexuais

procedentes da infância que sofreram o processo de recalque durante o período de desenvolvimento infantil, podem ser revividas em períodos posteriores do desenvolvimento, seja como resultado da constituição sexual dos sujeitos, que derivam de uma bissexualidade inicial, seja como resultado de influências desfavoráveis que atuem no curso da vida sexual. Deste modo, tais moções estão aptas a suprir a força impulsora para a formação dos sintomas neuróticos. Percebemos que foi necessário à Freud buscar tais referências nas forças sexuais para cobrir brechas que ainda estavam evidentes na teoria do recalque. A explicação sobre as “moções de energia”, ou “as pulsões sexuais”, faz com que seja necessário recorrer às neuroses e sua relação com o recalque.

2.3. O AFETO

Compreendemos que o represamento de um afeto constitui um fator dinâmico na origem dos sintomas. Agora, buscaremos compreender como a questão do afeto se articula com o conceito de sexualidade. Em *Neuropsicoses de Defesa*, Freud (1894/1996) afirma que a vida sexual dos sujeitos poderia despertar um afeto aflitivo que de algum modo se relaciona com os sintomas. Assim, o funcionamento psíquico está regulado por uma quantidade de afeto de origem sexual.

Deste modo, compreender a questão do afeto é importante, na medida em que demonstra o modo como se instaura um conflito entre as instâncias, além da solução de compromisso, questões que nos evidenciam o modo dinâmico de funcionamento psíquico. Um afeto experimentado em um sonho possui intensidade similar a afetos experimentados em nossa vida de vigília, conclui Freud (1900/1996). Os sonhos insistem em seu direito de serem incluídos entre as experiências anímicas reais, no tocante a sua parte afetiva do que em relação a seu conteúdo de representações. Já em nosso estado de vigília, não o incluímos dessa forma, pois não é possível efetuar uma avaliação psíquica de um afeto a menos que ele esteja vinculado a algum material de representações. Quando o afeto e a ideia são incompatíveis em sua intensidade e em seu caráter, o juízo de vigília fica desorientado.

A experiência clínica de Freud (1900/1996) lhe deu subsídios para afirmar que o material de representações passa por deslocamentos e substituições, enquanto que os afetos permanecem inalterados. O autor já havia exposto tal questão nos *Estudos Sobre a Histeria* ao analisar os sintomas histéricos e o deslocamento de afeto que neles ocorre. Agora, percebemos que Freud transpôs tal situação para o trabalho do sonho, ao perceber que o material de representações que é modificado pela distorção onírica, não é compatível com o afeto, o qual é retido sem modificações. A proposta de análise freudiana é a de recolocar o

material certo em sua posição anterior.

Nos casos em que um complexo psíquico que tenha ficado sob a influência da censura imposta pela resistência, os afetos seriam os componentes menos influenciados e os únicos que nos dão indício de como preencher os pensamentos que faltam. Fato observado de maneira mais clara nas psiconeuroses, por exemplo, justamente porque seus afetos são sempre apropriados em sua qualidade, embora haja um aumento de sua intensidade devido a deslocamentos da atenção neurótica (Freud, 1900/1996)

Freud (1900/1996) demonstra como algo aparentemente banal pode ser justificado, ao buscarmos a representação que corresponde o afeto, mas que foi recalcada e trocada por um substituto. A descarga de afeto e o conteúdo de representações não constituem uma unidade orgânica indissolúvel, mas essas entidades separadas podem estar como que soldadas e, assim, podem ser desligadas uma da outra pelo trabalho de análise. A interpretação dos sonhos é o exemplo primordial desse processo.

Em alguns sonhos, o afeto permanece em contato com o material de representações que substitui aquele a que o afeto se ligava originalmente. Em outros, a dissolução do complexo foi mais longe. O afeto se mostra totalmente desligado da ideia a que corresponde e é introduzido em outro ponto do sonho, onde ocorre um ajuste à nova disposição dos elementos oníricos. O trabalho do sonho, portanto, é capaz de desligar um afeto de suas conexões nos pensamentos oníricos e introduzi-lo em qualquer ponto que escolher no sonho manifesto (Freud, 1900/1996).

O desligamento entre os fatos e o material de representações que os gerou é algo notável que ocorre durante a formação dos sonhos. Mas, como pontua Freud (1900/1996), não é a única nem a mais essencial alteração por eles sofrida no percurso dos pensamentos oníricos para o sonho manifesto. Quando há um afeto no sonho, ele sempre é encontrado nos pensamentos oníricos. O sonho é mais pobre de afetos que o material psíquico de cuja manipulação ele proveio. Ao reconstruir os pensamentos oníricos, encontramos neles impulsos psíquicos intensos que se esforçam por se fazerem sentir e lutam uns contra os outros. Quando voltamos ao sonho, ele parece descolorido e sem qualquer tom afetivo intenso. Assim, o trabalho do sonho reduz ao nível do indiferente o conteúdo do sonho e também o tom afetivo dos pensamentos. O trabalho do sonho acarreta uma supressão dos afetos.

Para explicar essa supressão, Freud (1900/1996) retrata a liberação dos afetos como um processo centrífugo dirigido para o interior do corpo e análogo aos processos de inervação motora secretória. Freud já havia se dado conta disto e explicado essa questão em

seu *Projeto* onde a teoria da liberação dos afetos é abordada minuciosamente. Entretanto, percebemos que em *A Interpretação dos Sonhos* o autor amplia esse conceito. Assim, como no estado de sono, o envio de impulsos motores para o mundo externo fica suspenso, também é possível que a convocação centrífuga de afetos pelo pensamento inconsciente se torne mais difícil durante o sono. Nesse caso, os impulsos afetivos ocorridos no curso dos pensamentos oníricos seriam, impulsos fracos, e os que penetram no sonho seriam não menos fracos. Entretanto, não devemos desprezar o fato de que qualquer sonho complexo demonstra ser uma formação de compromisso produzida por um conflito entre forças psíquicas. Este conflito entre forças psíquicas acaba por evidenciar a questão dinâmica e econômica do aparelho psíquico, a partir do estudo dos sonhos.

Essa formação de compromisso ocorre da seguinte forma: de um lado, os pensamentos que formam o desejo lutam contra a oposição da instância censora e, por outro, vimos com frequência que, no pensamento inconsciente, a cadeia de ideias está atrelada a seu oposto contraditório. Deste modo, vai ficando evidente que a supressão do afeto é uma consequência da inibição que os contrários exercem uns sobre os outros e que a censura exerce sobre as pulsões por ela suprimidas. A inibição do afeto é considerada por Freud (1900/1996) como a segunda consequência da censura dos sonhos, tal como a distorção é sua primeira consequência. Nada que seja aflitivo em nossos pensamentos oníricos pode penetrar com a mesma intensidade em um sonho, a menos que, ao mesmo tempo, esteja disfarçado em vistas à realização de um desejo.

O trabalho do sonho pode, ainda, transformar os afetos em seu oposto. Essa transformação é possibilitada pela íntima cadeia associativa que vincula a representação de uma coisa a seu oposto em nossos pensamentos. Como é característico do deslocamento, ela pode atender as exigências da censura, mas é também um produto da realização de desejo, justamente porque esta não consiste em nada além da substituição de uma coisa desagradável por seu oposto. Deste modo, Freud (1900/1996) demonstra que tal como as representações de coisa podem aparecer nos sonhos transformados em seu oposto, o mesmo ocorre com os afetos ligados aos pensamentos oníricos, sendo notável que essa inversão seja ocasionada pela censura onírica.

Foi a partir da percepção da inversão do afeto que Freud (1900/1996) percebeu os primeiros indícios da existência da censura do sonho. O trabalho do sonho não cria os afetos contrários do nada, em geral, esse material já está à mão nos pensamentos oníricos e simplesmente os intensifica com a força psíquica originária dos motivos de defesa, até que eles possam predominar para fins de formação do sonho.

Freud (1900/1996) transpõe para a neurose a questão da intensidade dos afetos, afirmando ser um traço marcante dos neuróticos, o fato de uma causa passível de liberar afeto tender a produzir em tais sujeitos um resultado qualitativamente justificado, mas quantitativamente em excesso. Este excesso é proveniente de fontes de afeto que antes encontravam-se inconscientes e suprimidas. Tais fontes estabelecem um elo associativo com a causa liberadora real e a desejada facilitação da liberação de seu próprio afeto é aberta pela outra fonte de afeto que é inobjetével e legítima. Assim, nos parece que os afetos nos sonhos são ocasionados por uma confluência de diversas fontes e sobredeterminados em sua referência ao material dos pensamentos oníricos. Ao longo do trabalho do sonho, as fontes de afeto que podem produzir o mesmo afeto se unem para gerá-lo.

A formação do sonho, portanto, está sujeita a condição de só poder representar algo que seja a realização de um desejo e de apenas dos desejos ser possível extrair sua força psíquica impulsora. Uma disposição de ânimo atual e que está em operação é tratada da mesma forma que uma sensação surgida durante o sono, a qual pode ser desprezada ou reinterpretada no sentido de uma realização de desejo (Freud, 1900/1996).

Agora, acreditamos ser pertinente compreendermos a natureza desses desejos realizados no sonho e o motivo de sua realização ocasionar afetos desprazerosos. Freud já havia demonstrado nos *Estudos Sobre a Histeria* e no *Projeto* que o caráter distintivo das representações que foram recalçadas, reside no fato de terem surgido da vida sexual dos sujeitos. A novidade evidenciada e acrescentada por Freud (1900/1996) em *A Interpretação dos Sonhos* é a tese da sexualidade infantil e do complexo edípico.

2.3.1. A Sexualidade Infantil

Foi a partir da análise de sonhos considerados típicos que Freud (1900/1996) passou a sustentar sua tese da existência da sexualidade infantil na presente obra. Os sonhos que contém a morte de pessoas queridas são considerados por Freud como uma classe de sonhos típicos. Nesses sonhos, o afeto vivenciado pertence a seu conteúdo latente e não ao conteúdo manifesto. O conteúdo afetivo do sonho permanece inalterado pela distorção que toma posse de seu conteúdo de representações.

O sentido desses sonhos, é um desejo de que a pessoa em questão venha a morrer. Entretanto, esse desejo nem sempre é atual. Podem ser desejos do passado, que foram recalçados e aos quais Freud (1900/1996) atribui uma espécie de existência prolongada por sua reemergência em um sonho. Não há, portanto, traço em nossa memória consciente de tais desejos infantis. No entanto, como bem evidenciado por Garcia Roza (2008/1993), eles

produziram efeitos que permaneceram por toda a vida dos sujeitos. Esses efeitos, uma vez identificados, funcionam como índices de algo em nós desconhecido para nós mesmos.

Nesses sonhos típicos, com a morte de parentes queridos, encontra-se realizada a situação incomum de um pensamento onírico forjado por um desejo recalcado que foge à censura e passa para o sonho sem modificação. A ocorrência de tais sonhos é facilitada por dois fatores. Primeiro, nenhum desejo parece mais distante dos sujeitos que a morte de um ente querido. Por esta razão, a censura do sonho não está preparada para enfrentar essa monstruosidade. Segundo, nesse caso o desejo recalcado e insuspeitado coincide parcialmente com um resíduo do dia anterior sob a forma de uma preocupação com a pessoa em questão. Essa preocupação apenas penetra no sonho a partir do desejo correspondente, enquanto o desejo pode se disfarçar por trás da preocupação que se tornou ativa durante o dia (Freud, 1900/1996).

Quando alguém sonha, com todos os sinais de dor, que um de seus entes queridos morreu, não significa que a pessoa deseja a morte desse ente no momento presente. A teoria dos sonhos não exige tanto assim, como pontua Freud (1900/1996); ela se satisfaz com o fato de que essa morte foi desejada em outra ocasião, durante a infância do sonhador. Sobre o pano de fundo de tais sonhos, Freud passa a propor a noção de uma sexualidade que surge desde os primórdios da constituição do aparelho psíquico.

Há uma relação possível entre esses sonhos e os sonhos de angústia, como salientado por Freud (1900/1996). Nos sonhos examinados, um desejo recalcado encontrou um meio de fugir à censura e à distorção que esta censura implica. O resultado disso são os sentimentos dolorosos no sonho. Do mesmo modo, os sonhos de angústia só podem ocorrer quando a censura é total ou parcialmente subjugada. Por outro lado, a subjugação da censura é facilitada em casos onde o afeto de angústia já foi produzido como uma sensação imediata proveniente de fontes somáticas. Assim, percebe-se a finalidade a qual a censura exerce sua função primordial e promove a distorção dos sonhos. Ela o efetua para impedir a produção de angústia ou de outras formas de afeto aflitivo. Ne mente, postula Freud (1916[1915-16]/1996), existem lado a lado intenções opostas, contradições. A dominância de um impulso seria a condição necessária para que seu contrário seja inconsciente. Afinal, as descobertas da interpretação de sonhos não são simples e muito menos agradáveis. Por esse motivo Freud afirma que deve-se ter humildade freando as antipatias quando se deseja descobrir o que é real nesse mundo. É neste sentido que o autor questiona: “O que faz a psicanálise senão confirmar a velha sentença de Platão, de que os bons são aqueles que se contentam em sonhar com aquilo que os outros, os maus, realmente fazem?” (p.149).

Nas *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1916[1915-16]/1996), Freud salientou que não devemos tomar a censura dos sonhos como um “homúnculo”, não assumindo o termo num sentido de localização, pois não há um centro cerebral do qual procede uma influência censora de tal ordem. Assim, passa a descrever a censura do sonho a partir de uma relação dinâmica. O que encontramos sob a forma de resistência, no trabalho de interpretação, é introduzido na elaboração onírica como censura do sonho. A força desta censura não se esgota com a deformação do sonho e não se extingue depois disso, mas ela persiste como uma instituição permanente que possui o objetivo de manter a deformação. Deste modo, desejos sexuais são fortes o suficiente para provocar o surgimento dos sonhos. Também existem desejos de vingança e de morte dirigidos contra aqueles que amamos. Tais desejos censuráveis parecem estranhos ao sonhador após a interpretação ter sido efetuada. Freud (1916[1915-16]/1996) salienta que, os sonhos não são apenas responsáveis pelo seu conteúdo mal, ele exerce a função de preservar o sono.

Em relação aos sonhos com a morte de irmãos ou irmãs, Freud (1900/1996) sustenta que essa relação, na maior parte dos casos, não é amistosa e é cheia de hostilidade. Essa desunião teria se formado na infância ou sempre existiu. Segundo Freud, as crianças são inteiramente egoístas, sentem suas necessidades de modo intenso e lutam a todo custo para satisfazê-las, principalmente contra seus rivais, outras crianças e contra seus irmãos. Isso é algo totalmente comum, visto que antes do fim do período da infância, os impulsos altruístas e a moralidade despertam nas crianças. Um ego secundário se sobrepõe ao primário e o inibe. Muitos sujeitos que amam seus irmãos e se sentiriam desolados com a morte desses, abrigam desejos maléficos contra eles em seu inconsciente, datando de épocas anteriores e, são passíveis de se realizarem nos sonhos. Entretanto, as crianças não entendem ainda o real significado da morte. Para elas, estar morto significa o mesmo que ter “ido embora”, ter deixado de incomodar os sobreviventes. Assim, afirma Freud, quando uma criança tem motivos de desejar a ausência de outra, ela acaba dando forma a tais desejos a partir da morte de seu rival.

É neste sentido que Freud (1916[1915-16]/1996) postula que as crianças manifestam tal egoísmo em um grau acentuado. Elas amam a si próprias em primeiro lugar e é apenas mais tarde que aprendem a amar os outros. As próprias pessoas amadas inicialmente pela criança, o seriam apenas por motivos egoístas, pois necessitam dela. Somente mais tarde o impulso de amar torna-se independente do egoísmo, assim: “É literalmente verdadeiro que seu egoísmo ensinou a amar” (p.206).

Prosseguiremos com sua discussão acerca dos sonhos típicos da morte de entes

queridos, citando um caso, atendido por Freud (1900/1996), em que a paciente em questão começou a apresentar determinados sintomas. Essa paciente, passara por uma grande variedade de condições psíquicas e sua doença começou com um estado de excitação confusional durante o qual ela exibiu uma aversão em relação a sua mãe, enquanto mostrava-se dócil com uma irmã muitos anos mais velha. Após esse estado ceder, essa paciente volta a lucidez, mas apresentava um sono muito agitado e, neste momento, Freud analisa alguns dos sonhos que ela vinha tendo. Um imenso número dos sonhos dizia respeito, com todos os seus disfarces, à morte da mãe. A medida que seu estado foi melhorando, surgiram fobias históricas. A mais proeminente era o medo de que algo pudesse acontecer com sua mãe. A moça sentia-se obrigada a correr para casa para se convencer que a mãe ainda estava viva. Esse caso, exibia os vários modos pelos quais o aparelho psíquico reagiu a mesma representação excitante. No estado confusional, no qual a segunda instância psíquica foi dominada pela primeira, que fora suprimida, sua hostilidade inconsciente para com a mãe encontrou uma grande expressão motora. Quando o estado mais calmo se instalou, ocorreu o recalque da rebelião e restabeleceu assim, o domínio da censura. Portanto, a única região acessível em que sua hostilidade poderia realizar o desejo da morte da mãe era na região do sonho. Com o estabelecimento de um estado normal mais firme, ocorreu a confirmação de sua preocupação exagerada com a mãe, como uma contrarreação histórica e um fenômeno defensivo. Neste ponto, fica marcado o modo econômico de funcionamento do psiquismo, quando este é invadido por representações que possuem uma forte intensidade. É justamente nesse contexto que percebemos o início da emergência da noção de pulsão sexual, visto que esta é definida, em termos clássicos, como um representante psíquico das excitações surgidas do corpo. Portanto, de acordo com Garcia-Roza (2008/1993), a pulsão sexual, sendo considerada uma ficção teórica, viabiliza a formalização da teoria da sexualidade infantil em Freud, teoria fundamental para a compreensão do funcionamento psíquico.

Freud (1900/1996) finaliza sua exposição acerca dos sonhos típicos demonstrando, a partir de seus próprios sonhos e dos sonhos de conhecidos e pacientes, que a interpretação destes demonstra ser a realização de desejos infantis inconscientes. Já podemos obter um vislumbre da importância da sexualidade infantil e das experiências que dela decorrem, para a psicanálise.

Foi, portanto, com a análise de sonhos com a morte dos pais que Freud (1900/1996), começa a delinear o complexo edípico, mesmo que ainda não o denomine desta forma ainda. O autor afirma que tais sonhos se aplicam com frequência ao genitor do mesmo sexo do sonhador. É como se uma preferência sexual ocorresse numa tenra idade, como se os meninos

vissem seu pai, e as meninas a mãe como seus rivais no amor, cuja eliminação traria vantagens. Mais de uma causa de hostilidade se oculta na relação de pais e filhos, uma relação que propicia grandes oportunidades de surgimento de desejos que não podem passar pela censura.

A partir de toda a sua experiência clínica, Freud (1900/1996), passa a sustenta sua noção de que o papel na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuroticas é desempenhado por seus pais. Se apaixonar por um dos pais e odiar o outro estão entre os componentes essenciais no acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que se tornam fundamentais na determinação dos sintomas da neurose posterior.

2.3.2. O Complexo de Édipo

Antes de nos atermos ao complexo de Édipo é digno de nota retomarmos algumas questões históricas sobre o desenvolvimento desta noção. De acordo com Strachey (1996), *A Interpretação dos Sonhos* figura como uma das contribuições mais significativas de Freud para o conhecimento da sexualidade humana. Muitos elementos da teoria sobre a sexualidade estavam na mente de Freud desde 1896, entretanto, sua pedra angular ainda estava por ser descoberta. Desde os primórdios da psicanálise já havia a suspeita de que os fatores causais da histeria remontavam a primeira infância, havendo diversas alusões a este fato desde a *Comunicação Preliminar* de 1893. Em torno de 1895 Freud possuía uma explicação completa da histeria baseada em efeitos traumáticos da sedução sexual na primeira infância. Durante os anos anteriores a 1897, a sexualidade infantil era encarada como um fator latente, passível de vir a luz apenas pela intervenção de um adulto.

No texto *Neuropsicoses de Defesa* Freud (1894/1996) começa a traçar essa distinção. Naquele momento, as experiências ativas subjacentes à neurose obsessiva, são precedidas por experiências passivas, onde a sexualidade infantil seria mobilizada a interferência externa. Foi apenas em 1897 que Freud abandona sua teoria da sedução. Anuncia tal feito em uma carta a Fliess de 21 de setembro (carta 69), juntamente com sua descoberta simultânea do complexo edípico, feita a partir de sua autoanálise, que o levou ao reconhecimento de que as pulsões sexuais atuam nas crianças desde seu nascimento, sem a necessidade de uma estimulação externa. Também na carta a Fliess datada de 31 de maio de 1897, Freud revela que impulsos hostis dirigidos contra os pais são um elemento integrante das neuroses. Essa seria, de acordo com Garcia Roza (2015/1985) a primeira indicação da futura noção de complexo de Édipo. A então descoberta freudiana evidencia a importância da sexualidade infantil e a superação da teoria do trauma, bem como a importância das fantasias infantis e

sua articulação com os desejos e com os sonhos. A partir desse ponto, a teoria da sexualidade infantil de Freud estava estruturada sendo em *A Interpretação dos Sonhos* e em *Sobre os Sonhos* (1901/1996) que o autor começa a delimitá-la.

Percebemos, neste momento, o quanto os sonhos de criança contribuíram para a compreensão do psiquismo e da própria sexualidade. O material das vivências esquecidas da infância possui acesso aos sonhos, assim como seu egoísmo e sua escolha incestuosa de objetos de amor, persistem nos sonhos, isto é, no Inconsciente. É neste sentido que Freud (1916[1915-16]/1996) postula: “*Na vida mental, o que é inconsciente é também o que é infantil*” (p. 212).

Freud (1900/1996), passa a afirmar que a devoção filial acaba cedendo a outros interesses. Possuímos muitos exemplos na antiguidade da raça humana e na mitologia, que nos fornecem lendas das eras primitivas da sociedade humana, onde percebe-se o poder despótico do pai e da crueldade com que ele o usava. Cronos devorou seus filhos, assim como o javali devora as crias da javalina. Quanto mais irrestrita era a autoridade paterna na família antiga, mais o filho necessitava descobrir-se na posição de um inimigo e, ele próprio se tornaria o chefe a partir da morte do pai.

Já as causas de conflitos entre filha e mãe surgem quando a filha começa a crescer e a ansiar por sua liberdade sexual, salienta Freud (1900/1996). Mas, se descobre sob a tutela da mãe, enquanto esta é advertida pelo crescimento da filha de que o momento de abandonar suas apropriações à satisfação sexual está próximo. Assim, o desejo de morte contra os pais remonta à primeira infância, salienta Freud.

Os desejos sexuais de uma criança despertam muito cedo e, o primeiro amor da menina seria seu pai, enquanto os primeiros desejos infantis do menino são pela mãe. O pai se transforma em um rival para o filho e a mãe, para a filha. Os pais também demonstram sua preferência, da parcialidade sexual. Uma predileção natural faz com que o pai mime sua filha, ao passo que a mulher toma partido dos filhos homens, muito embora, os dois, quando seu julgamento não seja perturbado pelo sexo, mantenham a mais rigorosa fiscalização sobre a educação dos filhos. Entretanto, o fato de tal desejo ocorrer em uma criança não é incompatível com estar ternamente ligada a seus progenitores. A criança percebe essa parcialidade e se volta contra o progenitor que se opõe a demonstrá-la (Freud, 1900/1996).

A partir destes subsídios, Freud (1900/1996) passa a nos introduzir o complexo de Édipo a partir do mito da Antiguidade clássica *Oedipus Rex*. Tal lenda, é conhecida como uma tragédia do destino. Seu efeito trágico reside no contraste entre a vontade dos deuses e as tentativas fracassadas da humanidade escapar do mal que a ameaça. Existe algo nesta lenda

que nos toca e Freud sustenta que isso ocorre, pois, o destino de Édipo pode ser o nosso próprio destino.

É o destino de todos dirigir nosso primeiro impulso sexual para a mãe e o primeiro ódio e primeiro desejo de assassinato ao pai. Os sonhos são uma das provas de que isso ocorre, pois demonstram a realização de tais desejos. Eles nos mostram a realização de nossos desejos infantis. Como Édipo, postula Freud (1900/1996), vivemos na ignorância desses desejos que ferem a moral. Após a sua revelação é bem possível que se fechem os olhos para às cenas de nossa infância.

Freud (1900/1996) realiza um apontamento muito interessante, de que haveria uma indicação no texto de Sófocles de que a lenda de Édipo surgiu de um material onírico primitivo que possuía como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em decorrência dos primeiros sinais da sexualidade. Na época em que Freud redigia sua teoria e ainda hoje em nossos consultórios, muitos sujeitos sonham ter relações sexuais com seus progenitores e mencionam tal fato com indignação e assombro. Essa seria a chave da tragédia e o complemento do sonho de o pai ou mãe do sonhador estar morto ou morta. A história de Édipo seria a reação da imaginação a esses sonhos típicos. E, assim como esses sonhos, quando produzidos por adultos, estão acompanhados de sentimento de repulsa. A lenda, por sua vez, precisa incluir repulsa e autopunição.

Outra das grandes criações da poesia clássica, o Hamlet de Shakespeare, possuía as mesmas raízes que Édipo Rei, salienta Freud (1900/1996). Entretanto, possui uma importante mudança em relação a época em que foram escritas. Em Hamlet já havia ocorrido o avanço secular do recalque na vida emocional da espécie humana. Já em Édipo, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é exposta e realizada, como no caso de uma neurose, onde só ficamos cientes dela através de suas consequências inibidoras.

Neste momento de sua obra, Freud (1900/1996) não havia transposto suas conclusões acerca da perversão ao estudo dos sonhos. Neste sentido, percebemos que essa questão é de extrema importância para que possamos compreender as razões pelas quais os impulsos parricidas e incestuosos são proeminentemente disfarçados nos sonhos. Em 1916 Freud postula que essa espécie de desejo onírico proibido equivale a pulsões sexuais excessivas. As barreiras contra o incesto e o parricídio não existe de maneira inata, mas, são estabelecidas gradualmente com o desenvolvimento da educação. Por essa razão Freud (1916[1915-16]/1996), considera as crianças como perversas polimorfos. Portanto, ao encontrar tais desejos perversos por trás dos sonhos deformados, significa que tais sonhos deram um passo atrás, ao estado de infância. Por isso, Freud enfatiza especialmente o desejo incestuoso, visto

que a primeira escolha de objeto de uma criança é desta classe, sendo apenas mais tarde que a resistência contra tal escolha ocorre. Assim, a origem desta resistência reside na psicologia individual. Tanto o amor pela mãe e o ódio pelo pai, não foram mantidos em sua forma original, sendo necessário ser afastado da consciência, permanecendo, no entanto, como desejos inconscientes que fornecem conteúdo aos sonhos. É por essa razão, salienta Garcia Roza (2008/1993), que repetimos a cada noite a tentativa de duplo crime. Só que agora, de modo distorcido, como uma espécie de proteção contra nós mesmos, simultaneamente criminosos e policiais. Em verdade, não cometemos tais crimes, como também não nos lembramos de tê-los desejado algum dia. Não há traço desses desejos infantis em nossa memória consciente.

Freud (1917[1916-17]/1996) salienta que todos os sujeitos, não apenas os neuróticos, experimentam esses sonhos incestuosos, pervertidos e assassinos. Disto, conclui que os sujeitos percorrem um caminho evolutivo que perpassou pelas perversões e investimentos objetais do complexo de Édipo. Este é o caminho do desenvolvimento psíquico e que os neuróticos mostram, de forma ampliada, tudo aquilo que a análise dos sonhos revela em pessoas sadias.

Foi, portanto, a partir do reconhecimento dado a sexualidade infantil e ao complexo edípico que Freud (1901/1996) infere a seguinte asserção: “quase todo homem civilizado preserva as formas infantis de vida sexual num ou noutro aspecto. Podemos assim compreender como é que os desejos sexuais infantis recalcados passam a fornecer as forças propulsoras mais frequentes e poderosas para a formação dos sonhos (p.695).

Assim, compreendemos que foi por meio de conceitos apresentados nas obras iniciais de Freud que se inaugurou a psicanálise propriamente dita, configurando-se a compreensão freudiana do modo de funcionamento do aparelho psíquico.

2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, buscamos resgatar, a partir de Freud, o papel e importância das principais exposições metapsicológicas como sendo a definição do psiquismo sob as dimensões tópica, dinâmica e econômica. Entendemos que a teoria erigida por Freud veio em complemento à experiência clínica.

Para isso, buscamos enfatizar as mudanças realizadas por Freud acerca da concepção de aparelho psíquico, na passagem entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*. No primeiro artigo, Freud se referia ao inconsciente como um estado de representação, não sendo descrito ainda como um sistema. Já, em sua obra primordial sobre os sonhos, percebemos que o autor

passa a definir o inconsciente como uma instância psíquica com leis e características próprias. Assim, Freud foi tendo subsídios para formular sua metapsicologia como uma teoria geral que sustenta a prática clínica.

Ao buscar compreender as fontes que geram os sonhos, Freud passa a descrever o modo de funcionamento psíquico fundamentado em uma relação tópica ao evidenciar o *Pcs./Cs.* e o *Ics.* como localidades psíquicas. Cada uma dessas localidades refere-se, metaforicamente a tipos de processos psíquicos. Foi, portanto, a partir da análise dos sonhos que Freud passou a obter um vislumbre do modo de funcionamento do aparelho psíquico. Assim, passa enfatizar a existência de dois sistemas psíquicos que se relacionam entre si com a consciência. O sistema *Pcs.* agora é descrito como uma espécie de tela entre o sistema *Ics.* e a consciência. Freud atribui a esse sistema a função de barrar o acesso à consciência e ao poder da motilidade, possuindo a seu dispor, uma energia de investimento móvel. Assim, compreende-se que a concepção do Inconsciente e a formação dos sonhos são tributárias de leis de funcionamento próprio, tornando pertinente a separação do psiquismo em lugares ou instâncias.

Compreendemos, portanto, que foi necessário a Freud tematizar acerca do aspecto dinâmico do aparelho psíquico, ao afirmar que o impulso para a formação do sonho se encontra no sistema Inconsciente. Assim, o funcionamento psíquico fundamenta-se em uma relação dinâmica entre o *Pcs./Cs.* e o *Ics.* Percebe-se que neste momento de sua obra, a questão tópica vai se tornando indissociável da questão dinâmica e a análise do mecanismo do recalçamento foi essencial para compreendermos esse modo de funcionamento psíquico. A divisão do aparelho psíquico entre sistemas, demonstra que a elucidação dos sintomas neuróticos não reside em uma alteração tópica deste aparelho, mas em uma alteração de sua dinâmica. O estudo dos sonhos pode ter evidenciado a Freud que o recalçado existe em todos os indivíduos, permanecendo capaz de funcionamento psíquico. É por esse motivo que o autor se aprofunda no desenvolvimento do aparelho psíquico primitivo, cuja função é regulada pelo esforço em evitar o acúmulo de excitação, conservando-se o mais livre destas. Assim, buscamos enfatizar a exposição freudiana do aparato anímico em seu desenvolvimento, ao descrevermos a experiência de satisfação, o desejo, a realização alucinatória do desejo e a regulação pelas sensações de prazer e desprazer.

Percebemos que a articulação freudiana da explicação metapsicológica do recalçamento, acabou por evidenciar que as moções de desejo sexual da infância que foram submetidas ao processo de recalque, são revividas em períodos posteriores do desenvolvimento. Deste modo, essas moções estão aptas a suprir a força impulsora para a

formação dos sonhos.

A separação do aparelho psíquico em instâncias ou sistemas com leis próprias de funcionamento, acaba por implicar a suposição da existência de conflitos que dotam o psiquismo de um caráter dinâmico. Por sua vez, essa dimensão define os processos psíquicos como sendo o resultado de um conflito entre as instâncias. Este conflito de forças de origem pulsional, se comprova a partir da própria definição de inconsciente, o qual é composto a partir do processo de recalçamento.

O ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana começa a ganhar corpo na suposição da existência de uma energia psíquica de natureza sexual que funciona segundo um fator quantitativo. Neste sentido, buscamos evidenciar que o funcionamento psíquico é regulado por uma quantidade de afeto de origem sexual. Percebe-se que Freud passa a efetuar uma ampliação no conceito de afeto ao perceber que o trabalho do sonho acarreta uma supressão dos afetos. A liberação dos afetos é descrita agora como um processo centrífugo dirigido para o interior do corpo. No estado de sono, o envio de impulsos motores para o mundo externo fica suspenso e, é em decorrência deste fato que os impulsos afetivos ocorridos nos sonhos são impulsos fracos. Os sonhos passam a ser definidos por Freud como uma formação de compromisso produzida pelo conflito de força psíquicas, fato que além de evidenciar a dinâmica psíquica, também coloca em primazia sua economia.

Por fim, buscamos compreender a natureza dos desejos realizados nos sonhos e o motivo de sua realização ocasionar afetos desprazerosos. Para isso buscamos acompanhar Freud na análise de sonhos típicos que o fizeram sustentar a existência da sexualidade infantil e do complexo edípico, conceitos fundamentais para compreendermos o modo de funcionamento do aparelho psíquico.

Compreende-se que, para Freud, há uma estreita relação entre os aspectos metapsicológicos, a saber, o tópico, o dinâmico e o econômico. A interdependência desses aspectos fica evidente em *A Interpretação dos Sonhos* quando o autor efetua a distinção entre os sistemas psíquicos de acordo com o modo de investimento da energia pulsional. Assim, percebe-se a relação entre esses aspectos quando Freud (1915/1996) passa a descrever a dinâmica do aparato anímico como resultado das forças pulsionais que nele habitam

Isto posto, nosso próximo passo é compreender o modo pelo qual Freud formalizou sua metapsicologia a partir do estudo dos sonhos ao descrever o aparelho psíquico em sua totalidade, no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*.

3. A TESSITURA DO APARELHO PSÍQUICO

Buscaremos, no presente capítulo, estabelecer de uma forma mais estreita, as relações entre o trabalho do sonho e as formulações sobre o aparelho psíquico, mediante a análise de *A Interpretação dos Sonhos*. Assim, objetivamos circunscrever epistemologicamente a psicanálise, demonstrando o modo como Freud construiu sua própria epistemologia, a metapsicologia, a partir de sua prática clínica.

Não parece à toa o fato de Freud (1900/1996) ter nos advertido, no início do capítulo VII que “a parte fácil e agradável de nossa viagem ficou para trás” (p. 538). Agora, evidencia a necessidade de formular novas hipóteses sobre a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico. Isso porque, não existia na época de Freud, uma teoria que desse conta de explicar o fenômeno onírico e o modo de funcionamento psíquico. Freud, a partir de sua experiência clínica, percebe que o psíquico não pode ser estudado pelo viés da consciência. O inconsciente é o único meio para estudá-lo, sendo passando a ser encarado como um objeto metodológico. É justamente essa concepção de Inconsciente, composto de propriedades tópicas, dinâmicas e econômicas que dota a psicanálise de seu método específico.

Assim, iniciaremos o presente capítulo, descrevendo a coordenada tópica da teoria psicanalítica a partir da divisão do aparelho psíquico em instâncias ou sistemas. Nosso intuito é compreender o modo pelo qual Freud formalizou sua tese da existência de um aparelho psíquico. Para isso, abordaremos o conceito de regressão da energia psíquica pois, a partir deste conceito Freud apresenta um aparelho psíquico marcadamente dividido entre instâncias psíquicas.

No segundo subcapítulo nos propomos a descrever a formalização da concepção dinâmica a partir da suposição da existência de conflitos entre as instâncias. Essa dimensão concebe os processos psíquicos como resultado desse conflito entre os sistemas, visto que estes são compostos por forças pulsionais contrárias. Com esse objetivo, descreveremos o modo pelo qual Freud formalizou a constituição do aparato psíquico, a partir das vivências de satisfação. Ainda, buscaremos descrever a dinâmica do psiquismo a partir de mecanismos do trabalho do sonho como a condensação e o deslocamento.

A coordenada econômica será analisada adiante, no terceiro subcapítulo. Esse ponto de vista parte da suposição da existência de uma energia psíquica de origem sexual que funciona de acordo com um fator quantitativo, caracterizando os investimentos de afeto nos objetos de desejo. Para isso buscaremos compreender os processos primário e secundário, visto que a partir destes, Freud (1900/1996) formaliza seu esquema metapsicológico.

Finalmente, finalizaremos com a análise da revisão efetuada por Freud em 1911 da estrutura do aparelho psíquico, nas *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, onde o autor reexamina os conceitos de princípio de prazer e de realidade inferindo que estes governam o funcionamento do aparelho psíquico.

3.1. A COORDENADA TÓPICA

Percebe-se que Freud utiliza a palavra aparelho para delimitar a organização psíquica dividida em instâncias ou sistemas, com funções específicas que estariam interligadas entre si, ocupando determinado lugar na mente. O modelo tópico, portanto, designa um modelo de lugares psíquicos. Freud (1900/1996), diferente de seus contemporâneos, erigiu novas hipóteses que tocavam na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam.

Esta noção de aparelho psíquico fica mais visível na obra de Freud em *A Interpretação dos Sonhos*, principalmente no capítulo VII, onde o autor efetua uma analogia do psiquismo com um aparelho óptico. Nesse modelo tópico, o aparelho psíquico é composto por dois sistemas: o *Ics.* e o *Pcs./Cs.* Buscaremos, portanto, evidenciar essa topologia psíquica a partir do estudo sonhos.

Ao efetuar um exame sobre o esquecimento como sendo resultado da resistência no sonho, Freud (1900/1996) conclui que no decorrer da noite a resistência perde, em parte, seu poder, embora não inteiramente. Este fato possibilita a formação dos sonhos, por reduzir o poder da censura endopsíquica. Assim, quando despertamos, essa resistência recupera sua força e passa a se livrar daquilo que permitiu enquanto estava enfraquecida.

Na psicanálise das neuroses, utiliza-se o mais amplo uso dos teoremas apresentados por Freud (1900/1996), como quando as representações meta-conscientes são abandonadas, as representações-meta ocultas assumem o controle do fluxo de representações e as associações superficiais seriam substituídas, por deslocamento de associações mais profundas e recalçadas. Compreende-se que esses teoremas se transformaram nos pilares da técnica psicanalítica. Assim, Freud nos adverte que realizará uma abordagem metapsicológica, a qual nos conduz para além da psicologia. Como bem pontuado por Garcia Roza (1993/2008), fica claro que não se trata de recorrer à psicologia no sentido de encontrar um princípio que lance luz aos processos oníricos, mas de formular uma metapsicologia que seja capaz de dar conta, em um primeiro momento, dos sonhos, e em seguida dos processos psíquicos em geral. Ainda segundo o autor, o aparelho formalizado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* não é apenas um aparelho de sonhar, de memorizar, de fantasiar e de falar. Assim, buscará

estabelecer hipóteses que digam respeito a estrutura deste aparelho e o jogo de forças que nele opera. Freud, portanto, irá formalizar a estrutura e função do aparelho psíquico.

Deste modo, Freud (1900/1996) introduz a questão da regressão da energia psíquica nos sonhos. Ao realizarmos a interpretação de um sonho no estado de vigília, seguimos por um caminho que retrocede dos elementos do sonho para os pensamentos oníricos e, o trabalho do sonho segue uma direção inversa, sendo improvável que esses caminhos sejam transitados em ambos os sentidos. O aumento da resistência desde a noite torna necessário novos desvios. Compreendermos que a noção de regressão é fundamental para a presente pesquisa, visto que ela pode ser considerada um desvio no percurso do desenvolvimento da sexualidade e do aparato psíquico.

Freud (1900/1996) descreve o sonho como um substituto de uma cena infantil, modificada pelo fato de ser transferida para uma experiência recente. A cena infantil não pode, por si só, promover sua própria revivescência e, retorna como sonho. Em seu sentido tópico, a regressão é o retorno da excitação, através dos sistemas que formam o aparelho psíquico. Ela designa o retorno dos sujeitos a modos de organização psíquica mais antigas, além da passagem a modos de expressão primitivos. Segundo Freud (1916[1915-16]/1996), o mecanismo de regressão revive as características de nossa vida mental primitiva, a antiga dominância do ego, as primeiras pulsões sexuais e, nossa antiga propriedade intelectual. Esse infantil arcaico, que fora dominante no passado, na atualidade é atribuído ao Inconsciente. Por essa razão o conceito de regressão da energia psíquica é fundamental para compreendermos a ampliação efetuada por Freud em relação ao sistema Inconsciente. Este, não seria apenas o que está latente no momento, mas, uma parte integrante do psiquismo, com seus próprios impulsos de desejo, seu modo único de expressão e com seus mecanismos próprios de funcionamento.

3.1.1. Regressão

A partir do desenvolvimento do conceito de regressão da energia psíquica, podemos obter um vislumbre da direção dos processos psíquicos, as quais se dirigem da extremidade motora até a extremidade perceptiva do aparelho psíquico. É a regressão que permite a transformação de pensamentos em imagens na formação dos sonhos.

Testemunhamos que os sonhos possuem na obra de Freud (1900/1990) um lugar de destaque em toda a sua extensão. Seu valor está em ser considerado como modelo para a apreensão das características gerais dos sonhos, a partir das quais o autor desenvolverá as formulações metapsicológicas. Os sonhos são atos psíquicos dotados de valor e sentido, sua

força propulsora é um desejo que busca realizar-se. O fato de não serem reconhecidos como desejos ocorre em função da censura psíquica a que foram submetidos durante o processo de sua formação. Além da necessidade de fugir a essa censura, outros fatores são essenciais para sua formação como a exigência de condensação do material psíquico, a consideração a sua representabilidade em imagens sensoriais e a demanda de que a estrutura do sonho possua uma fachada racional e inteligível. Assim, o mais importante de sua tese é o fato de que foi em nome de uma realização de desejo que o processo de pensamento durante o sono se transformou em um sonho.

A partir da noção de regressão da libido, Freud (1900/1996) formaliza sua tese tópica do aparelho psíquico, ao se referir a localizações psíquicas. Deste modo, é notável que o autor não busque mais estabelecer um lugar anatômico para seu aparelho psíquico, como observamos em seu *Projeto*, demonstrando estar divorciado de tais ideias. Ele se mantém no campo psicológico, propondo que visualizemos tal aparelho que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto. Com base nisso, a localização psíquica corresponde a um ponto no interior do aparelho em que se produz os estágios preliminares da imagem. Percebemos que Freud evita determinar as “localidades psíquicas” como localidades anatômicas, por afirmar que elas se mantêm no campo psicológico.

Segundo Garcia-Roza (1993/2008), a advertência de Freud para que não identifiquemos os lugares psíquicos como lugares anatômicos, nos leva a localizar as representações em lugares ideais e não de localizarmos essas representações em lugares físicos do aparelho. Fica evidente, assim, a distinção entre sistemas psíquicos e lugares psíquicos, visto que os primeiros são os elementos que compõem o aparelho, enquanto os segundos correspondem ao vazio entre os sistemas.

O aparelho psíquico agora é retratado por Freud (1900/1996), como um instrumento composto, onde seus componentes são chamados de instâncias ou sistemas. Tais sistemas mantêm entre si uma relação espacial constante. Uma ordem fixa é estabelecida pelo fato de que em certos processos psíquicos, a excitação atravessa os sistemas em uma sequência temporal. Neste ponto Freud se refere aos componentes do aparelho como sistemas Ψ . Percebemos que agora o autor efetua a distinção das duas instâncias do aparelho psíquico. A partir desse ponto, Freud passa a se referir ao inconsciente como um sistema, o qual possui suas leis e modos próprios de funcionamento.

Os termos instância e sistema, possuem uma conotação marcadamente tópica, como bem evidencia Garcia-Roza (1993/2008). Estes termos não são empregados como sinônimos por Freud, de acordo com o autor. Assim, quando se refere à censura, utiliza o termo

instância, quando se refere a percepção, emprega sistema mnêmico e sistema perceptivo, o que marca uma diferença entre ambos. Ao se referir ao fato de que um elemento do aparelho pode ser atravessado por uma excitação, utiliza o termo sistema, mas ao assinalar a atividade de um elemento desse aparelho, emprega o termo instância. Ainda segundo Garcia-Roza, na primeira tópica freudiana predomina, contudo, o termo sistema.

Esse aparelho composto de sistemas Ψ , possuem, de acordo com Freud (1900/1996), um sentido ou direção. Toda a atividade psíquica parte de estímulos internos ou externos e termina em inervações. Freud utiliza esse termo para denotar a transmissão de energia para um sistema de nervos, indicando um processo econômico que tende a descarga. Por essa razão, o autor atribui ao aparelho uma extremidade sensorial e outra extremidade motora. Na primeira dessas extremidades, encontramos um sistema que recebe as percepções. Já na outra extremidade a atividade motora. Os processos psíquicos transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora. Freud retoma, neste momento, a questão de o aparelho psíquico construir-se como um aparelho reflexo. Os processos reflexos, como o autor já afirmou no *Projeto*, continuam a ser o modelo de todas as funções psíquicas.

Agora, podemos compreender a primeira diferenciação na extremidade sensorial. No aparelho psíquico, afirma Freud (1900/1996), um traço das percepções que incidem sobre ele permanece. Estes, são descritos como “traços mnêmicos” e a função que com ele se relaciona é denominada de “memória”. Essas duas funções são atribuídas a sistemas diferentes. Um sistema, supostamente, ficaria na parte frontal do aparelho e recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles, não possuindo, portanto, memória. Por trás dele, há um segundo sistema que transforma as excitações momentâneas do primeiro em traços permanentes.

Freud (1900/1996) demonstra que ocorre uma retenção permanente de algo a mais do que o simples conteúdo das percepções que incidem sobre o sistema *Pcpt.* Assim, fica claro que se o sistema *Pcpt.* não tem nenhuma memória, ele não é capaz de reter nenhum traço associativo. Os elementos isolados do *Pcpt.* ficariam impedidos de desempenhar sua função se o remanescente de uma ligação anterior exercesse alguma influência nas novas percepções. Portanto, a base da associação está nos sistemas mnêmicos. A associação ocorre em decorrência de uma diminuição das resistências e do estabelecimento de vias de facilitação, a excitação é transmitida de um elemento *Mnem.*, para um segundo do que para um terceiro¹.

Em *Uma Nota Sobre o Bloco Mágico*, Freud (1925[1924]/1996) nos apresenta as

¹Posteriormente, em “Além do Princípio do Prazer” de 1920, Freud acrescentou a observação de que o inexplicável fenômeno da consciência surge no sistema perceptual no lugar dos traços permanentes.

semelhanças entre o “Bloco mágico”, uma espécie de prancha de escrever, onde as notas podem ser apagadas mediante um movimento de mão, e o aparelho perceptual. Este aparelho, descrito por Freud, pode fornecer uma superfície receptiva sempre pronta, além de traços permanentes das notas feitas sobre ela.

Não penso, porém, que seja demasiado exagerado comparar a cobertura de celulóide e papel encerado ao sistema *Pcpt.-Cs.* e seu escudo protetor, a prancha de cera com o inconsciente por trás daqueles, e o aparecimento e desaparecimento da escrita com o bruxuleio e a extinção da consciência no processo da percepção.” (1925[1924]/1996, p. 260).

Existem diversos elementos *Mnem*, onde o primeiro deles contém o registro da associação por simultaneidade temporal, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de modo que um desses sistemas posteriores, registrará relações de similaridade no que concerne aos outros. De acordo com Freud (1900/1996) é o sistema *Pcpt.*, o qual não possui a capacidade de reter modificações, e, assim, sem memória, que supre a consciência de todas as qualidades sensoriais. Por outro lado, as lembranças são inconscientes em si mesmas. Produzem seus efeitos quando em estado inconsciente, mesmo podendo tornarem-se conscientes. Percebe-se que neste momento da obra freudiana ocorre a reedição da importância conferida à memória na Carta 52. Segundo Garcia-Roza (1993/2008), para Freud a memória não é uma faculdade do aparelho psíquico, mas aquilo que funda o próprio psiquismo. É em decorrência dos investimentos colaterais e da ligação que constitui as primeiras fixações e a distinção entre neurônios retentivos e neurônios não retentivos, que o aparato psíquico começa a se estruturar. São essas estruturas de retardo, segundo o autor, que irão introduzir diferenças no indiferenciado inicial da trama dos neurônios, criando, a partir daí, uma preferência pelo caminho seguido pela excitação.

A teoria de Freud evidencia que inervações da catexia sofrem impulsos periódicos de dentro, para o sistema *Pcpt.-Cs.* completamente permeável. Sendo investido dessa maneira, tal sistema recebe percepções e acaba por transmitir a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes. Assim, o investimento é retirado, a consciência se interrompe e o funcionamento do sistema paralisa. Neste caso, ocorre como se o inconsciente expandisse sensores, por meio do veículo do sistema *Pcpt.-Cs.*, orientados no mundo externo, e de maneira rápida os retirasse assim que as excitações dele provenientes tivessem classificado (Freud, 1925[1924]/1996).

Começa a ficar nítido que para Freud (1900/1996) o estudo dos sonhos lhe deu subsídios para a compreensão de outra parte do aparelho psíquico. Só foi possível a ele

explicar a formação dos sonhos propondo a hipótese da existência de duas instâncias psíquicas, uma das quais submete a atividade da outra a uma crítica que envolveria sua exclusão da consciência. Já a instância crítica, possui uma relação mais próxima com a consciência do que a instância criticada, situando-se como uma tela entre esta última e a consciência. Assim, identifica a instância crítica com a instância que dirige a vida de vigília e determina nossas ações voluntárias e conscientes. O sistema crítico, portanto, se situa na extremidade motora do aparelho.

O último dos sistemas situados na extremidade motora é descrito por Freud (1900/1996) como o Pré-consciente e nos indica que os processos excitatórios que nele ocorrem, podem penetrar na consciência sem empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas. Este seria, ao mesmo tempo, o sistema que possui a chave do movimento voluntário. Já o sistema que está por trás dele é denominado por Freud como o Inconsciente, pois este não possui acesso a consciência se não for através do pré-consciente, ao passar pelo processo excitatório precisa se submeter a modificações.

No caso dos sonhos alucinatorios, a excitação se move em direção retrocedente. Em vez de se propagar para a extremidade motora do aparelho, ela se move no sentido da extremidade sensorial, atingindo, assim, o sistema perceptivo. Freud descreve como progressiva a direção tomada pelos processos psíquicos que surgem do inconsciente durante a vida de vigília. Tal constatação o faz afirmar que os sonhos têm um caráter regressivo. Esta questão já havia sido introduzida por Breuer e Freud nos *Estudos Sobre a Histeria*, onde os autores abordam as alucinações de uma excitação retrocedente que emana do órgão da memória e atua sobre o aparelho perceptivo através de representações. Essa regressão da libido, contudo, não ocorre apenas nos sonhos. No estado de vigília, esse movimento retrocedente não se estende além das imagens mnêmicas, não consegue produzir uma revivescência alucinatoria das imagens perceptivas. A explicação fornecida por Freud é uma descrição econômica que, tratará a diferença desses dois estados a partir de alterações nos investimentos energéticos dos sistemas. Como podemos perceber, a questão tópica, dinâmica e econômica do psiquismo está se tornando indissociável, visto que apenas se pode compreender o modo de funcionamento psíquico a partir dessas três coordenadas.

O conceito de regressão da energia psíquica também revela outra característica da formação dos sonhos. Segundo Freud (1900/1996), ao encarar o processo onírico como uma regressão que ocorre no aparelho anímico, podemos compreender que todas as relações lógicas que pertencem ao pensamento onírico desaparecem durante a atividade onírica, ou conseguem se expressar com muita dificuldade. Na regressão, a trama dos pensamentos

oníricos se decompõe em sua matéria-prima. Percebemos que o esquema matapsicológico que Freud estava construindo comprova o seu valor científico, já que, como estrutura que produz as formações psíquicas em geral, o aparelho psíquico pode explicar diferentes aspectos dos sonhos.

Freud (1900/1996) transpõe para os processos patológicos questões relacionadas a regressão da libido nos sonhos. As regressões ocorridas nos primeiros processos acontecem a despeito de uma corrente sensorial que flui, sem interrupções, em direção progressiva. Nas alucinações da histeria e da paranóia, por exemplo, também ocorrem regressões, onde pensamentos são transformados em imagens.

Já nos demos conta do papel desempenhado nos pensamentos oníricos pelas experiências infantis ou pelas fantasias nelas baseadas, a frequência com que os fragmentos delas ressurgem no conteúdo do sonho, e quão frequente os próprios desejos oníricos derivam deles. Neste sentido, Freud (1900/1996) não descarta a possibilidade de que também nos sonhos, a transformação dos pensamentos em imagens visuais ocorre, em parte, como resultado da atração das lembranças expressas sob forma visual de uma revivescência a qual exerce sobre os pensamentos desligados da consciência e que lutam por encontrar expressão. Assim, o sonho passa a ser descrito por Freud “*como um substituto de uma cena infantil, modificada por transferir-se para uma experiência recente*” (p.572). A cena infantil, por si própria, não é capaz de promover seu reaparecimento e tem de retornar como sonho.

Não se pode perder de vista, que a noção de regressão da libido passa a ser abordada por Freud em um contexto onde a censura que opera entre os sistemas psíquicos é uma referência fundamental e que a regressão é um efeito da resistência à entrada de determinados pensamentos na consciência. Transcreveremos o trecho em que Freud propõe a distinção entre os três tipos de regressão:

Assim, cabe distinguir três tipos de regressão: a) regressão *tópica*, no sentido do quadro esquemático dos sistemas Ψ que explicamos atrás; b) regressão *temporal*, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e c) regressão *formal*, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva. (Freud, 1900/1996), p. 574).

O sonhar, portanto, é um exemplo de regressão à condição mais primitiva dos sujeitos, uma revivescência de sua infância, das moções pulsionais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha na época. Uma interessante afirmação é feita por Freud sobre

esta questão. Para ele, por trás da infância dos sujeitos existe uma imagem da infância filogenética, ou seja, uma imagem do desenvolvimento da raça humana, do qual o desenvolvimento do indivíduo seria uma espécie de recapitulação influenciada pelas circunstâncias da vida. A análise dos sonhos nos conduz, portanto, a um conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato (Freud, 1900/1996)

Os sonhos e as neuroses parecem ter preservado mais antiguidades anímicas do que imaginariamos possível, de modo que a psicanálise pode reclamar para si o lugar de destaque entre as ciências que se interessam pela reconstrução dos mais antigos e obscuros períodos dos primórdios da raça humana (p.575).

Assim, percebe-se que a noção de regressão da energia psíquica se apresenta como o modo de representação topográfica do aparelho psíquico. Garcia-Roza (1993/2008) afirma que no modelo de *A Interpretação dos Sonhos* o que mais importa não é a localização espacial dos sistemas, como fora no *Projeto*, mas a estrutura topológica do aparelho, a posição que os sistemas ocupam uns em relação aos outros. Trata-se, portanto, de uma tópica temporal. Por essa razão, Freud (1900/1996) nos propõe pensar em uma ordem de sucessão temporal para todos os processos psíquicos, de modo que a excitação parta da extremidade perceptiva para a extremidade motora, passando pelos sistemas mnêmicos, ou seja, do *Ics*, ao *Pcs* até chegar à consciência. Caso o percurso seja regressivo, a mesma ordem é obedecida, só que em seu sentido inverso. É por isso que a noção de regressão da libido está relacionada ao modo pelo qual Freud concebe o esquema do aparelho psíquico. O termo regressão liga um fato que já era conhecido ao esquema do aparelho dotado de uma direção.

3.2. A COORDENADA DINÂMICA

Percebemos não ser possível hierarquizar a relevância dos três eixos que constituem a metapsicologia freudiana. Entretanto, percebe-se que a perspectiva dinâmica já ocorria a Freud quando buscava compreender os mecanismos básicos da histeria. Em 1925 o autor reitera que, ao pensar de que modo o processo psíquico se tornava patogênico, passa a diferir de Breuer que era mais inclinado a uma teoria fisiológica, onde os processos que não sucumbiam a seu destino esperado eram aqueles que haviam se originado de estados psíquicos chamados hipnóides. Para Freud (1925/1996), entretanto, ocorria a existência de um jogo de forças, onde a ação de intenções e tendências são parecidas com as que podemos observar na vida normal. Essas ideias, referidas por Freud, são justamente as pulsões, as forças de natureza psíquica básicas em conflito.

A divisão tópica do aparelho psíquico em instâncias com modos próprios de

funcionamento implica, portanto, a suposição da existência de conflitos que conferem ao psiquismo seu caráter dinâmico. Essa dimensão acaba por conceber os processos psíquicos como sendo resultado de um conflito entre os sistemas ou instâncias, visto que estes são compostos por forças pulsionais contrárias que exercem pressão constante.

Este aspecto característico dinâmico, ou seja, o conflito de forças, é demonstrado por Freud (1900/1996) a partir de sua definição de inconsciente. As formações de compromisso, as quais se constituem como uma espécie de acordo entre as instâncias, também nos relevam a marca do dinamismo psíquico.

Assim, a fim compreender o motivo pelo qual o Inconsciente não oferece nada além da força propulsora para a realização de desejo, Freud (1900/1996) busca uma explicação a partir do quadro esquemático do aparelho psíquico. O autor afirma que este aparelho apenas atinge seu auge após um longo período de desenvolvimento e propõe nos mostrar como ocorreu tal feito. A princípio, os esforços do aparelho possuíam a função de mantê-lo livre de qualquer estímulo. Assim, sua primeira estrutura seguia o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser descarregada pela via motora imediatamente. As exigências da vida, entretanto, o confrontam, primeiramente, com as grandes necessidades somáticas. As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento, que é descrito por Freud como uma modificação interna ou uma expressão emocional.

Para exemplificar essa situação, Freud (1900/1996) afirma que o bebê que sente fome, grita, chora, dá pontapés. Mas sua situação permanece a mesma, visto que a excitação proveniente de uma necessidade interna não ocorre por meio de uma força que produz um impacto momentâneo, mas uma força que está continuamente em ação. A mudança só ocorre quando, de uma maneira ou outra, no caso do bebê, através do auxílio externo, chega-se a uma experiência de satisfação que coloca fim ao estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica cuja imagem mnêmica fica associada ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em virtude do vínculo assim estabelecido, quando a necessidade foi novamente despertada, surgirá uma moção psíquica que buscará reinvestir a imagem mnêmica da percepção reevocando a própria percepção, ou seja, restabelecendo a situação da satisfação original. Este tipo de moção é denominado por Freud de desejo. Já o reaparecimento da percepção equivale à realização de desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para um completo investimento da percepção. Essa situação leva Freud a inferir que pode ter ocorrido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse

caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. O objetivo dessa primeira atividade psíquica, portanto, era produzir uma identidade perceptiva, uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade. Nesta exposição freudiana sobre o aparelho psíquico, o autor o descreve a partir de seu desenvolvimento, buscando promover sua descrição psicológica do desejo e de sua importância. A tendência do aparelho psíquico em se manter livre de estímulos já fora explorada por Freud na seção 1 da parte I do *Projeto*, onde a descrição segue até as carências da vida que perturbam a tendência primária e ação específica.

As experiências de frustração da vida, segundo Freud (1900/1996), devem ter sido as responsáveis por transformar essa atividade primitiva de pensamento em uma atividade secundária mais conveniente. A satisfação não sobrevém e a necessidade continua. O investimento interno só pode ter o mesmo valor do externo se fosse mantida incessantemente, como ocorre nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de fome, que acabam por esgotar toda sua atividade psíquica no apego ao objeto de seu desejo. Para que ocorra um dispêndio mais eficaz da força psíquica, torna-se necessário deter a regressão antes que ela se torne completa, para que não vá além da imagem mnêmica e seja capaz de buscar outros caminhos que levem ao estabelecimento da desejada identidade perceptiva desde o mundo exterior. Tal inibição da regressão e o conseqüente desvio da excitação passam a ser de responsabilidade de um segundo sistema, o que controla o movimento voluntário.

Entretanto, Freud (1900/1996) salienta que toda a atividade de pensamento que ocorre desde a imagem mnêmica até o momento em que a identidade perceptiva é estabelecida pelo mundo exterior, constitui um caminho para a realização de desejo, caminho que a experiência tornou necessário. O pensamento, portanto, é o substituto de um desejo alucinatório, e os sonhos, por sua vez, têm de ser realizações de desejos, visto que apenas o desejo pode colocar o aparelho psíquico em ação. Os sonhos que realizam o desejo pela via curta da regressão, preservam para nós uma amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, método esse que foi abandonado por ser ineficaz.

Tudo isso faz com que Freud (1900/1996) postule que “*O sonho é um ressurgimento da vida anímica infantil já suplantada*” (p.592). Esses métodos de funcionamento do aparelho psíquico, que normalmente ficam suprimidos na vigília, voltam a se tornar atuais na psicose e revelam sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades em relação ao mundo exterior.

As moções de desejo inconscientes buscam se tornar eficazes ao longo do dia, juntamente com o fato da transferência, assim como nas psicoses, indicam que elas lutam

para irromper na consciência através do sistema pré-consciente para obter o controle do poder de movimento. Deste modo, a censura entre o *Ics.* e o *Pcs.*, cuja existência nos sonhos merece ser suposta, é reconhecida como a guardiã de nossa saúde mental. Percebemos que até aqui, Freud salienta os caminhos até a reanimação alucinatória da imagem mnêmica da experiência de satisfação, gerada pelo desejo que, conseqüentemente, gera uma desilusão justamente por não satisfazer a estimulação interna. Neste momento, foi necessário ao autor, postular a existência de um sistema que inibe o investimento alucinatório, tendo sido apresentado na seção 14 do *Projeto* como “eu” (*Ich*), enquanto na presente obra equivale ao sistema pré-consciente.

Freud (1900/1996) retorna no ponto em que introduziu os dois sistemas *Ics.* e *Pcs.*, para inserir os sonhos em uma concatenação capaz de abarcar também outras estruturas psíquicas. No caso de existir um sistema *Ics.*, os sonhos não poderiam ser sua única manifestação. Além dos sonhos, existem outras formas não usuais de realização de desejo. Os sintomas psiconeuróticos culminam na proposição de que também eles devem ser percebidos como realizações de desejos inconscientes. Ou ainda, uma parte do sintoma corresponde à realização do desejo inconsciente, enquanto a outra, a estrutura psíquica, reage contra o desejo. Percebe-se que este fato denota a concepção dinâmica do psiquismo para Freud.

Nos sonhos, enquanto o desejo do *Ics.* consegue encontrar expressão nestes, depois de sofrer inúmeras distorções, o sistema dominante se recolhe em um desejo de dormir realizando esse desejo promovendo as modificações que é capaz de produzir nos investimentos no interior do aparelho psíquico, persistindo nesse desejo durante toda a duração do sono. Freud (1900/1996) salienta ter tomado essa noção da teoria do sonho formulada por Liébeault, a quem se deviam as pesquisas sobre o hipnotismo. É esse desejo de dormir por parte do Pré-consciente que exerce um efeito facilitador na formação dos sonhos.

3.2.1. A Dinâmica do Psiquismo

Algumas questões trabalhadas por Freud (1900/1996) sobre o mecanismo de trabalho dos sonhos interessam-nos por conta da relação efetuada pelo autor com o funcionamento dinâmico do aparelho psíquico. No processo primário, que caracteriza o Inconsciente, a energia psíquica escoia de modo livre e passa sem barreira de uma representação para a outra por meio do mecanismo da condensação, assim, uma única representação funciona como um ponto comum a diversas cadeias associativas de representações, apontando que cada elemento do conteúdo manifesto é dependente de diversas causas latentes.

Já o deslocamento, é o processo pelo qual uma carga afetiva se transfere de um objeto

originário para um segundo, o qual funciona como uma alusão ao primeiro por meio do deslizamento de uma energia de investimento ao longo das vias associativas. Deste modo, ocorre o encadeamento de diversas representações, possibilitando aceitar pela censura representações atenuadas no sonho.

O sonho de monografia de botânica foi um dos sonhos de Freud, interpretado por ele mesmo, que nos demonstra esse modo específico de funcionamento psíquico. Ele sonha que escreveu uma monografia sobre certa planta. O livro estava diante dele e, no momento, virava uma página dobrada que continha uma prancha colorida. Com cada exemplar de planta, havia encadernado uma espécie seca de planta, como se tivesse sido tirada de um herbário. Freud (1900/1996) observa que na manhã do dia que tivera o sonho, vira um livro exposto em uma livraria com o título de *O Gênero Cyclâmen* que se tratava de uma monografia sobre esta planta. As folhas do ciclâmen lhe remeteram às asas das borboletas e ao fato de que essa flor era a predileta de sua esposa. Freud também observa, com pesar, que era raro levar flores para sua mulher. Efetuando a análise de tal sonho, Freud também se recorda que escrevera uma monografia sobre a planta coca, estudando as qualidades e possibilidades do alcaloide que provém das folhas secas da coca. Entretanto, por diversas razões, não levou adiante sua ideia. Observa também, que conversou sobre as propriedades da cocaína com Koller, um colega médico. Mais tarde, ao ler uma revista científica, viu que Koller apresentou à comunidade científica uma pesquisa sobre as propriedades anestésicas da coca. Essa situação aborreceu Freud, visto que o colega agiu como se a investigação fosse de sua autoria.

Observamos que a monografia de botânica do sonho demonstra ser uma espécie de entidade comum entre duas experiências que Freud teve na véspera de seu sonho, ou seja, foi extraída, sem alteração alguma, da impressão irrelevante sendo ligada ao acontecimento psicologicamente significativo a partir de numerosas conexões associativas. Entretanto, os componentes “botânica” e “monografia”, em separado, levaram por inúmeras vias de ligação a um ponto cada vez mais profundo no emaranhado dos pensamentos do sonho. Assim, “botânica”, de acordo com Freud, era um ponto nodal sistemático no sonho. Convergiram para ele numerosas cadeias de ideias que tinham adentrado no contexto de uma conversa que Freud teve com um colega médico no dia anterior.

A partir da análise de seu sonho, Freud (1900/1996) nos demonstra que o sonho não é estruturado por cada pensamento ou grupo de pensamentos do sonho de maneira isolada, encontrando representação separada no conteúdo do sonho, mas, o sonho é construído por uma massa de pensamentos do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo onde os elementos que possuem suportes mais numerosos e mais fortes adquirem acesso ao

conteúdo do sonho. Os elementos dos sonhos, portanto, demonstra ter sido multiplamente determinado em relação aos pensamentos do sonho.

Para melhor exemplificar a questão da condensação, Freud (1900/1996) recorre à análise de sonho da injeção de Irma, sonhado por ele na noite de 23/24 de julho de 1895. Nesta noite Freud sonha com uma festa que acontece em um grande salão com inúmeros convidados, dentre eles Irma. Freud, então, conversa com Irma em tom de repreensão por não ter aceitado sua “solução”. Disse a ela que se ainda sentia dores era responsabilidade dela mesma. Freud percebe que Irma estava pálida e inchada e a examina sua garganta que se encontra cheia de crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas estruturas recurvadas, que tinham por modelo ossos turbinados do nariz. Freud chama um amigo médico que repete o exame. Tal amigo tinha uma aparência estranha a Freud. Outro colega médico examina Irma e chegam a conclusão de que ela estaria com uma infecção, sem uma causa bem definida. Freud vê em sua frente a fórmula de uma injeção dada a Irma por um de seus colegas e pensa que uma injeção como essa não deveria ter sido realizada.

A partir da análise de seu sonho, Freud (1900/1996) evidencia que, por trás da figura onírica de Irma estavam ocultas outras figuras, que assim se transformaram em uma imagem coletiva dotada de características contraditórias. A figura de Irma se tornou a representante de toda uma série de outras figuras que haviam sido sacrificadas, por assim dizer, ao trabalho de condensação, visto que Freud transfere para ela tudo o que lhe fazia lembrar das outras figuras. Ou seja, Freud produziu uma figura coletiva para fins de condensação onírica, reunindo as feições reais de outras pessoas em uma única imagem. A construção de figuras coletivas e compostas é um dos principais métodos pelos quais a condensação atua nos sonhos.

A análise do sonho da injeção de Irma permitiu com que Freud pudesse discernir os processos de condensação no decorrer da formação dos sonhos. Pode constatar o modo como se dá preferência aos elementos que ocorrem diversas vezes nos pensamentos do sonho, como se formam novas unidades sob a forma de figuras coletivas e estruturas compostas, e como se constroem entidades intermediárias comuns. Assim, reconhece o fato de que a condensação onírica é uma característica notável da relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho (Freud, 1900/1996).

O trabalho de condensação nos sonhos é notável quando lidamos com palavras e nomes, salienta Freud (1900/1996). As palavras são tratadas nos sonhos como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar do mesmo modo que as representações de coisas. As malformações verbais nos sonhos são semelhantes aquelas conhecidas na paranóia,

mas que também estão presentes nas histerias e obsessões. Os truques linguísticos efetuados pelas crianças, constituem a fonte comum desse fato tanto nos sonhos como nas psiconeuroses.

Os exemplos de sonhos dados por Freud (1900/1996) que evidenciaram a questão do deslocamento, também deixam evidentes a questão da sobredeterminação. No trabalho do sonho, uma força psíquica está em ação e, por um lado, despoja os elementos com um alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro lado, por meio da sobredeterminação, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores que posteriormente penetram no conteúdo do sonho. Assim, ocorre uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas no processo de formação do sonho, sendo como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e dos pensamentos do sonho. Este trabalho descrito por Freud não seria nada mais do que a parcela essencial do trabalho do sonho, sendo denominado como deslocamento do sonho. A sobredeterminação, por sua vez, designa o fato de uma formação do inconsciente ter uma multiplicidade de fatores determinantes.

Tanto o deslocamento do sonho, quanto a condensação são os fatores dominantes cuja atividade podemos atribuir a forma assumida pelos sonhos. A consequência do deslocamento, por sua vez, é que o conteúdo do sonho não se assemelha mais ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que não apresenta mais do que uma distorção do desejo que habita o inconsciente. A origem da distorção seria, de acordo com Freud (1900/1996), na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. O deslocamento do sonho é um dos métodos pelos quais tal distorção é obtida.

Portanto, o deslocamento do sonho ocorre por influência da mesma censura, ou seja, a censura da defesa endopsíquica. A interação de tais fatores observado por Freud (1900/1996), a saber, deslocamento, condensação e sobredeterminação, na construção dos sonhos, bem como a questão de qual deles é o fator dominante e o subordinado, será investigado por Freud posteriormente. Por enquanto, já podemos perceber uma outra condição que deve ser atendida pelos elementos dos pensamentos do sonho que adentram no sonho. Eles necessitam escapar da censura imposta pela resistência e, daqui por diante, ao se interpretar um sonho, leva-se em conta o deslocamento como um fator inegável. O deslocamento e a condensação evidenciaram a Freud que tais processos ocorrem entre dois sistemas psíquicos distintos, como o inconsciente e o consciente.

Neste sentido, a censura é descrita por Freud (1900/1996) como a responsável pela deformação ocorrida com os pensamentos latentes através do trabalho do sonho. A definição de censura é relevante visto que Freud a concebe como uma função que se exerce na fronteira

entre dois sistemas psíquicos, o *Ics.* e o *Pcs./Cs.* Garcia Roza (1993/2008) pontua que a censura opera justamente na passagem de um sistema para outro mais elevado. No decorrer da obra de Freud, esta função da censura é atribuída ao ego, acabando por se confundir com a noção de superego. A censura, entretanto, não equivale a uma função psicológica nem mesmo um efeito do ego, mas diz respeito ao caráter interrompido do discurso. Ela é um índice dos possíveis sentidos dos sonhos, e sob este aspecto, pode ser inserida como uma parte do texto frente ao trabalho de interpretação.

A força da censura não se esgota com a deformação do sonho e nem acaba depois disso, salienta Freud (1916[1915-16]/1996). Ela persiste como uma instituição permanente que tem a função de manter a deformação. Os propósitos que exercem a censura são aqueles reconhecíveis pelo julgamento vigil do sonhador, aqueles contra os quais a pessoa está de acordo. Portanto, a censura dos sonhos se dirige a questões de natureza repreensível, repulsiva eticamente e socialmente. Estes desejos censurados recebem sua expressão deformada nos sonhos e são considerados por Freud, “manifestações de um egoísmo desenfreado e impiedoso” (p.145).

Dormindo, o ego dos sujeitos fica livre dos compromissos éticos e, assim, sente-se à vontade com todas as exigências sexuais, mesmo com as mais condenadas pela moralidade. Com o intuito de gerar prazer, a libido escolhe sem inibição seus objetos, dando preferência aos desejos proibidos. Não somente a mulher de outro homem, como salienta Freud (1916[1915-16]/1996), mas, acima de tudo, objetos incestuosos, sagrados segundo o consenso da humanidade, mãe e irmã de um homem, pai e irmão de uma mulher.

Deste modo, desejos sexuais são fortes o suficiente para provocar o surgimento dos sonhos. Também existem desejos de vingança e de morte dirigidos contra aqueles que amamos. Tais desejos censuráveis parecem estranhos ao sonhador após a interpretação ter sido efetuada. Freud (1916[1915-16]/1996) salienta que, os sonhos não são os responsáveis pelo seu conteúdo mal, ele exerce a função de preservar o sono. É neste sentido que Freud pontua: “O que faz aqui a psicanálise senão confirmar a velha sentença de Platão, de que os bons são aqueles que se contentam em sonhar com aquilo que os outros, os maus, realmente fazem? (p.149). Percebe-se que para Freud, não há como deixar de acreditar na existência do mal na constituição do psiquismo.

Compreende-se, portanto, que a principal responsável pela deformação onírica é a censura (Freud, 1900/1996). Tal deformação pode ocorrer através das lacunas impostas ao conteúdo manifesto, pelo reagrupamento do material, pelo deslocamento da importância de um elemento para outro, além de se dar em função do sonho ser feito de imagens, acarretando

uma perda de expressão dos elementos mais abstratos, assim como dos elementos de relação do pensamento latente.

Percebemos que Freud já insinuava em seus trabalhos anteriores que os mecanismos responsáveis pelo trabalho do sonho não são restritos aos sonhos, mas equivalem aos mecanismos fundamentais do inconsciente em geral. É neste sentido que Freud (1901/1996) afirma: “Recalcamento – relaxamento da censura – formação de compromisso: este é o modelo básico da gênese não apenas dos sonhos, mas também de muitas outras estruturas psicopatológicas” (p. 690).

3.3. A COORDENADA ECONÔMICA

Somado ao ponto de vista tópico e dinâmico, o econômico fornece o terceiro eixo da teoria metapsicológica de Freud. O ponto de vista econômico supõe a existência de uma energia psíquica de origem sexual que funciona segundo um fator quantitativo, o qual caracteriza os investimentos de afeto nos objetos de desejo.

Para compreendermos a concepção econômica do psiquismo, recorreremos à teoria onírica buscando lançar luz sobre os sonhos analisados por Freud que tem o poder de despertar o sujeito em meio ao sono. Foi tentando compreender o mecanismo desses sonhos que Freud (1900/1996) lança mão de sua descrição econômica do psiquismo, buscando responder o motivo de um desejo inconsciente ter o poder de interferir no sono, isto é, na realização do desejo pré-consciente. Freud busca uma explicação em relações de energia, explorando, assim esta questão.

A experiência de Freud (1900/1996) demonstrou que sonhar é compatível com dormir, mesmo que o sonho interrompa o sono durante a noite, acorda-se por um instante e volta-se a dormir. A realização de desejo de dormir é compatível com a manutenção de um dispêndio de atenção em algum sentido específico.

Deste modo, há dois possíveis resultados para cada processo excitatório inconsciente. Ou ele fica por sua conta e acaba por irromper em algum ponto, encontrando descarga para sua excitação na motilidade; ou acaba caindo sob a influência do pré-consciente. Assim, a excitação, ao invés de ser descarregada, continua ligada ao pré-consciente. Essa última alternativa é a que ocorre no processo do sonho.

Assim, é mais econômico deixar que o desejo inconsciente siga seu curso, mantendo o caminho aberto da regressão, para que ele possa formar um sonho. O sonho, portanto, pega para si alguma função na interação das forças anímicas. Agora, podemos perceber claramente essa função. O sonhar, salienta Freud (1900/1996), tomou para si a tarefa de recolocar sob

domínio do *Pcs.* a excitação do *Ics.* Serve-lhe de válvula de escape e, ao mesmo tempo, preserva o sono do *Pcs.*, em troca deste pequeno dispêndio de atividade de vigília. O sonho, neste sentido, como todas as outras formações psíquicas da série da qual pertence, constitui uma formação de compromisso, por servir aos dois sistemas, uma vez que realiza os dois desejos enquanto forem compatíveis entre si. Neste contexto, Freud insere uma nota de 1914, salientando o trabalho de Maeder (1912), o qual atribuía ao sonho outras funções secundárias. Partindo da observação correta do fato de que alguns sonhos são tentativas de solucionar conflitos posteriormente efetivados na realidade, e que assim se comportam como uma espécie de ensaios experimentais para ações de vigília. Por essa razão Maeder traçou, de forma correta, um paralelo entre os sonhos e o brincar nos animais e nas crianças, que pode ser visto como uma espécie de exercício prático dos instintos inatos e uma preparação para a atividade adulta, formulando a hipótese de que os sonhos possuem uma função lúdica. Entretanto, Freud discorda do autor no ponto em que insere uma função secundária para o sonho de pensar por antecipação. A esta função Freud atribui ao pensamento de *Pcs.* de vigília.

Como já abordamos no segundo capítulo da presente pesquisa, a experiência clínica de Freud (1900/1996) lhe fez inferir que os sonhos desprazerosos são, também, realizações de desejo. Um desejo inconsciente e recalcado, cuja realização o ego de quem sonha não poderia deixar de vivenciar como aflitivo, se aproveita da oportunidade que lhe foi oferecida pelo investimento persistente dos restos diurnos penosos da véspera. Assim, lhe empresta seu apoio e penetra no sonho. O autor ainda nos chama atenção para o fato de que o ego adormecido tem uma participação maior na formação do sonho, reagindo a satisfação do desejo recalcado com indignação gerando angústia. Portanto, tais sonhos de angústia são realizações de desejo, no sentido da teoria freudiana, quanto são os sonhos puros de satisfação.

Os sonhos de punição também são descritos por Freud (1900/1996) como uma classe dos sonhos desprazerosos e estes impuseram ao autor um novo acréscimo à teoria dos sonhos. O que neles se realiza é um desejo inconsciente, o desejo do sonhador de ser punido por possuir desejos recalcados e proibidos. Nessa medida, esses sonhos se enquadram no requisito estabelecido pelo autor de que a força propulsora para a formação do sonho seja fornecida por um desejo pertencente ao inconsciente. Entretanto, estes sonhos diferem de outros sonhos de desejo. Nos casos que formam o grupo B, o desejo instigador do sonho é inconsciente e pertence ao recalcado, já nos sonhos de punição, mesmo se tratando de um desejo inconsciente, Freud considera ele pertencente não ao recalcado, mas ao “ego”. Os

sonhos de punição, portanto, nos indicam a possibilidade de que o ego possui uma participação relevante na formação dos sonhos.

A característica essencial dos sonhos de punição, seria que o desejo formador do sonho não é um desejo inconsciente derivado do recalçado, do sistema *Ics.*, mas um desejo punitivo que reage contra este e pertence ao ego, embora seja, ao mesmo tempo, um desejo inconsciente, ou seja, pré-consciente².

A partir do exposto, foi possível a Freud (1900/1996) explicar de modo mais preciso o papel desempenhado nos sonhos pelo desejo inconsciente. Passa a sustentar a existência de toda uma classe de sonhos cuja instigação surge dos restos da vida diurna. A força impulsora requerida pelo sonho é suprimida por um desejo e cabe aos restos diurnos se apoderarem de um desejo que atua como força propulsora do sonho. Assim, um desejo inconsciente é estimulado pela atividade diurna formando um sonho. Do mesmo modo, existem sonhos que são sustentados por mais de um desejo onírico.

O terceiro elemento de comparação empregado por Freud (1900/1996), a saber, a quantidade de energia psíquica posta à disposição para formação do sonho, admite uma explicação mais detalhada. Na maior parte dos sonhos é possível identificar um ponto central marcado por uma intensidade sensorial. Tal ponto central é a representação direta da realização de desejo, pois, ao se desfazer os deslocamentos produzidos pelo trabalho do sonho, percebe-se que a intensidade psíquica dos elementos dos pensamentos oníricos foi substituída pela intensidade sensorial dos elementos do conteúdo do sonho propriamente dito. Aqueles elementos que se situam nas proximidades da realização de desejo, em diversos casos nada tem a ver com seu sentido, mas derivam de pensamentos aflitivos que são contrários ao desejo. Entretanto, pelo fato de se encontrarem em uma relação artificialmente estabelecida com o elemento central, adquirem intensidade suficiente para se tornarem capazes de serem representados no sonho. O poder que a realização de desejo tem de promover a representação, difunde-se por certa esfera a seu redor, dentro da qual todos os elementos adquirem força para se representarem. Nos casos de sonhos acionados por vários desejos, as lacunas do sonho podem ser encaradas como zonas fronteiriças entre essas esferas.

Os restos diurnos, salienta Freud (1900/1996), são um ingrediente essencial na formação dos sonhos, visto que, no conteúdo de todo sonho, se identifica algum vínculo com uma impressão diurna recente. A partir de sua experiência clínica com as neuroses, Freud percebeu que uma representação inconsciente, como tal, é incapaz de penetrar no pré-

² Em uma nota acrescentada em 1930 por Freud, podemos perceber que este seria o local apropriado para uma referência ao superego, uma das postulações teóricas posteriores de Freud.

consciente, e apenas exerce neste um efeito estabelecendo um vínculo com uma representação que já pertença ao pré-consciente, transferindo para ela sua intensidade e ficando encoberta por ela. É neste ponto que o autor insere a questão da transferência. A representação pré-consciente, pode ser deixada inalterada pela transferência ou ser forçada a uma modificação derivada do conteúdo da representação que efetua a transferência. O inconsciente prefere efetuar suas ligações em torno de impressões e representações pré-conscientes que sejam indiferentes e as quais não se tenha dado atenção ou que tenham sido rejeitadas e, assim, perdido a atenção que lhes era dedicada.

Freud (1900/1996) transpõe essa relação para o estudo dos sonhos, visto que nestes, essa mesma necessidade de transferência por parte das representações recalçadas ocorre. Assim, dois enigmas do sonho são solucionados, a saber, o fato de que toda análise de um sonho acaba por revelar o entrelaçamento de alguma impressão recente em sua trama e que tal elemento recente é frequentemente do tipo mais banal. Isto ocorre, pois, estes elementos recentes sofrem menos influência da censura imposta pela resistência. Ambos os grupos de impressões atendem à exigência do recalçado, o qual demanda um material ainda livre de associações – as indiferentes, por não darem margem à formação de vínculos, e as recentes, por não terem tido tempo de se estabelecerem. Os restos diurnos não apenas tomam emprestado algo do *Ics.* quando conseguem participar da formação de um sonho, mas também oferecem ao inconsciente o ponto de ligação necessário para uma transferência. O autor acrescenta mais uma observação acerca dos restos diurnos. Eles são os verdadeiros perturbadores do sono, e não os sonhos, os quais seriam seu protetor.

3.3.1. Os Processos Primário e Secundário

Compreendemos que a oposição entre o processo primário e o processo secundário é fundamental para o entendimento da oposição entre os dois modos de circulação da energia psíquica. Assim, gostaríamos de apontar para o aspecto energético presente na descrição desses dois processos, os quais já estavam presentes desde o início da prática clínica e teoria de Freud.

Contemporânea à descoberta do Inconsciente é a distinção efetuada por Freud (1900/1996) entre o processo primário e o processo secundário. Ainda em seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica*, Freud aborda pela primeira vez a distinção entre os processos primários e secundários. Entretanto, foi em *A Interpretação dos Sonhos* que o autor distingue esses dois processos psíquicos na formação dos sonhos. Um que elabora os pensamentos oníricos que se assemelham ao pensamento normal, e outro que equivale a tratativa dada a

esses pensamentos, os quais são irracionais.

Percebe-se que Freud (1900/1996), passa estabelecer certa identidade entre os processos que formam os sonhos e os sintomas histéricos, buscando justificar a transposição para o sonho da tese onde sustenta a necessidade do desejo infantil recalçado para a produção de tais processos. Para isso, Freud retorna ao seu esquema metapsicológico, com o intuito de enunciar a formulação dos processos primário e secundário. Percebemos que tais concepções possuem um precedente histórico, da clínica dos sintomas neuróticos, além da referência ao *Projeto*. A estes suportes, se acrescenta o sonho. O fato dos sonhos serem hipermnésicos e possuírem acesso ao material da infância dos sujeitos tornou-se um dos pilares da teoria dos sonhos, visto que tal teoria encara os desejos oníricos infantis como a principal força geradora para a formação destes. Assim, percebe-se que Freud não abandonou a relação existente entre os sonhos e os distúrbios psíquicos, apenas estabeleceu essa relação em novas bases.

Freud (1900/1996) apresenta o processo psíquico relacionado ao primeiro sistema, o qual se caracteriza pelo escoamento da energia, como processo primário, enquanto o processo que se relaciona ao segundo sistema e é caracterizado pela inibição que ele exerce nas excitações, é nomeado como processo secundário. O processo primário visa uma descarga da excitação, com vistas a estabelecer uma “identidade perceptiva”, com a vivência de satisfação e com a ajuda da quantidade de excitação acumulada. Já o processo secundário, abandonou essa intenção e adotou outra em seu lugar, a saber, o estabelecimento de uma “identidade de pensamento”. O pensar, a partir deste viés, não passaria de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação até um investimento idêntico da mesma lembrança que se espera atingir novamente por intermédio das experiências motoras. Percebe-se que, a distinção entre o sistema primário e secundário e o modo de funcionamento psíquico atua de forma diferente neles, sendo assim, os conceitos mais fundamentais da obra freudiana. Como bem pontuado por Strachey em uma nota de rodapé, ambos os sistemas estão associados com a teoria de que a energia psíquica ocorre de duas maneiras: “livre” ou “móvel”, como ocorre no *Ics.*, e “ligada” ou “quiescente”, como ocorre no *Pcs.* Esta questão é bem trabalhada por Freud no fim da primeira seção da parte III do *Projeto* (1950[1895]/1996).

Freud (1900/1996) postula que, os processos irracionais que acontecem no aparelho psíquico equivalem aos processos primários. Eles surgem sempre que as representações são deixadas de lado pelo investimento do Pré-consciente, podendo ser carregadas com a energia não inibida do inconsciente, que luta para escoar. Assim, percebemos que a transição da excitação pré-consciente para a motilidade é regida pelos mesmos processos.

Freud (1900/1996), ao postular a existência de dois tipos de processos de excitação ou modos de descarga, busca corrigir algumas concepções que poderiam levar a interpretações errôneas ao se pensar os dois sistemas como duas localizações no aparelho psíquico. O que Freud tem em vistas é apresentar a noção de um pensamento inconsciente que busca transmitir-se para o pré-consciente, de modo a poder penetrar na consciência. A questão de irromper na consciência, segundo o autor, precisa ter isso em vistas, manter-se livre de qualquer ideia de uma mudança de localização.

Freud (1900/1996), então, reafirma a questão econômica de sua metapsicologia, salientando que um investimento de energia é ligado a um determinado agrupamento psíquico ou retirado dele, de modo que a estrutura em questão fica sob influência de determinada instância ou é subtraída dela. Assim, Freud substitui um modo tópico de representar os fatos por um modo dinâmico. O que é considerado móvel não seria a própria estrutura psíquica, mas sua inervação³.

Entretanto, percebe-se que a representação topológica do aparelho psíquico não é totalmente abandonada por Freud (1900/1996), visto que o autor a justifica na medida em que tem em mente seu limite epistêmico. Isso fica claro na afirmação feita pelo autor de que irá prosseguir com o uso da imagem figurada dos dois sistemas. Assim, as representações, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encarados como localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas, entre eles, onde as resistências e facilitações fornecem os correlatos correspondentes. Neste sentido, tudo aquilo que é objeto da percepção interna é virtual, e uma analogia entre uma imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos é efetuada. Prossegue com tal analogia na comparação da censura entre dois sistemas com a refração que ocorre quando o raio de luz passa para um novo meio.

Em (1940[1938]/1996) Freud salienta que sua descrição do aparelho psíquico e as energias que nele são ativas, organizam-se em uma função fisiológica que serve ao propósito de preservação da espécie. Esse aparelho e suas energias são as bases das funções descritas como a vida mental. A consciência, por sua vez, é algo exclusivamente característico do psíquico.

Freud (1900/1996) assim, contextualiza as formulações psicológicas em relação a outras concepções teóricas que existiam sobre o assunto. É visível seu distanciamento com a

³ Em 1925 o autor acrescenta uma nota onde afirma ter sido necessário elaborar e modificar essa visão, em decorrência de ter reconhecido que o traço essencial de uma representação pré-consciente é o fato de estar ela ligada a restos de representações de palavras.

filosofia, a qual atribui uma identificação do psiquismo com o consciente. Os sonhos e as neuroses, pontua Freud, se impõem ao médico como uma prova do contrário, visto que existem processos que ocorrem sem que a consciência seja excitada. Neste sentido, o médico pode avançar do efeito do inconsciente sobre a consciência, mediante um processo de inferência.

Em relação a consciência, Freud (1900/1996), lhe caracteriza como: “Apenas o de um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas” (p.637), que estaria voltado para o mundo externo, recebendo as qualidades provindas do sistema perceptivo, assim como para o interior do aparelho psíquico. Tudo isso, através das qualidades da série prazer-desprazer, decorrentes de alterações quantitativas dos processos em curso. Aqui, percebemos o princípio da hierarquia das instâncias, a qual rege a estrutura do aparelho. O material excitatório é dirigido para o órgão sensorial da *Cs.* vindo de duas direções, a saber, do sistema *Pcpt.*, onde a excitação, determinada por qualidades, é submetida a uma nova revisão antes de se converter em uma sensação consciente, e, também, do interior do aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos como uma serie de qualidades de prazer-desprazer quando penetram na consciência.

A percepção pelos órgãos sensoriais possui como resultado dirigir um investimento de atenção para as vias pelas quais a excitação sensorial adveniente é propagada. A excitação qualitativa do sistema *Pcpt.* atua como um regulador da descarga da quantidade móvel no aparelho psíquico, salienta Freud (1900/1996). A mesma função é atribuída ao órgão sensorial sobreposto do sistema *Cs.* Percebendo novas qualidades, ele direciona as quantidades móveis de investimento e a sua distribuição como lhe convenha. Com o auxílio da percepção de prazer-desprazer, ele exerce influência na circulação dos investimentos dentro do aparelho inconsciente que atua mediante os deslocamentos de quantidades. Agora, percebemos o advento da regulação dos investimentos a partir de uma nova série de qualidades. Assim, a associação dos processos de pensamento, inconscientes, com recordações de palavra, cujos restos de qualidade são suficientes para atrair a atenção da consciência e a partir dela proporcionar ao pensar um novo investimento móvel.

A questão da consciência faz com que Freud (1900/1996) se refira a histeria novamente. Isso, para discernir a existência de uma censura entre o *Ics.* e o *Pcs.* Essa censura, apenas passa a operar acima de um limite quantitativo, de modo que as estruturas de pensamento de baixa intensidade escapam. Assim, caminhando para o fim de sua obra, Freud busca o valor teórico do estudo dos sonhos a partir das contribuições que ele faz ao conhecimento psicológico e no esclarecimento de certas questões relativas as psiconeuroses.

Por fim, em relação à questão da realidade, Freud nos indica que depois de demonstrar a existência de desejos inconscientes, deve-se supor que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material.

3.4. OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL

Após o resgate dos principais conceitos que tornaram possível a Freud formular sua metapsicologia a partir da estrutura do aparelho psíquico, torna-se relevante citar que em 1911 o autor, após um intervalo de mais de dez anos, volta a empreender o exame das hipóteses teóricas gerais que estavam implícitas em suas descobertas clínicas. Sua primeira tentativa ocorreu em seu *Projeto*, em uma terminologia neurológica. O capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* foi outra tentativa de Freud de efetuar este exame, mas, desta vez, em termos puramente psicológicos.

Com a publicação do artigo *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, Freud (1911/1996) volta a examinar os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade, os quais designam dois princípios que regem o funcionamento do aparelho psíquico. O primeiro destes princípios equivale aos processos inconscientes (processos primários), buscando proporcionar prazer e evitar o desprazer, evitando qualquer evento que possa despertar desprazer, caracterizando o recalque. Já o princípio de realidade regula a busca pela satisfação ao levar em conta as condições da realidade externa que se impõe a ele. Neste processo, ocorre a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade.

Este artigo demonstra ser uma espécie de revisão de suas formulações fundamentais anteriores e, parece servir de base para os principais exames teóricos que estavam adiante, em seus artigos sobre o narcisismo e em grande parte dos artigos metapsicológicos. A presente exposição é extremamente condensada, não sendo de fácil assimilação, onde o tema principal da obra é a distinção entre os princípios reguladores (o princípio de prazer e o princípio de realidade) que prevalecem os processos mentais primário e secundário.

A regulação prazer-desprazer evidencia a concepção econômica de um aparelho mental orientado pelo aumento ou pela diminuição das quantidades de excitação. Percebemos que em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), o princípio de prazer-desprazer era citado por Freud como princípio do desprazer. Agora, em 1911, este conceito nos é apresentado na articulação entre os processos conscientes e inconscientes.

Percebe-se que o princípio de realidade é agora acrescido ao modo de funcionamento psíquico. A introdução de tal princípio realiza transformações no ego e faz com que Freud (1911/1996) retome questões já trabalhadas em *A Interpretação dos Sonhos* ao sugerir que o

estado de repouso psíquico foi perturbado pelas exigências das necessidades internas. Quando isso ocorreu, tudo aquilo que tenha sido desejado foi apresentado de um modo alucinatório, tal como ocorre com nossos pensamentos no estado de sono, sendo este capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade, visto que uma das características do sono é uma rejeição da realidade externa.

Foi a partir da ausência de satisfação imediata que ocorre o abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. De acordo com Freud (1911/1996), o aparelho psíquico precisou decidir ter uma real concepção do mundo externo e busca efetuar nelas uma alteração real. Assim, um novo princípio de funcionamento mental foi introduzido. O que se apresenta na mente agora, é o real, mesmo que seja desagradável. É deste modo que se estabelece o princípio de realidade. A tais questões, Freud acrescenta que a criança com mais idade aprende a empregar intencionalmente as manifestações de descarga como meios de expressar suas emoções. Assim, o predomínio do princípio do prazer apenas finda quando a criança atinge um desligamento psíquico dos pais. Freud agora amplia seu quadro esquemático ao afirmar que um sistema que vive de acordo com o princípio do prazer possui dispositivos que o capacitem a se afastar dos estímulos da realidade. Tais dispositivos são o correlato do recalque, o qual trata os estímulos desagradáveis internos como se fossem externos, empurrando-os para o mundo externo.

Estas novas exigências expostas por Freud (1911/1996) efetuaram uma sucessão de novas adaptações no aparelho psíquico. A significação crescente da realidade externa eleva a importância dos órgãos sensoriais, que se encontram dirigidos para o mundo externo, e da consciência a eles ligada. A consciência, por sua vez, aprende a abranger as qualidades sensoriais, além das qualidades de prazer e desprazer que até então lhe aviam interessado. Institui-se uma função especial: a função da atenção. Sua atividade encontra as impressões sensoriais a meio caminho, ao invés de esperar seu aparecimento. Ao mesmo tempo introduziu-se um sistema de notação, onde sua tarefa era assentar os resultados dessa atividade periódica da consciência, uma parte do que é denominado de memória.

O lugar do recalque, que excluía do investimento como produtoras de desprazer algumas das ideias emergentes, foi assumido por uma passagem de julgamento imparcial, que tinha de decidir se determinada se encontrava de acordo com a realidade ou não. Tal decisão era determinada ao se efetuar uma comparação com os traços de memória da realidade. Uma nova função é então atribuída à descarga motora, a qual sob o domínio do princípio do prazer, serve como meio de aliviar o aparelho mental de adições de estímulos. Realiza essa tarefa ao enviar inervações para o interior do corpo. A descarga motora foi assim empregada na

alteração da realidade, sendo transformada em ação.

A coibição da descarga motora (da ação) foi possível graças ao processo do pensar, o qual se desenvolveu a partir da apreensão de ideias. O pensar foi atribuído de características que tornaram possível ao aparelho mental suportar um aumento de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado. Ele é um tipo de atuação acompanhado por deslocamento de pequenas quantidades de investimento, junto com menos descarga destas. Para isto, foi necessária a transformação de investimentos livres móveis em investimentos vinculados que se conseguiu a partir elevação do nível de todo processo de investimento. Para Freud (1911/1996), é provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, visto que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até ter-se ligado a resíduos verbais.

A tendência do aparelho mental, que foi remontada por Freud (1911/1996) ao princípio econômico de poupar energia, encontra expressão na tenacidade com que nos apegamos as fontes de prazer que estão à disposição. Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies da atividade do pensamento foi separada. Ela foi então, liberada no teste de realidade permanecendo subordinada ao princípio do prazer. Essa atividade descrita por Freud é o fantasiar, o qual se inicia nas brincadeiras infantis, e posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais.

Já a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, não ocorre de repente. As pulsões sexuais se comportam auto-eroticamente a princípio, obtendo satisfação do próprio corpo do sujeito, não se encontrando, portanto na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade. Quando, mais a frente, começa o processo de encontrar um objeto, ele é interrompido pelo período de latência que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores, auto-erotismo e período de latência, fazem com que a pulsão sexual seja interrompida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça mais tempo sob o domínio do princípio de prazer, do qual, em muitos, nunca é capaz de afastar-se. Tais questões, expostas por Freud, equivalem aos acréscimos em sua metapsicologia que só puderam ser efetuados após seu exame da pulsão sexual e das perversões. Essas questões não foram abordadas pelo autor nos textos aos quais nos detemos na presente pesquisa. Mas, sabe-se que estas noções foram trabalhadas e desenvolvidas por ele em seus *Três Ensaio*s de 1905.

Assim, percebe-se que Freud (1911/1996), efetua um vínculo estreito entre a pulsão sexual e a fantasia. Entre as pulsões do ego e as atividades da consciência. A quantidade do auto-erotismo é o que torna possível reter por tanto tempo a satisfação momentânea e imaginária em relação ao objeto sexual, em lugar da satisfação real, a qual exige esforço e

adiamento. No campo da fantasia, o recalque permanece forte, ocasionando a inibição de ideias *in statu nascendi* antes que possam ser notadas pela consciência, se o investimento destas tiver chance de ocasionar uma liberação de desprazer. Este é o ponto fraco de nossa organização psíquica, salienta Freud, v isto que ele pode ser empregado para restituir ao domínio do princípio de prazer processos de pensamento que já haviam se tornado racionais. Uma parte essencial da disposição psíquica à neurose reside na demora em ensinar as pulsões sexuais considerar a realidade.

“Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo o que é *útil* e resguardar-se contra danos” (Freud, 1911/1996, p. 242). O que Freud quer nos dizer com esta asserção é que a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas sim sua proteção. Um prazer momentâneo é abandonado, com o intuito de ganhar, mais tarde, ao longo de um novo caminho, um prazer seguro.

Enquanto o ego efetua suas transformações, de ego-prazer para ego-realidade, as pulsões sexuais se alteram, levando ao auto-erotismo original, através de diversas fases intermediárias, ao amor objetal a serviço da procriação. É por conta desta constatação que Freud (1911/1996) passa a sustentar que a escolha da neurose depende da fase específica de desenvolvimento do ego e da libido na qual a inibição disposicional do desenvolvimento ocorreu. Assim, uma significação não esperada se liga aos aspectos cronológicos dos dois desenvolvimentos e a possíveis variações em sua sincronização.

Uma notável característica dos processos inconscientes recalcados se deve ao seu desprezo pelo teste de realidade. Eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização, com o fato, tal como ocorre sob o domínio do antigo princípio de prazer. É disto que decorre a dificuldade em se distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes. Assim, Freud (1911/1996) nos demonstra a importância das fantasias na formação dos sintomas. Com estas observações sobre as consequências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade, Freud (1911/1996) buscou reforçar o predomínio do princípio de realidade.

Do ponto de vista dinâmico, com as formulações apresentadas por Freud (1911/1996) neste momento de sua obra, compreende-se que os princípios de prazer e de realidade se baseiam em pulsões sexuais e de auto-conservação, efetuando assim, uma vinculação entre a pulsão sexual e a fantasia, ou seja, entre a pulsão de auto-conservação e as atividades do ego.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Buscamos evidenciar, ao longo do presente capítulo, o modo como Freud formalizou sua tese sobre a existência de um aparelho psíquico. O autor estabelece sua metapsicologia como a definição do psiquismo sob as dimensões tópica, dinâmica e econômica. Percebe-se que há uma estreita relação entre tais aspectos metapsicológicos e, a interdependência destes salta aos olhos quando Freud efetua uma distinção entre os sistemas psíquicos de acordo com o modo de investimento de energia pulsional. Assim, a relação entre os três aspectos se evidencia quando Freud começa a descrever a dinâmica do aparato psíquico como resultado das forças pulsionais que nele habitam.

Primeiramente, buscamos compreender a tese freudiana sobre a existência de um aparelho psíquico, quando o autor passa a se referir as localidades psíquicas. Comparado com um instrumento composto, Freud começa a denominar de instâncias ou sistemas as partes desse aparelho. Essas instâncias possuem uma relação espacial entre si e a excitação atravessa essas instâncias em uma sequência temporal. O aparelho psíquico, descrito por Freud, possui a função de receber e descarregar os estímulos. Quando nos encontramos no estado de sono, a extremidade motora desse aparelho alucina, por meio da regressão, as reações aos estímulos que ocorreriam na atividade desperta. Portanto, este aparelho possui uma direção, onde toda atividade psíquica inicia por estímulos internos ou externos terminando em inervações. Assim, essa transmissão de energia nos indica um processo econômico que tende à descarga. A noção de regressão, abordada por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* se apresenta como o modo de representação topográfica do aparelho psíquico.

Prosseguimos com as concepções sobre o trabalho do sonho que foram fundamentais para Freud formalizar a dinâmica do psiquismo. A divisão tópica do aparelho psíquico em instâncias implicava na suposição da ocorrência de conflitos que dotam o psiquismo de seu caráter dinâmico, concebendo os processos psíquicos como resultado de um conflito de forças pulsionais entre tais instâncias. Esse conflito de forças fica marcado em Freud (1900/1996) a partir de sua definição de inconsciente. Para além disso, buscamos resgatar o modo como o autor formaliza seu quadro esquemático do aparelho psíquico, ao descrevê-lo desde seus primórdios. No princípio, o aparelho psíquico busca se manter livre de qualquer estímulo. Assim, qualquer excitação sensorial que incide nele pode ser descarregada pela via motora. Contudo, as grandes necessidades somáticas o confrontam e a excitação provinda de uma necessidade interna não se esgota com uma descarga pela via motora. Necessita-se de auxílio externo para chegar a uma experiência de satisfação que coloque fim ao estímulo externo desprazeroso. Quando o estímulo interno ligada a uma necessidade for novamente

despertado, surge uma moção psíquica que reinveste a imagem mnêmica da percepção restabelecendo a situação da satisfação original. É justamente essa moção que Freud define de desejo.

Buscamos ainda, estabelecer a dinâmica do psiquismo a partir do trabalho do sonho, o qual Freud (1900/1996) passa a definir neste momento de sua obra. O deslocamento e a condensação são os exemplos primordiais da dinâmica psíquica. O deslocamento é definido por Freud como um processo pelo qual determinada carga afetiva se transfere de um objeto para outro, por meio do deslizamento de energias de investimento ao longo das vias associativas. Já a condensação, é o processo pelo qual a energia psíquica escoia de modo livre passando de uma representação para a outra. Assim, uma representação única funciona como um ponto comum entre diversas cadeias associativas de representações. A interação desses dois mecanismos observados por Freud (1900/1996) evidencia a censura como sendo responsável pela deformação ocorrida nos pensamentos latentes através do trabalho do sonho. Percebe-se que a definição de censura que o autor efetua a concebe como uma função exercida na fronteira entre as duas instâncias psíquicas, o *Ics.* e o *Pcs./Cs.*

Seguimos, buscando formalizar o ponto de vista econômico da metapsicologia. A partir do trabalho com o sonho, Freud (1900/1996) passa a perceber a existência de uma energia psíquica de origem sexual que funciona de acordo com um fator quantitativo, caracterizando os investimentos de afeto nos objetos de desejo. Recorremos a teoria onírica para compreender que o sonho possui a tarefa de recolocar sob o controle do pré-consciente a excitação provinda do inconsciente. Assim, o sonho tem como função ser uma válvula de escape, além de preservar o sono do pré-consciente. Seguindo nesta linha, foi possível inferir que tanto como os sintomas, o sonho constitui uma formação de compromisso por servir aos dois sistemas. O estudo dos sonhos, portanto, foi se tornando uma via de compreensão da estrutura e funcionamento do aparelho psíquico, justamente porque demonstram que o suprimido existe em todos os indivíduos.

A descrição dos processos primários e secundários também foi fundamental para nosso entendimento acerca da economia psíquica. Freud (1900/1996) apresentou o processo primário, relacionado ao sistema *Ics.*, como um processo psíquico que se caracteriza pelo escoamento de energia, pela descarga de uma excitação que possui o objetivo de estabelecer uma identidade perceptiva, com a vivência de satisfação. Quanto ao processo secundário, pertencente ao sistema *Pcs./Cs.*, foi possível depreender que ele busca estabelecer uma identidade de pensamento. Portanto, o sistema primário e o secundário se associam com o ponto de vista econômico onde a energia psíquica percorre o aparelho psíquico de uma

maneira “livre”, como ocorre no Inconsciente, ou de uma maneira “ligada” como ocorre no pré-consciente. Chegando ao fim de *A Interpretação dos Sonhos* Freud (1900/1996) passa a caracterizar a consciência como um órgão sensorial que está voltado para o mundo externo, o qual recebe estímulos vindos do sistema perceptivo e também do interior do próprio aparelho psíquico. Assim, compreende-se o princípio da hierarquia das instâncias que rege a estrutura do aparato anímico.

Percebemos que o trabalho de Freud com os sonhos foi fundamental para que o autor vislumbrasse a existência de duas instâncias psíquicas, a saber, o Inconsciente e o Pré-consciente. Deste modo, o sistema *Pcs.* é descrito como uma tela entre o sistema *Ics.* e a consciência. O primeiro possui a função de barrar o acesso a consciência, possuindo uma energia de investimento móvel. Com este percurso efetuado, podemos concluir que a composição da teoria onírica forneceu as bases conceituais para a construção da própria psicanálise em seus aspectos metapsicológicos, isto é, tópico, dinâmico e econômico.

Finalizamos o presente capítulo com a análise do exame efetuado por Freud (1911/1996) das hipóteses teóricas que estavam implícitas em seu trabalho com a clínica. Nas *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* Freud reexamina, sob outro viés, os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade como os dois princípios que governam o funcionamento do aparelho psíquico. A leitura deste artigo foi fundamental para estabelecermos a base de pesquisas futuras, pois serve como uma espécie de guia para as futuras conceituações teóricas de Freud sobre seus artigos metapsicológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de Verão. Mas no fundo isso não tem muita importância. O que interessa mesmo não são as noites em si, são os Sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre. Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.
(William Shakespeare)

Percorremos um longo percurso teórico até este momento e, agora, torna-se relevante retomarmos a questão que buscamos investigar inicialmente. Partimos de um ponto inicial onde o trabalho com a clínica psicanalítica suscitou diversas questões sobre o manejo de interpretação dos sonhos. Tomando a questão de um modo amplo, pretendia-se compreender qual a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho, com o intuito de resgatar o percurso do autor na construção da teoria onírica.

Iniciamos nosso percurso efetuando uma pesquisa do estado da arte em bancos eletrônicos de trabalhos do Google Acadêmico, do SciELO e de algumas universidades brasileiras. Buscamos estar cientes sobre o que vinha sendo produzido acerca da teoria dos sonhos proposta por Freud. Nesse trajeto, foi surpreendente perceber que pouco vinha sendo produzido sobre o tema nos programas de Pós-Graduação do país. Quase não encontramos dissertações e teses que se propunham investigar a teoria do sonho formulada por Freud.

Percebemos, a partir da leitura de alguns autores, que a teoria dos sonhos e a própria metapsicologia freudiana poderiam estar caindo em desuso. Um dos autores que nos apontou essa curiosa questão foi Cardoso (2017) que também observou que pouco se escuta sobre o termo metapsicologia atualmente e, as referências a ele estariam cada vez mais escassas, como se estivesse tornado objeto de uma espécie de esquecimento. Fato que também observamos em relação a teoria dos sonhos. Isto posto, nos parecia que o contexto de esquecimento da teoria onírica e do declínio das publicações sobre o tema, repetiam o contexto que justificava a necessidade da descoberta freudiana do inconsciente, como pontua Cardoso (2017), pois associam a sutura do inconsciente ao descrédito da dimensão propriamente metapsicológica da orientação freudiana.

Parece-nos interessante destacar agora, um aspecto deste estudo que se encontrava presente desde nossa introdução. Conforme demonstramos, o ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo Coronavírus e o tema dos sonhos, neste contexto, retornou ao debate acadêmico. O sonho passou a ser entendido como uma tentativa de reparação, transformação e criação psíquica diante da catástrofe, podendo, segundo Pereira e Coelho Jr. (2021)

despertar representações recalçadas, quando inaugura uma condição de representação que pode se tornar inibida diante do terror e do risco do traumático. Os sonhos, mesmo os de angústia e os de repetição, seriam formas de resistência contra a dessubjetivação “são formas de autocura e de busca pela ampliação das formas de vida, principalmente em um momento como o que vivemos, marcado pela redução e pelo encolhimento de movimentos, ações e desejos” (2021, p.15).

Pereira e Coelho Jr. (2021) pontuam que no sonhar, a função de realização de desejos pode somar-se a de tratamento do potencial traumático. A coleção de sonhos efetuada pelos autores, permitiu analisar o trabalho onírico como um modo de processamento de tudo aquilo que o contato com a morte nos faz sentir, reconhecendo a potência para transformar a objetividade não mediada do evento da dor em uma experiência subjetiva e coletiva de sofrimento, além de ocasionar o restabelecimento do desejo e do prazer. Uma das hipóteses dos autores é que existem sonhos que podem ser tentativas de apropriação e figuração de experiências que lidam com as forças destrutivas, e não com as formas de negação típicas do recalque. Seriam retornos de marcas cindidas, de traumas precoces e da experiência com a catástrofe.

A partir das leituras acerca dos sonhos no contexto de pandemia, também pudemos constatar algo curioso: a relação dos sonhos com a sexualidade praticamente não aparece nos artigos que tratam sobre o processo onírico. Se na teoria freudiana fica fortemente demarcado a relação entre a sexualidade e o sonho, o que está sendo esquecido atualmente?

Foi interessante perceber que, a despeito da baixa produção teórica sobre a teoria dos sonhos constatada no início de nossa pesquisa, autores atuais, como Ianinni et al. (2021) passaram a salientar que conceitos freudianos como os gestados na sua teoria dos sonhos, conceitos centenários, podem na atualidade, nos fornecer subsídios para melhor compreender os efeitos atuais da pandemia.

Tendo em vista essas constatações, percebemos que o sonho pode ser um objeto de estudo racional de suma importância para a compreensão da mente humana. A psicanálise marca um retorno das práticas oníricas da Antiguidade ao ver o sonho como uma ferramenta para conhecermos nosso mundo simbólico. Concordamos com Ribeiro (2019) que a maior contribuição de Freud neste sentido, foi recolocar os sonhos no centro da vida humana partindo da observação de que eles são reveladores da estrutura da mente dos sujeitos.

Iniciamos a presente dissertação acompanhando o interesse de Freud pelo tema dos sonhos desde o início de sua obra, partindo dos estudos pré-psicanalíticos. Nossa decisão foi pautada no fato de que a teoria dos sonhos de Freud teve seu ponto de partida em ideias mais

antigas que o autor, ulteriormente, desenvolveu. Acreditamos que qualquer história a seu respeito da teoria onírica deve, assim, iniciar com uma descrição das influências que determinaram sua origem, não podendo desprezar as circunstâncias que precederam sua criação.

Assim, em nosso primeiro capítulo, buscamos evidenciar o trabalho de Freud com Charcot, Berheim e Breuer, para que fosse possível demarcar as primeiras elaborações de Freud sobre o trabalho do sonho. Compreendemos que a psicanálise surgiu em um campo muito restrito. Seu objetivo, no início, era compreender a natureza das doenças nervosas funcionais, com vistas a superar a impotência que caracterizava seu tratamento. O estudo dos sonhos ocupou um lugar de destaque na clínica psicanalítica desde seus primórdios. Freud não se satisfazia com os estudos de sua época acerca dos sonhos. Para ele os progressos científicos não eram suficientes e mesmo os autores que examinou não deram uma explicação da natureza dos sonhos ou solucionaram seus enigmas. Freud (1900/1996) percebe que a visão médica da época não deixava margem para se atribuir qualquer função ao sonhar, por caracterizarem os sonhos apenas do ponto de vista somático.

Freud não recuava frente às inúmeras críticas que recebia. Prosseguiu, firmemente enfatizando a importância do fenômeno onírico tanto para a clínica, quanto para a teoria psicanalítica. Ele estudou exaustivamente tais fenômenos até que fosse possível extrair respostas para as perguntas que o instigavam desde o princípio, quando ainda trabalhava próximo a Charcot, Bernheim e Breuer, sobre qual seria a natureza do sonho. A partir de sua crescente experiência clínica e com o impressionante acervo de sonhos que coletou e analisou, foi chegando à conclusão que estes são fenômenos puramente psíquicos. Tanto quanto os sintomas psiconeuróticos, servem como um modo de lidar com o conflito, são considerados uma formação de compromisso e podem ser analisados e interpretados.

Compreendemos que o estudo dos sonhos foi fundamental para a descoberta do Inconsciente. A partir das formulações de Freud (1924[1923]/1996), tornou-se algo concreto e tangível, sujeito a experimentação, a partir dos fenômenos do hipnotismo. Estes, demonstravam uma grande semelhança com as manifestações de algumas neuroses. Assim, percebemos que a importância do papel do hipnotismo na origem e história da psicanálise é imensurável. Tanto de um ponto de vista teórico quanto terapêutico, a psicanálise herdou do hipnotismo um grande legado.

O abandono da hipnose, segundo Freud (1924[1923]/1996), ocasionou uma brecha no desenvolvimento do procedimento até então, significando um novo começo. Percebe-se que neste sentido, o trabalho de interpretação dos sonhos pode ser o sucessor da técnica hipnótica

e o precursor da associação livre.

Os estudos de Freud sobre os fenômenos de divisão da consciência, observados graças ao hipnotismo, demonstraram ao autor a existência de um conflito entre dois grupos de tendências mentais que passou a ser encarado como o fundamento para o processo de recalque, além de ser considerado a causa das enfermidades neuróticas. Esse processo, posteriormente descrito por Freud (1900/1996) como uma formação de compromisso, também foi observado nos sonhos. Entendemos que os fenômenos de divisão da consciência foram de extrema importância para que o autor pudesse, futuramente, efetuar conceituações sobre a teoria dos sonhos e da estrutura do aparelho psíquico.

Percebemos que as reflexões de Freud em relação à distribuição energética do sistema nervoso, também possuíam uma estreita relação com a teoria dos sonhos erigida pelo autor. Buscamos compreender a concepção quantitativa derivada das observações clínicas patológicas no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]/1996). Neste texto inacabado, Freud descreve os processos de estímulo, substituição, conversão e descarga, sugerindo uma concepção da excitação neural como uma quantidade em estado de fluxo. Neste artigo, Freud começa a descrever os processos primários e secundários, salientando que o sonho é um dos exemplos primordiais do processo primário, passando assim, a definir o trabalho do sonho propriamente dito. Neste contexto, também buscamos destacar a importância da sexualidade infantil para a teoria psicanalítica, visto que, assim como os sintomas, o sonho é um retorno das experiências mais primitivas dos sujeitos.

O interessante neste percurso inicial foi que ao produzirmos essa investigação, ficou claro que a composição da teoria dos sonhos forneceu as bases teóricas para a construção da própria psicanálise em seus aspectos metapsicológicos, isto é, tópico, dinâmico e econômico.

A experiência de Freud com a hipnose forneceu os subsídios para a concepção dinâmica do aparelho psíquico, visto que passou a supor a existência de forças psíquicas que se comunicam por meio das defesas e resistências. Os fenômenos hipnóticos evidenciaram que as representações inconscientes preservam sua capacidade de influenciar a atividade consciente. Neste sentido, Freud avança de uma concepção descritiva do Inconsciente para uma concepção dinâmica.

A partir da análise de Freud sobre a divisão da consciência, percebemos a inserção do ponto de vista tópico da teoria, visto que o psiquismo começa a ser definido como um aparelho, passível de ser visualizado e figurado espacialmente, tornando possível uma diferenciação das instâncias psíquicas que compõem esse aparelho.

A descrição econômica fica evidente quando Freud salienta que deve ocorrer uma

distinção de uma carga de afeto, ou soma de excitação, que possui as características de uma quantidade. Foi a descrição econômica do afeto que priorizou este aspecto quantitativo. Freud passou a supor que os processos que ocorrem no aparelho psíquico possuem quantidades definidas de energia de ordem sexual. O objetivo desse aparelho, portanto, é impedir o represamento de tais energias mantendo mais baixo possível o volume das excitações com que ele se encontra carregado.

Esperamos ter demonstrado, no primeiro capítulo dessa dissertação, que os estudos pré-psicanalíticos, com a hipnose, divisão da consciência e a distribuição energética do sistema nervoso tratada por Freud no *Projeto*, abrem as portas à construção da primeira tópica freudiana em termos metapsicológicos apresentados em *A Interpretação dos Sonhos*.

Após realizarmos este percurso, buscando compreender as bases precedentes da teoria dos sonhos, estruturamos nosso segundo capítulo centrado na obra primordial de Freud sobre os sonhos. Nosso objetivo foi demonstrar, como o autor partiu dos estudos do trabalho do sonho para a construção de um modelo de aparelho psíquico propriamente dito, visto que tais estudos evidenciaram a Freud o modo de funcionamento deste aparato. Anunciamos a maneira como o autor realizou mudanças em sua formulação do aparelho psíquico, na passagem entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*. Nossa intenção foi demonstrar as principais mudanças efetuadas em relação a sua definição de Inconsciente.

No *Projeto*, Freud se referia ao Inconsciente como um estado de representação. Já em *A Interpretação dos Sonhos*, percebemos que o Inconsciente passa a ser definido como uma instância psíquica, a qual possui suas leis e características próprias. Esse passo foi fundamental para que fosse possível compreendermos as fontes que geram os sonhos. Nesse sentido, Freud começa a descrever o próprio modo de funcionamento do psiquismo, fundando a primeira tópica, ao evidenciar os sistemas *Pcs./Cs.* e o *Ics.* como localidades psíquicas. Com esse passo depreendemos que o trabalho com os sonhos foi fundamental para que o autor formalizasse o modo de funcionamento psíquico, pois passou a sustentar a existência de dois sistemas que se relacionam entre si. Assim, a concepção do Inconsciente freudiano e a formação dos sonhos são tributárias de leis de funcionamento próprio, o que tornou possível a separação do aparato psíquico em instâncias. O funcionamento psíquico, portanto, foi fundamentado em uma relação dinâmica entre essas instâncias.

Percebemos que em *A Interpretação dos Sonhos* a questão tópica se torna indissociável da questão dinâmica. Portanto, nosso próximo passo, ainda no segundo capítulo, foi compreender os mecanismos do recalque, para que pudéssemos vislumbrar o modo dinâmico de funcionamento psíquico. O estudo com os sonhos pode ter evidenciado a

Freud que os conteúdos recalçados estão presentes em todos os sujeitos. Ao definir a chave do recalçamento, o autor passou a descrever o desenvolvimento do aparelho psíquico primitivo, cuja principal função seria evitar o acúmulo de excitação se conservando o mais livre dessas. Para compreendermos esse desenvolvimento, foi necessário descrever a experiência de satisfação, o desejo, a realização alucinatória do desejo e, também, as sensações de prazer e desprazer. Neste ponto, compreendemos que os desejos sexuais recalçados da infância retornam em momentos posteriores do desenvolvimento. Essas moções são as responsáveis pela formação dos sonhos.

Finalizamos o segundo capítulo buscando entender de que modo o funcionamento psíquico é regulado por uma quantidade de afeto de origem sexual. Entendemos que o ponto de vista econômico começou a ganhar corpo quando Freud percebe que essa energia psíquica sexual funciona segundo um fator quantitativo. Para isso buscamos descrever a ampliação do conceito de afeto efetuada em *A Interpretação dos Sonhos* ao evidenciar que o trabalho do sonho ocasiona uma supressão deste. Efetuando esse passo, compreendemos que o conceito de afeto se articula diretamente com a própria sexualidade infantil e com o complexo de Édipo. É neste ponto que Freud passa a definir o sonho como uma formação de compromisso produzida pelo conflito de forças psíquicas, evidenciando assim, a primazia da economia psíquica. Com esse percurso efetuado foi possível entender que para Freud, existe uma estreita relação entre os aspectos metapsicológicos de sua teoria.

No terceiro e último capítulo da presente dissertação, buscamos compreender e demonstrar o modo como Freud formalizou a tese sobre a existência de um aparelho psíquico, ao estabelecer sua metapsicologia sob as dimensões tópica, dinâmica e econômica. Percebemos a estreita relação entre esses aspectos metapsicológicos e sua interdependência quando Freud distingue os sistemas psíquicos de acordo com o investimento de energia pulsional.

Descrevemos a tese freudiana de aparelho psíquico, enfatizando as observações de Freud acerca das localidades psíquicas. O autor compara este aparelho com um instrumento composto, denominando de instâncias as partes desse aparelho que possuem uma relação espacial entre si, de modo que a excitação atravessa as partes do aparato em uma sequência temporal. Compreendemos que o aparelho psíquico é dotado de uma direção, onde a atividade psíquica se inicia por estímulos internos ou externos terminando nas inervações. Abordamos o conceito de regressão da libido a fim de compreendermos o modo de representação topográfica do aparelho psíquico. Em um sentido tópico, a regressão é o retorno da excitação, através das instâncias que formam o aparelho psíquico. Ela designa um

retorno da libido a modos de organização psíquica primitivos.

A partir das concepções de Freud sobre o trabalho do sonho, buscamos entender como este formalizou a dinâmica do psiquismo. Para isso, resgatamos a formalização do quadro esquemático do aparelho psíquico, descrito desde seus primórdios. Também compreendemos que fatores do trabalho do sonho, como a condensação e o deslocamento, são exemplos do modo de funcionamento da dinâmica psíquica. A interação desses dois processos evidenciou a Freud a censura como sendo responsável pela deformação que ocorre nos pensamentos latentes a partir do trabalho do sonho. A censura passa a ser definida como uma função que se exerce na fronteira entre as duas instâncias psíquicas.

Também buscamos compreender o ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana a partir da teoria onírica, pois o sonho tem como objetivo recolocar sob o controle do *Pcs.* a excitação vinda do *Ics.* O estudo dos sonhos, portanto, se tornou uma via para nossa compreensão da estrutura e modo de funcionamento do aparelho psíquico. Como o sonho é um dos exemplos primordiais do processo primário, buscamos descrevê-lo, assim como os processos secundários, visto que a energia psíquica percorre o aparelho de uma maneira livre, como acontece no Inconsciente, e de uma maneira ligada como ocorre no Pré-consciente.

Finalizamos o último capítulo buscando entender a análise efetuada por Freud de suas hipóteses teóricas em *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911/1996), onde o autor examina a partir de outro viés seus já discutidos conceitos de princípio de prazer e de realidade como sendo os responsáveis por governarem o funcionamento do aparelho psíquico. Esse passo foi fundamental para obtermos um vislumbre das futuras conceituações metapsicológicas de Freud.

Com este percurso teórico, foi, enfim, possível compreender que a teoria erigida por Freud em relação ao trabalho do sonho foi a via régia que o encaminhou às noções fundamentais de sua metapsicologia. Estabelecida, especificamente, a partir da definição do psiquismo sob as dimensões tópica, dinâmica e econômica. Compreendemos que tais explicações metapsicológicas fundamentam as explicações clínicas pois, elas repousam sobre a convicção da existência do Inconsciente, justamente o objeto de investigação do qual parte toda a prática analítica. Por tais razões, esperamos ter demonstrado a relevância do estudo das ideias matrizes de Freud. A partir do percurso que efetuamos, esperamos ter deixado claro que sua apreensão trouxe a possibilidade de aprofundamento teórico além da contribuição para nossa prática clínica diária.

Já em vistas a concluir a presente dissertação compreendemos que os fatores que contribuíram para a constituição da teoria psicanalítica são: a ênfase na vida pulsional

(afetividade), na dinâmica mental, no fato de os mesmos fenômenos mentais aparentemente arbitrários possuírem um significado e uma causa, a teoria do conflito psíquico e da natureza patogênica do recalque, a noção de que os sintomas constituem satisfações substitutivas, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual e, os primórdios da sexualidade infantil.

Com este percurso também foi possível perceber que a análise dos sonhos levou Freud a lugares imagináveis pois, demonstrou que os sonhos se constituíam da mesma maneira que os sintomas. Como os últimos, eles parecem sem sentido, mas, após efetuarmos uma análise aos moldes freudianos, somos levados de seu conteúdo manifesto a seu significado latente. Foi a partir de sua experiência clínica que Freud passa a definir o sonho como uma realização disfarçada de um desejo recalcado.

A partir da comparação efetuada por Freud (1924[1923]/1996) entre o sonho e o sintoma, pôde-se perceber que o sonho não constitui um sintoma, mas é produto da mente de todos os sujeitos. Os desejos que eles representam são os mesmos recalcados na neurose. A diferença reside no fato de que os sonhos devem sua gênese a circunstância favorável do recalque, já que durante o estado do sono que paralisa o movimento motor, a censura é mitigada.

Esperamos que tenhamos conseguido demonstrar, ao longo de nossa pesquisa, de onde partiu nossa questão, as origens de como Freud tratou o tema dos sonhos e, principalmente, que tenhamos conseguido demonstrar que a teoria dos sonhos foi a via régia para a construção da metapsicologia freudiana.

Encerramos a presente pesquisa, portanto, com mais pontos de interesse e novas questões a serem investigadas. Entre eles, destacamos alguns. Poderíamos propor que sonhar seja equivalente a manter o desejo em funcionamento? Seria essa uma das funções do sonhar? Ou ainda, se o sonho é um dos meios possíveis de elaborar traumas, como alguns autores citados em nossa pesquisa propõem, como poderíamos compreender a relação entre essa função elaborativa de um trauma com a tese freudiana de que o sonho resgata desejos infantis sexuais recalcados? Cientes que Freud (1920/1996) enfrentou essas questões ao lidar com os sonhos traumáticos relatados por seus pacientes no período do pós-guerra, envidaremos esforços, em projetos futuros, para melhor compreendê-las objetivando ingressarmos nas considerações freudianas que forneceram as bases para a construção do que ficou conhecido como sua “segunda tópica”.

REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, T. A. M. (2005). *O Sonhar Restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. Editora 34.
- Cardoso, M. (2017) O Esquecimento da Metapsicologia. *Die Hexe Revista de Psicanálise*, 1(1).
- Cromberg, R. U. (2021). Sonhos para Renata. In Pereira, A. B. & Coelho Jr., N. E. (org). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (pp. 157-175). Zagodoni.
- Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D. & Gurski, R. (org). (2020). *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica.
- Freud, S. (2013). *Sobre a Concepção das Afasias*. Autêntica. (Obra original publicada em 1891).
- Freud, S. (1996). Prefácio e notas de rodapé à tradução das Conferências das terças feiras, de Charcot. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. 1, pp.). Imago. (Obra original publicada em 1892-94).
- Freud, S. (1996). Esboços para a Comunicação Preliminar. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol.3). Imago. (Obra original publicada 1940-41[1892]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 32. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. 1, pp.). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 69. In: S. Freud. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 64. In: S. Freud. *Obras*

- Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 1).
(Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 52 In: S. Freud. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 1).
Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Breuer, J. (1996). Caso 1 - Srta. Anna O. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 2, pp.). Imago. (Obra original publicada 1893).
- Breuer, J. & Freud, S. (1996). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 2, pp.). Imago. (Obra original publicada 1893a).
- Freud, S. (1996). Casos clínicos. In: Estudos Sobre a Histeria. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.2, pp.).
Imago. (Obra original publicada em 1893b).
- Freud, S. (1996). Charcot. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.3, pp.). Imago. (Obra original publicada em 1893c).
- Freud, S. (1996). *Estudos sobre a Histeria*. In: S. Freud. (Vol. 2). Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). As Neuropsicoses de Defesa. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 3, pp.). Imago. (Trabalho original publicado em 1894).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

- Freud, S. (1996). Prefácio à Tradução de De La Suggestion, de Berheim. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. 1). Imago (Obra original publicada em 1888-9).
- Freud, S. (1996). Resenha de Hipnotismo, de August Forel. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. 1). Imago (Obra original publicada em 1889).
- Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos (I). In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 4). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos (II). In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 5). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). Sobre os Sonhos. In: S. Freud. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 5). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). O Método Psicanalítico de Freud. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.7). Imago. (Obra original publicada 1904[1903]).
- Freud, S. (1996). Fragmento da Análise de Um Caso de Histeria. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.7). Imago. (Obra original publicada 1905[1901]).
- Freud, S. (1996). Tratamento Psíquico (ou anímico). In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.7). Imago. (Obra original publicada 1905).
- Freud, S. (1996). Cinco Lições de Psicanálise. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de*

- Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.11). Imago. (Obra original publicada 1910[1909]).
- Freud, S. (1996). Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 11). Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1996) História do Movimento Psicanalítico. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996) O Inconsciente. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915a).
- Freud, S. (1996) Os Instintos e suas Vicissitudes. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915b).
- Freud, S. (1996). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (I e II). In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.15). Imago. (Obra original publicada 1916[1915-16]).
- Freud, S. (1996). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (III). In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.16). Imago. (Obra original publicada 1917[1916-17]).
- Freud, S. (1996). Além do Princípio do Prazer. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e a Análise do ego. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 18). Imago. (Trabalho

original publicado em 1921).

Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1996). Observações Sobre a Teoria e Prática da Interpretação dos Sonhos. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).

Freud, S. (1996). Uma breve descrição da psicanálise. In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1924[1923]).

Freud, S. (1996). Uma nota sobre o bloco mágico. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol.19). Imago. (Obra original publicada 1925[1924]).

Freud, S. (1996). Psicanálise. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.20). Imago. (Obra original publicada 1926).

Freud, S. (1996). Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.22). Imago. (Obra original publicada 1933[1932]).

Freud, S. (1996). Análise Terminável e Interminável. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol.23). Imago. (Obra original publicada 1937).

Freud, S. (1996). Moisés e o Monoteísmo. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol.23). Imago. (Obra original publicada 1939[1934-38]).

Freud, S. (1996). Esboço da Psicanálise In: S. Freud, *Obras Psicológicas Completas de*

Sigmund Freud: Edição standard brasileira (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).

- Figueiredo, L. C. & Souza, O. (2021). Oniricopandemia: reflexões, expansões e desdobramentos. In Pereira, A. B. & Coelho Jr., N. E. (org). In: *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. (pp. 41-57). Zagodoni.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. (8ª.ed. Vol. 2). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1993).
- Garcia-Roza, L. A. (2015). *Freud e o Inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1985).
- Green, A. (2010). Do “Projeto” à “Interpretação dos Sonhos”: Ruptura e fechamento”. *Rev. Bras. Psicanálise*, 44(1).
- Gurfinkel, D. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*. Escuta.
- Iannini, G., Rodrigues, C., Britto, A. L. S., Souza, A. P. M., Moreira, I. G., Werneck, J., Monteiro, J. M., Brun, O. A. (2021). Pós-Escrito. In Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D. & Gurski, R. (org), *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. (pp. 25-33). Autêntica.
- Iannini, G., Rena, A. C. C. B., Britto, A. L. S., Cabral, A. G. A., Bossa, D. F., Siqueira, F. G., Soares, G. A., Moreira, I. G., Monteiro, J. M., Brun, O. A. (2021). “Casa”: Sonhos infamiliares. In Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D. & Gurski, R. (org), *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. (pp. 35-69). Autêntica.
- Iannini, G., Gerber, K. F., Cárdenas, O. D. M., Tvardovskas, L. S., Rodrigues, G. H., (2021). “Presente”: Tempos de sonhar. In Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D. & Gurski, R. (org), *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. (pp. 71-107). Autêntica.

- Imbrizi, J. M., Silva, M. D., Lemos, I. M., Teixeira, L. C. & Rosa, M. D. (2021). In Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D. & Gurski, R. (org), *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. (pp. 171-192). Autêntica.
- Jones, E. (1989). *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. (Vol. 1). Imago. (Obra original publicada em 1970).
- Maia, M. V. M. & Pinheiro, N. N. B. (2008). Um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos: reflexões sobre sonhos e atos agressivos na adolescência. *Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*, 5(1).
- Mezan, R. (2021). Sonhos na pandemia. In Pereira, A. B. & Coelho Jr., N. E. (org). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. (pp. 57-74). Zagodoni.
- Masson, J. M. (1986). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Imago.
- Pereira, A. B. & Coelho Jr., N. E. (2021). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. Zagodoni.
- Pinheiro, N. N. B., Lustoza, R. Z., & Pinheiro, D. P. N. (2019). Pesquisa em Psicanálise na Universidade: seguindo o método freudiano. *Analytica*, 8 (15).
- Ribeiro, S. (2019). *O Oráculo da Noite – a história e a ciência do sonho*. Companhia das Letras.
- Ribeiro, P. C. & Carvalho, M. T. M. (2021). Trauma, enigma e sexualidade nos sonhos da pandemia. In Pereira, A. B. & Coelho Jr., N. E. (org). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. (pp. 103-114). Zagodoni.